

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

LUCAS SCARPINI DE SOUZA

**O NEGACIONISMO DO HOLOCAUSTO E O USO PÚBLICO DO
PASSADO NA INTERNET:
DO VÍDEO DA EMBAIXADA DA ALEMANHA NO BRASIL AO
FACEBOOK**

**CAMPO MOURÃO – PR
2022**

LUCAS SCARPINI DE SOUZA

**NEGACIONISMO DO HOLOCAUSTO E O USO PÚBLICO DO
PASSADO NA INTERNET:
DO VÍDEO DA EMBAIXADA DA ALEMANHA NO BRASIL AO
FACEBOOK**

Trabalho de qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: História Pública

Orientador: Dr. Fábio André Hahn

Coorientador: Dr. Leandro de Araújo Crestani

**CAMPO MOURÃO – PR
2022**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Scarpini de Souza, Lucas
O NEGACIONISMO DO HOLOCAUSTO E O USO PÚBLICO DO
PASSADO NA INTERNET: DO VÍDEO DA EMBAIXADA DA
ALEMANHA NO BRASIL AO FACEBOOK / Lucas Scarpini de
Souza. -- Campo Mourão-PR, 2022.
122 f.: il.

Orientador: Fábio André Hahn.
Coorientador: Leandro de Araújo Crestani.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em História Pública) -- Universidade
Estadual do Paraná, 2022.

1. História Pública Digital. 2. Negacionismo. 3.
Holocausto. 4. História Digital. I - André Hahn,
Fábio (orient). II - de Araújo Crestani, Leandro
(coorient). III - Título.

LUCAS SCARPINI DE SOUZA

NEGACIONISMO DO HOLOCAUSTO E O USO PÚBLICO DO PASSADO NA
INTERNET:
DO VÍDEO DA EMBAIXADA DA ALEMANHA NO BRASIL AO FACEBOOK

BANCA EXAMINADORA

Dr. Fábio André Hahn –UNESPAR, Campo Mourão-PR (Orientador)

Dr. Leandro de Araújo Crestani –FAG, Toledo-PR (Co-Orientador)

Dr. Vanderlei Sebastião de Souza – UNESPAR, Campo Mourão-PR

Dr. Márcio José Pereira – UEM, Maringá- PR

Dr. Marcos Eduardo Meinerz– UNESPAR, Campo Mourão-PR

Data de Aprovação

20/12/2022

Campo Mourão – PR

RESUMO

SOUZA, Lucas Scarpini. **Negacionismo do Holocausto e o uso público do passado na internet: do vídeo da Embaixada da Alemanha no Brasil ao facebook.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2022.

Esta pesquisa busca compreender, por meio da história pública digital, a ascensão do negacionismo do holocausto na internet e a forma como ele é negado. A polarização político-partidária e o antipetismo, pautas propagadas nas redes sociais entre 2018 e 2020, são fatores importantes para compreender como o negacionismo do holocausto acontece. Usando a webetnografia, o trabalho busca fazer uma análise de como o vídeo publicado pela embaixada da Alemanha em Brasília e pelo Consulado Geral em Recife, de 2018, revelam um movimento negacionista nas redes sociais, cujos comentários são o reflexo do início de um processo de polarização partidária, e um projeto político ideológico que, no presente, toma grande parte dos espaços de discussão na internet. O negacionismo presente nos comentários do vídeo demonstram como as narrativas, construídas a partir da história por diferentes públicos digitalmente, dialogam nas redes, tensionadas pelo acesso ininterrupto a novas tecnologias de comunicação. Portanto, a negação do Holocausto não é explícita, ao contrário, ela se manifesta de forma inocente, muitas vezes como uma opinião, o que a torna nociva. No primeiro momento, o texto busca compreender como essa tensão partidária, presente nos comentários, reflete os usos das memórias traumáticas do Holocausto e do nazismo e se torna combustível para falas negacionistas na internet. No segundo momento, a webetnografia é usada na forma de metodologia de postagens periódicas a fim de compreender como esses usos públicos da história se manifestam, emitem opinião e negam o holocausto nas redes sociais. No Terceiro momento, recapitulam-se as discussões feitas, bem como o material coletado no facebook para ponderar como o Holocausto é visto nas redes sociais.

Palavras-chave: História Pública Digital. Holocausto. Negacionismo.

ABSTRACT

SOUZA, Lucas Scarpini. **Holocaust denialism and the public use of the past on the internet: from the video of the German Embassy in Brazil to facebook.** Dissertation. Graduation Program in Public History – Master's degree. State University of Paraná, Campus Campo Mourão. Campo Mourão, 2021.

This research seeks to understand, through digital public history, the rise of holocaust denialism on the internet and the way it is denied. Political-party polarization and against PT (Workers' Party in Portuguese acronym), guidelines propagated on social networks between 2018 and 2020, are important factors to understand how holocaust denialism happens. Using webetnography, the work seeks to analyze how the video published by the German Embassy in Brasília and by the General Consulate in Recife, in 2018, reveals a denialist movement in social networks, whose comments are a reflection of the beginning of a process of partisan polarization, and an ideological political project that, at present, takes up most of the discussion spaces on the internet. Denialism present in the video's comments demonstrate how the narratives, built from the story by different audiences digitally, dialogue in the networks, tensioned by the uninterrupted access to new communication technologies. Therefore, Holocaust denial is not explicit, on the contrary, it manifests itself in an innocent way, often as an opinion, which makes it harmful. At first, the text seeks to understand how this partisan tension, present in the comments, reflects the uses of traumatic memories of the Holocaust and Nazism and becomes fuel for denialist speeches on the internet. In the second moment, webetnography is used as periodic postings methodology to understand how these public uses of history manifest themselves, express opinions and deny the holocaust on social networks. In the third moment, the discussions held are recapitulated, as well as the material collected on facebook to ponder how the Holocaust is seen on social networks.

Keywords: Digital Public History. Holocaust. Denialism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dados que podem ser exportados	89
Figura 2 - Dados sobre o gênero e idade dos seguidores da H.S.F.....	91
Figura 3 – Imagem da publicação 1	94
Figura 4 – Imagem dos comentários da publicação 1	95
Figura 5 – publicação 2	96
Figura 6 – publicação 3	98
Figura 7 – Imagem da publicação 4.....	100
Figura 8 – Palavras mais utilizadas nos comentários da quarta postagem da H.S.F.	101
Figura 9 – Imagem da publicação 5.....	103
Figura 10 – Imagem da publicação 6.....	104
Figura 11 – Imagem da publicação 6.....	107
Figura 12 – Imagem da publicação 6.....	109
Gráfico 1 – Porcentagem de cidades que interagem com a H.S.F.....	92
Tabela 1 – Dados exportados em novembro de 2021.....	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – AUTORITARISMO NA INTERNET E NO BRASIL: COMO O FACEBOOK SE TORNOU PALCO DE UM ESPETÁCULO NEGACIONISTA	14
1.1 NEGACIONISMO E REVISIONISMO: UMA BREVE COMPREENSÃO DOS TERMOS.....	17
1.2 O HOLOCAUSTO E A ASCENSÃO DA NEGAÇÃO.....	30
1.2.1 Usos do passado, nazismo e negacionismo	37
1.2.2 Usos do passado e historiografia brasileira: negacionismo e nazifascismo na internet ..	42
CAPÍTULO 2 - O VÍDEO DA EMBAIXADA DA ALEMANHA NO BRASIL: UMA FACETA DO NEGACIONISMO NA REDE	52
2.1 REDE, WEBETNOGRAFIA E ETNOGRAFIA VIRTUAL: METODOLOGIAS DE PESQUISA NO FACEBOOK	57
2.2 O VÍDEO DA EMBAIXADA ALEMÃ, NAZISMO DE ESQUERDA E ANTIPETISMO EM 2018	61
2.3 DA CENTRALIZAÇÃO MUDIÁTICA BRASILEIRA À VIRTUALIZAÇÃO DO NEGACIONISMO PELAS MÃOS DO CIBERPOPULISMO	68
2.4 O NEGACIONISMO EM JOGO, AS PAUTAS DA DIREITA ATACADAS NA REDE	71
CAPÍTULO 3 – HISTÓRIA SEM FRONTEIRAS: UM EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO DOS PÚBLICOS ONLINE	83
3.1 AS PUBLICAÇÕES SOBRE O HOLOCAUSTO	85
3.2 O PÚBLICO DA REDE SOCIAL HISTÓRIA SEM FRONTEIRAS	89
3.3 COMENTÁRIOS E REAÇÕES AS POSTAGENS.....	92
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

Compreender como as mídias digitais e tecnologias da web 3.0, bem como a virtualização das relações sociais afeta a vida das pessoas não é um fenômeno de estudo necessariamente novo, pois diversos pesquisadores já se debruçaram sobre o tema e escreveram sobre. Do mesmo modo, o estudo do negacionismo e revisionismo também não são novos, ao contrário, tais temas são presentes em simpósios, livros, teses e artigos; ou seja, muito já se produziu. Portanto, qual seria o interesse ao discorrer sobre tais fontes? O que há de novo nesta pesquisa que possa contribuir com os estudos de mídias digitais e negacionismo? Acredito¹ que para tal explicação é necessária uma breve contextualização.

No decorrer da minha trajetória, deparei-me com a necessidade de discussão dessa temática: a banalização da concepção de negacionismo nas redes. A princípio fiquei receoso em trabalhar o tema, não por se tratar de algo comum e debatido tanto no campo acadêmico, quanto na mídia, como são os estudos do negacionismo e revisionismo, ou por ser uma área de discussão, como são os debates sobre ciberpopulismo e tramas na rede, mas porque nunca havia tido o interesse em pesquisar qualquer coisa sobre isso. Durante minha graduação, aproximei-me muito da história oral e dos debates acerca do regionalismo, pioneirismo e recolonização. Então, simplesmente não conseguia me imaginar discorrendo sobre textos que não envolvessem esses assuntos. Claramente faltava amadurecimento de minha parte para pensar algo que fosse fora da vertente da qual estava me acostumando.

Porém, no decorrer da pós-graduação e construção desta pesquisa, aproximei-me dos estudos da História Pública Digital. Autores como Serge Noiret e André Parente passaram a fazer parte da minha leitura de cabeceira. Aos poucos fui inserido nesse universo sobre o qual, hoje, escrevo. Soube, então, que essa era a perspectiva pela qual gostaria de pesquisar. Passei a imaginar um objeto que aproximasse minha paixão pelo regionalismo e que, de alguma forma, contemplasse a história pública digital. Contudo, quanto mais lia história pública digital, mais gostava da área.

Reuniões aqui e ali com meu orientador, nos fizeram passar (digo ‘nos’, pois foi uma sugestão dele) a pensar a temática do nazismo e negacionismo. A princípio tive sugestões norteadoras de leitura do tema, e aos poucos pude me aproximar de grupos de estudos e pesquisas mais recentes na área. Dessa forma, pude criar um pequeno estado do conhecimento sobre a temática, e alguns autores, como Fernando Nicolazzi, Luís Edmundo Souza Moraes, Marcos Napolitano e Jurandir Malerba (com os quais já tinha tido contato na graduação),

¹ Esta parte do trabalho foi desenvolvida em primeira pessoa por abordar a trajetória pessoal do pesquisador.

retornaram com um peso maior e um olhar mais atento, e assim como aqueles que dissertam sobre história pública digital, passaram a fazer parte das minhas leituras cotidianas.

Porém, ainda me faltava algo. Foi então que passei a pensar em como as redes sociais, multifacetárias e transinterdisciplinares, criavam uma estética visual marcante em vídeos como os do grupo Brasil Paralelo. Passei, portanto, a refletir o porquê de esses grupos terem um viés de confirmação e uma resposta tão positiva por parte dos mais jovens que os acompanham. Pensando sob essa perspectiva, aproximei-me dos estudos do Laboratório de Estudos Sobre os Usos do Passado (LUPPA), e em diálogo com textos de professores como Fernando Nicolazzi, Caroline Bauer e Arthur Ávila, resolvi pesquisar o conceito de revisionismo apologético e negacionismo. Nesse momento tive dificuldade, visto que tais conceitos não foram ainda cristalizados pela historiografia. Não há, em dicionários conceituais da história e da historiografia brasileira, uma descrição precisa para tais conceitos. Bastou refletir sobre algumas coisas e ponderar sobre certos recortes, e logo mais estava pensando em como o conceito de negacionismo estava sendo utilizado nas redes sociais.

Portanto, esta pesquisa nasce como uma tentativa de compreender, por meio da história pública digital, a ascensão da relativização do negacionismo na internet, bem como a forma com a qual este conceito foi banalizado. Usando da etnografia digital e da webetnografia, busco fazer uma análise de como o vídeo publicado pela embaixada da Alemanha em Brasília e pelo Consulado Geral em Recife de 2018 (nosso objeto aqui) apontam para uma consequência explícita do negacionismo do Holocausto, o que muito fala sobre o orgulho e a memória dos públicos que performam nas redes, tensionados pelo fácil acesso a novas tecnologias.

Para tais objetivos serem alcançados, é necessário compreender como as palavras negacionismo e negar as ciências vêm, nos últimos anos, sendo usadas constantemente pela mídia. Em 2020, o negacionismo quase se tornou sinônimo para um comparativo das falas do presidente Jair Bolsonaro, justamente por se tratar de uma figura pública controversa e cuja repercussão de falas gera visualizações para inúmeros sites. Quando afirmo que a palavra negacionismo foi banalizada, não me refiro ao fato de que muitas pessoas a repetiram e, portanto, ela perdeu seu significado original. Isto, a meu ver, não é um problema², de forma alguma, até porque tal feito abre espaços para novas pesquisas³ e discussões (inclusive esta). Não quero ser um clubista e afirmar que palavra X ou Y pertence a somente um grupo de

² Até porque a linguagem é viva e, conseqüentemente, o significado das palavras tendem a mudar.

³ Como exemplo, podemos falar sobre as pesquisas de Duarte e César (2020), que tratou o negacionismo como estratégia política do governo e a banalização das mortes e da *naturalização da clivagem entre vidas valiosas, vidas submetidas a processos de menos-valia e vidas descartáveis*.

pessoas⁴ e, portanto, somente historiadores ou linguistas (cientistas em geral) podem falar de negacionismo, pois estes estudam sobre o assunto.

Portanto, o problema não está no fato de as pessoas usarem a palavra. O que me preocupa são os abusos de que, ao utilizá-la sem os devidos preceitos e cuidados, podem, vão e estão levando a um distanciamento conceitual. O que me leva a pensar que compreender os usos e abusos do conceito, bem como uma possível contextualização e conceitualização do termo, é mais importante, ainda, seja para esta pesquisa, seja para pesquisas futuras. É necessário ter cuidado para que não se distorça seu sentido histórico-político-ideológico.

Não é preciso ir longe para ver como a história é usada e abusada, basta observar figuras como Renan Calheiros (MDB) – AL comparando a atuação do Estado Brasileiro em detrimento das mortes por Covid-19 com o Holocausto⁵. Este é um abuso do passado. Chamo de abuso porque, primeiro, a fala dele retira toda a contextualização que envolve o Holocausto. Os motivos pelos quais os nazistas matavam estava ligado a uma construção de nação eugênica.

Fica claro que essa apologia feita por Renan Calheiros é um comentário político-ideológico que faz uso de um passado traumático, em um contexto traumático, cuja finalidade é simplesmente política. Contudo, seu objetivo é fazer com que o espectador faça um julgamento moral.

Tal comentário tem como base uma argumentação falaciosa que é irreal. Não se trata de equiparar qual dos casos é o pior, mas de entender que as mortes do Holocausto e as mortes pela Covid-19 são diferentes. Esse discurso do Renan Calheiros é, sem sobra de dúvidas, uma forma de uso do passado com propósitos claramente políticos, e são comparações como essas que reafirmam a necessidade de refletir o negacionismo do Holocausto nas redes. Por isso, compreender como o negacionismo nasce enquanto conceito, qual a relação do Holocausto com o surgimento desse termo, e de que forma ele é negado em discursos como esse, principalmente nas redes sociais, é um trabalho importante.

Para tanto, esta pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro disserta sobre algumas reflexões em relação à Manifestação de Chemnitz (importante marco para esta pesquisa), alguns acontecimentos que precedem a criação do vídeo publicado pela Embaixada

⁴A escrita da história não é e nem pode ser prerrogativa, propriedade de quem quer que seja, mas há que se manter a crítica permanente do que se veicula como historiografia, pois se trata da formação da consciência histórica de homens e mulheres “[...] não há definição de qualidade a priori em qualquer forma de apresentação, pois há trabalhos de ótima e péssima qualidade, historiadores bons e historiadores ruins, independentemente de produzirem história acadêmica ou popular” (MALERBA, 2013, p. 42-43).

⁵ Este ocorrido é abordado com mais profundidade nos capítulos que se seguem, mas vale ressaltar que o senador viu uma semelhança tenebrosa (WERNECK, 2021) entre o Brasil de Jair Bolsonaro e o Holocausto fruto da Alemanha Nazista.

da Alemanha, e como o clima de polarização política que o Brasil se encontrava vinha sendo construído desde o impeachment que retirou a então presidenta Dilma Rousseff da presidência da república. Essa aclimação decisoramente ideológica, como um espectro de algumas características da formação do país e do sujeito brasileiro, foi propagada pela mídia e conglomerados midiáticos, assim como nas redes sociais.

Em outras palavras, usam e abusam de conceitos e eventos da história em prol de defender temáticas como patriotismo, nação, defesa da sagrada religião e família, que podem ser vistas nos discursos online. O autoritarismo e sua defesa por parte desses públicos na rede (internautas) podem ser observados em vários lugares. Não é necessário ir muito longe para encontrar sujeitos declamando “fora comunistas”, ou que “Hitler era de esquerda”, ou pior ainda, alegando que o Holocausto é uma invenção judaica. Esses internautas questionam o fato de o nazismo ser de direita, e na medida em que o fazem, agem como negacionistas históricos, tanto do Holocausto quanto da ciência histórica.

Mas, por que fazem isso? Por que agem como negacionistas? Por que negam o holocausto? E de que forma negam? Parte desta pesquisa se propõe a buscar respostas para esses apontamentos. Para tanto, a diferença entre revisionismo e negacionismo é abordada, na medida em que se busca definir tais temas, que apesar de bem debatidos, ainda parecem confusos. Também são apresentadas algumas instituições e grupos que criaram uma rede de difusão do conhecimento histórico relacionado às temáticas do Nazismo, Holocausto e os Usos do Passado. Essas iniciativas são destacadas por conta de sua atuação em rede, isto é, sua interdisciplinaridade, e pelo combate à desinformação e abusos do passado.

Na medida em que esses projetos são salientados, a pesquisa busca ressaltar a importância de compreender a internet como um espaço heterogêneo em que as linguagens se confundem e se reforçam por diversos vieses de confirmação (ou confrontação). Por fim, ilustra-se a riqueza de obras, pesquisas e biografias de historiadores brasileiros que trabalham com a temática do nazismo no país. Este estado do conhecimento visa à necessidade de ressaltar a importância da discussão historiográfica brasileira sobre o nazifascismo (e conseqüentemente do negacionismo). É claro que autores internacionais estão compondo esta pesquisa, mas os estudos brasileiros recebem enfoque especial nessa subseção.

O capítulo segundo disserta especificamente sobre como o vídeo publicado pela embaixada da Alemanha em Brasília e pelo Consulado Geral em Recife, postado em 2018, representam um sintoma desse negacionismo brasileiro. Nos discursos desses internautas fica perceptível que é inconcebível associar nazismo e direita, visto que um seria moralmente errado (nazismo e holocausto), e outro não (o projeto político defendido por eles). À primeira

vista, pode parecer que esse evento (a postagem e sua repercussão) é fruto apenas do processo de polarização político-partidária que o Brasil estava vivendo. Porém, as discussões, os revisionismos sobre direita e esquerda e o negacionismo do nazismo e do holocausto ali presentes, são mais complexas do que aparentam.

O que está em jogo nos comentários do vídeo não é fato o de o Holocausto ter ou não existido, mas a ideia de que, ao ligar o nazismo com uma determinada pauta político-partidária, o orgulho de quem defende determinada pauta é atacado. Portanto, o negacionismo do Holocausto não acontece com afirmações explícitas de que ele não existiu, mas na negação discursava que questiona de qual campo político-econômico ele faz parte, e mesmo que anacronicamente, acusam quem deve carregar a culpa. O negacionismo do Holocausto acontece nesse caso, porque entre essas acusações, o cerne da discussão, é deixado de lado. O Holocausto, para os que comentam no vídeo, é apenas um ponto de partida que existe para provarem que estão certos ou errados. Usam e abusam da temática em prol de suas pautas político-partidárias, e nesse meio tempo, o Holocausto acaba sendo negado.

A ideia de que “A direita é boa, a esquerda que é má” é escrita pelo internauta que esbraveja através do teclado. Para esse sujeito, o moralmente errado não está no Holocausto, no genocídio, nem na tortura sofrida pelas pessoas em Auschwitz, está no fato de ligar direita e nazismo como partes de um mesmo processo histórico. Eis o local que se encontra a negação. Para desfazer tal associação, o internauta ameaça e nega tais comparações. Portanto, por meio da história pública digital e da webetnografia, busca-se compreender, em alguma medida, como o negacionismo do Holocausto é tratado nessa polêmica postagem pelos internautas.

O terceiro capítulo usa as tecnologias da webetnografia e etnografia digital para entender como o público amplo (este que comentou publicamente no vídeo da Embaixada) compreende algumas temáticas vinculadas aos tópicos discutidos no capítulo anterior. Para isso, o pesquisador usa seu acesso à página História sem Fronteiras, no Facebook. Foram feitas uma série de postagens que visam a instigar o público em relação ao tema. Mais especificamente, cinco postagens, cada qual dialogando com um aspecto específico dos eventos do Holocausto, como por exemplo, de onde vem o ódio dos nazistas para com os judeus, o porquê deste ódio e como foi construído na Alemanha nazista. Também serão usadas ferramentas disponibilizadas pelas próprias configurações do Facebook para a página para lidar com a classificação dos públicos, e de alguma forma compreender quem é esse público amplo. Fazer essas postagens tem o objetivo de auxiliar a compreensão de como os públicos entendem e interagem com o assunto, de que forma se expressam, e é claro, se são

negacionistas de fato. Mas de que forma essa instigação deve ter para alcançar a vontade de comentar e interagir de um público? Quanto se deve postar? Quais palavras usar? Como lidar com as reações? Como administrar e catalogar essas interatividades? E de que forma essas interações dizem algo sobre negacionismo do Holocausto?

Para responder tais questões, é necessário salientar a webetnografia, essa metodologia prevê uma série de mecanismos que visam compreender a forma com a qual um público interage com um tema. Dessa forma, as postagens alcançaram diferentes medidas e consequentemente diferentes observações. Através da webetnografia, foi perceptível enxergar alguns padrões nos comentários. Como alguns usuários que usavam apenas imagens para replicar outros, ou mesmo os que tratavam de temas paralelos, por exemplo, quando abordamos assuntos como “judaísmo” alguns expuseram reações contra o Estado de Israel que em favor da Palestina. Em outras postagens que tratavam de outros assuntos as postagens contra o Estado de Israel e a favor da Palestina se mantiveram, criando assim um padrão.

Portanto, foram feitas diversas experimentações com o objetivo de compreender essa esfera de discussão digital, e entender qual linguagem e público compõem essa esfera (usando as ferramentas de análise da própria página). E, é claro, se há negacionistas entre os que interagem nas postagens. Também foram feitas enquetes de votação online, isto é, de forma simples e direta, buscou-se compreender a maneira pela qual as pessoas interagem com o tema. Ao final do capítulo terceiro e nas considerações finais os dados obtidos no Facebook estão ponderados, de modo a compreender, na medida do possível, como contribuir com as discussões acerca do negacionismo do Holocausto na internet.

CAPÍTULO 1 – AUTORITARISMO NA INTERNET E NO BRASIL: COMO O FACEBOOK SE TORNOU PALCO DE UM ESPETÁCULO NEGACIONISTA

Em 28 de agosto de 2018, um grupo de ultradireitistas e neonazistas marcham contra imigrantes que habitam a cidade alemã de Chemnitz – DE. Entre os gritos de ódio dos *Hooligans*⁶ muitas saudações de Heil Hitler são feitas, relata o jornalista David Ehl para o *Deutsche Welle*. Essa passeata xenófoba logo ficou conhecida como A Manifestação de Chemnitz. Ela iniciou após diversos acontecimentos envolvendo um assassinato e promulgação de fake news por parte de grupos neonazistas, *White-pride* e ultradireitistas.

No domingo, a notícia da morte e os boatos culminaram numa situação altamente explosiva quando um grupo de hooligans convocou “fãs e simpatizantes” para se encontrarem num local e numa hora determinadas para, juntos, mostrarem “quem manda na cidade”. O grupo é vigiado pelas autoridades alemãs, que calcula que a cena de extrema direita em Chemnitz incluía entre 150 e 200 pessoas (EHL, 2018, p. 01, grifos do autor).

Após as manifestações, o governo alemão veio a público pronunciar sua repulsa ao evento e aos grupos que dele participaram. Segundo o porta-voz Executivo federal, Steffen Seibert: “O Estado de direito protege a todos e que ninguém, pense que pode se erigir em juiz. Trata-se de uma intolerável incitação xenófoba” (MÜLLER, 2018, p. 01). De fato, incitar ao nazismo, na Alemanha, é um ato criminoso, segundo o parágrafo 86 do Código Penal Alemão e, portanto, tal feito teve consequências em diversas mídias e órgãos governamentais ao redor do mundo, inclusive nas Embaixadas alemãs no Brasil. Para Muller:

O que ocorreu ontem [domingo] em Chemnitz, que pode ser visto parcialmente em alguns vídeos, não tem cabimento em nosso Estado de direito. Não há lugar na Alemanha para a justiça com as próprias mãos, nem para grupos que queiram propagar o ódio nas ruas, nem para a intolerância e o extremismo (MÜLLER, 2018, p. 01).

Já no Brasil a Embaixada da Alemanha em Brasília – DF e o Consulado Geral no Recife – RF, associados ao Ministério de Relações Exteriores⁷, publicaram um vídeo

⁶ Segundo *Michael Quinion*, A palavra *Hooliganismo* está vinculada ao comportamento *vândalo* associado aos fãs de esporte que comumente se juntam para causar confusões. A origem do termo vem da Irlanda e está vinculado a famílias que lá habitavam no século XIX, mas a palavra, em si, espalhou-se através de cânticos por toda Inglaterra, sendo o mais famoso a música *The hooligan Boys*. Devido a inúmeros processos históricos, os hooligans, assim como os Teddy boys e os skinheads, tornaram-se parte da cultura popular dos trabalhadores de Londres e, portanto, passaram a habitar as vielas da cidade, clubes de futebol e pubs. Devido às tensas relações entre irlandeses e ingleses, ela se tornou sinônimo para mal comportamento, refletida, é claro, pelas ações dos próprios hooligans, que incitavam brigas e comportamentos violentos, sendo usadas inclusive por autores como Conan Doyle e H.G. Wells para expressar atos de fúria.

⁷Do original em alemão: *Auswaertiges Amt*, Fundado em 1870 como: *Auswaertiges Amt des Deutschen Reiche*, atual sede em Berlim.

intitulado História na Alemanha com a direção de Daniel F. Warkentin. Este trata a relação entre os alemães e o nazismo, como lidam com a temática e, em suma, a importância de conhecer e preservar a história “para não repeti-la”. Contudo, a repercussão que o curta metragem tomou foi outra. Assim que publicado, no Facebook em 28 de agosto de 2018, os comentários de brasileiros indignados com o vídeo começaram a repercutir, criando um debate enorme sobre o passado nazista na Alemanha.

Neste debate os internautas trataram de classificar o nazismo como um regime cujas bases ideológicas estavam fundadas na esquerda marxista, inúmeras alegações surgiram, afirmando que o nazismo não era ultradireitista, mas sim socialista, comunista, e até mesmo petista, pois segundo os internautas brasileiros, O partido de Hitler não se chamava Partido do Trabalhadores Socialistas? Onde tem extrema direita? Entre tantas afirmações dos internautas, muito poderia ser enquadrado sob a perspectiva de Umberto Eco, quando afirma que “as redes sociais deram voz a uma legião de idiotas” (em entrevista a La Stampa). Contudo, que tais eventos, bem como a relação que nos interessa, aqui, devem ser vistas sobre uma perspectiva menos generalista e, portanto, merecem ser minimamente analisadas.

Compreender de que forma tais comentários refletem, em algum sentido, os fenômenos das fake news da Pós-verdade e do negacionismo pode ser um primeiro passo. Para isso, é preciso categorizar e explicar algumas coisas. É necessário organizar algumas ideias, pois a relação entre os fatos, para nós, verdades históricas já cristalizadas presentes no vídeo da Embaixada alemã e o efeito borboleta criado por ele, coloca em xeque pautas como, Em qual lugar fica a autoridade do historiador?, ou por que os negacionistas negam?. Gerando debates, tanto que já vinham sendo discutidos pelos pares na academia, quando pela ampla audiência que agora nas esferas públicas digitais, passa a questionar: nazismo é de esquerda? É impossível não ligar essas discussões diretamente com alguns tópicos, como a tensão política do país e a ascensão da influência das falas do então candidato à presidência Jair Bolsonaro. À parte isso, outra característica se destaca: é a relação entre orgulho e memória, descrita por Carl Gustav Jung. Ao ver sua direita sendo associada ao nazismo (mesmo defendendo características fascistas) e se sentindo atacado, esse internauta comenta na postagem, e ao fazê-lo, acaba distorcendo ou abusando de algumas características dos eventos históricos envolvidos no debate; portanto, age de forma negacionista. As redes sociais tornaram-se um espelho para o espetáculo do eu⁸. Nesse sentido, o orgulho de um dos grupos é esfacelado, esse negacionismo (de esbravejar dizendo que o nazismo é de esquerda, ou na

⁸ Referência ao livro *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*, da antropóloga brasileira Paula Sibilia.

tentativa de falar o quão mal é o terror vermelho, e assim diminuir as transgressões do nazismo) é uma resposta a isso. Não está ligado, diretamente, a um pensamento neonazista, ou à negação completa do Holocausto. Contudo, as características que compõem esse discurso, ali, naquele momento, naquele vídeo, desembocam em uma onda massiva de falas negacionistas que escondem o negacionismo do Holocausto.

O que está em jogo nessa postagem e na discussão dos comentários do vídeo, bem como no espectro que ronda os debates das redes sociais no período, como um todo, é o choque entre a memória e a história que cristaliza conceitos (ditadura foi ruim, nazismo é de direita, Holocausto existiu, entre outros) e o orgulho desses sujeitos, que foi ferido. Então, os indivíduos negam, repreendem e contestam a veracidade desses fatos para preservar a “sua verdade” ou “opinião” a respeito da história. O sujeito atesta a memória e a história. A alegação da memória, ao dizer fui eu que o fiz, alertando que o nazismo é de direita, cede ao orgulho inflexível, quando afirma que não posso ter feito isso.

Para compreender esse processo, as subseções que seguem trazem um breve levantamento da diferenciação dos termos *negacionismo* e *revisionismo*, buscando salientar a importância de compreender e distinguir ambos, na medida em que se trata de demonstrar como a *mass media* tratou de falar de negacionismo sem preocupar com sua conceitualização e contextualização, isto é, como relativizou seu conceito nos últimos anos.

Em um segundo momento, aborda-se o negacionismo do nazismo e do holocausto na internet brasileira. Para isso, o texto inicia demonstrando que, mesmo para o campo da teologia judaica, não há um consenso sobre alguns tópicos da área e, portanto, distinções em análises (aqui teológicas) sobre possíveis definições, causas, motivos e consequências do Holocausto, ou Shoá neste caso, não pertencem somente aos historiadores, dentro do campo teológico judaico: mesmo que situados em uma mesma vertente, há contradições, e isso é normal. Contudo, não deve ser confundido com o revisionismo/negacionismo, pois contradições como essas não devem ser usadas como combustível para ataques de ódio nas mídias.

Finalizando o primeiro capítulo, busca-se entender a ascensão do negacionismo na rede, e para tanto, apresentam-se grupos que se propõem a discutir as temáticas do nazismo, holocausto, bem como os usos e abusos do passado, seja na internet, seja na sociedade. Assim, há uma breve historiografia brasileira do nazifascismo e do negacionismo, pois esta é uma proposta que dialoga com a ideia de que o fenômeno nazista não pertence somente ao passado, tampouco está recluso ao continente europeu (CARVALHO; LUCAS, 2018).

Da mesma forma, esta pesquisa tem como proposta pensar o cenário brasileiro da internet e, portanto, pensar esse espaço com discussão baseada em escritos brasileiros. Uma historiografia brasileira do holocausto, nazifascismo e negacionismo é, ao mesmo tempo, um estado do conhecimento do que se pesquisa sobre o assunto no país, e um diálogo com os pares, na medida em que se faz divulgação científica.

1.1 NEGACIONISMO E REVISIONISMO: UMA BREVE COMPREENSÃO DOS TERMOS

Segundo o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2018), a comunicação digital ocorre de diversos modos, de forma imediata; por si só, ela é escandalosa, isto é, a comunicação através das redes é amorfa, efêmera, e se mobiliza por meio da indignação esporadicamente. Não tem curso próprio: os usuários de redes sociais e internet, como um todo, agem como um “exame descontrolado”. A sociedade da indignação é uma sociedade barulhenta: ela não tem compostura.

A desobediência, a histeria e a rebeldia – que são características das ondas de indignação – não permitem nenhuma comunicação direta e factual, nenhum diálogo, nenhum discurso [...]. As ondas de indignação indicam além disso, uma identificação fraca com a comunidade. Deste modo, elas não formam nenhum Nós estável, que apresente uma estrutura de zelo pela sociedade como um todo (HAN, 2018, p. 22).

O mais importante é que essa sociedade descrita por Han não precisa de mediação, não há mediadores. Por isso, nos últimos anos, devido à incansável virtualização dos meios de comunicação (sempre se atualizando e renovando), e às notícias aterradoras (clima se esvaindo, problemas econômicos se alastrando, conflitos ocasionados propositalmente) arremessadas constantemente pelas telas de nossos celulares têm nos passado a impressão que todos que usam redes sociais estão negando certos componentes que constituem importantes lugares nos processos históricos.

Negam, também, pesquisas científicas, e até mesmo conhecimentos e memórias que já haviam sido enraizadas no imaginário popular. Inúmeros comentários de ódio espalham-se pela rede mundial de computadores, e junto deles, uma gama enorme dessas falas parece carregar pesados pudores ideológicos desumanos, racismo, machismo e tantos outros ismos que deveriam estar sendo combatidos em rede. Parece que essa negação da ciência histórica vem tomando mais e mais espaço, sendo discutida fortemente nos anos 2000 pela historiografia e que, agora, ao que tudo indica, retorna ao seu auge, junto das coreografias do TikTok dos *streamers* e dos inúmeros *podcasts*.

O negacionismo nunca foi tão citado pela mídia. Dessa vez, junto de *gifs* e imagens que rapidamente se espalham, promove polêmicas em diversas áreas do conhecimento, intensificando debates e negando as ciências. Este é um fenômeno de difusão e propagação, evento este que deve ser visto e combatido, caso contrário, pode acarretar discursos de revisionistas mal-intencionados e negacionistas que se perpetuarão nas linguagens digitais nas mais variadas formas, atingindo uma gama enorme de públicos cujo orgulho tende a ser inquebrável, e a memória, suscetível. Enxergo neste espaço de história pública, um lugar de debates, no qual o historiador público, digital ou não, deve se posicionar a favor da ciência. Esse show performático de comunicadores que distorcem a história a seu bel-prazer é perigoso. Devemos enquanto historiadores, estar atentos a esses acontecimentos para que os negacionistas não se passem por cientistas e que não se normalize a negação dos eventos históricos, seja do Holocausto ou de qualquer outro processo traumático.

Citado pela *mass media*⁹, o negacionismo emerge midiaticamente com e hoje, para o grande público, usuário de redes sociais e internet, pode parecer apenas outra forma de dizer eu nego. Ao mesmo tempo que contrai um grande interesse daqueles que pretendem aprofundar na História e dos processos que a envolvem e constituem, é usado como uma ferramenta de manutenção dos usos do passado. Grupos, conglomerados e divulgadores científicos alegam ser revisionistas, em uma tentativa de fugir do estereótipo do negacionista. Portanto, quaisquer pesquisas responsáveis que envolvam tais temáticas merecem destaque, pois assumem um patamar importante nos debates contemporâneos da história - disciplina, historiografia e pela memória, seus usos e abusos do passado¹⁰.

A palavra negacionismo/negacionista tem duas possíveis traduções no português e, portanto, pode causar confusão ao ser aplicada em nossa língua. Para o inglês, a palavra negacionismo está primeiramente vinculado com o ato de “negar o holocausto” ou *Holocaust*

⁹ *Mass media*, aqui, refere-se à forma como a grande mídia do entretenimento classifica os consumidores das diversas formas de cultura em grupos, tema discutido enfaticamente por Raymond Williams. Ao mesmo tempo, também é uma referência aos grandes conglomerados que monopolizam os meios de comunicação no Brasil, trazendo empecilhos à democratização do saber, conforme aponta Sonia Meneses (2018, p. 182), “a propriedade cruzada das mídias é um dos principais empecilhos a democratização da informação e combatida em diversos países [...] mas, no Brasil a questão continua paralisada pela influência dos grandes conglomerados que impedem que a discussão avance”.

¹⁰ Mesmo que exista muita pesquisa sobre o tema, a virtualização que passamos nos últimos anos faz com que seja alarmante lidar com a temática do negacionismo, repensando não apenas o uso da palavra e do conceito que traz consigo, mas também em como é utilizada pela mídia brasileira, pensando a trajetória dela no Brasil. Este é o objetivo central desta pesquisa: mapear o conceito e a rota pela qual o negacionismo do holocausto se popularizou digitalmente no país. A princípio, no capítulo 1º, trataremos do conceito e da diferença que ele pode ter embutido em si. No capítulo 2º discutiremos sobre a *viralização* deste conceito em 2018 e, por fim, no capítulo 3º, utilizaremos ferramentas midiáticas e a webetnografia para analisar como o público lida com a temática.

Denial, do verbo inglês *Denier*¹¹. Portanto, quando em inglês nos referimos ao ato, à ação de negar a ciência, diretamente o termo se vincula ao Holocausto, visto que ele surgiu como uma referência ao mesmo. O termo está vinculado ao verbo *denier*. Outras possíveis traduções para negacionista também existem como *negacionist* que comumente é associado por alguns dicionários ao sinônimo “revisionista”. Porém o radical da palavra não é inglês, mas sim francês.

Segundo os exemplos do dicionário colaborativo francês *Reverso*, o termo *Denier* traz uma série de exemplos linguísticos que dialogam com a temática do Holocausto. Sua definição traz comparações do caso *Denial* (A negação) envolvendo *Irving e Lipstadt*, além de frases como: “Racismo, antissemitismo, o cara é um negador do Holocausto” (tradução minha). Enquanto isso, a definição de *Negacionist* remete ao exemplo da figura do francês Robert Faurisson “Rejeitou a queixa do negacionista Robert Faurisson, que pretendia que a lei Gaysot atentava contra a sua liberdade de expressão e de ensino” (REVERSO [s.d.] tradução minha). Faurisson é famoso por ser negacionista do holocausto.

Em suma, o termo negacionismo nasce na França, pelas mãos do historiador Henry Rousso especialista em Segunda Guerra, ao dissertar sobre o fenômeno da Síndrome de Vichy. Apesar de escritores tratarem do assunto a um certo tempo. É Henry Rousso responsável por contextualizar e conceitualizar esse termo. E o mesmo faz isso ao explicar a relação entre a popularização das falas de certos grupos após 1945 que tentavam deslegitimar as mortes do Holocausto. Segundo Linard (2021, p. 02),

Cunhado por Henry Rousso (1987), o termo negacionismo esteve, desde sua gênese, associado às tentativas de negar a historicidade de certos fenômenos, sobretudo o Holocausto. Essa e outras formas de negacionismo apresentam-se, por vezes, como um direito à liberdade de expressão, assim como à liberdade de crença. Nesse movimento, indivíduos e grupos podem manifestar juízos contrários ao que é consenso em diversos campos científicos quando julgam que certos temas vão numa direção oposta aos seus princípios ideológicos ou religiosos. Um primeiro problema daí derivado decorre quando há pressões de cunho “religioso”, próximas de posturas fundamentalistas, que estimulam um movimento de negação e crítica à ciência em geral, exigindo medidas que ferem a laicidade do Estado, que não é confessional. Outro problema é que, em meio a isso, ocorre uma relação de proximidade entre posturas religiosas fundamentalistas e posicionamentos político-ideológicos extremistas com diversos tipos de negacionismo.

¹¹ Não por um acaso, *Denial* (2017) é o título original do filme dirigido por Mick Jackson, que trata sobre o caso de Negação do Holocausto envolvendo David Irving e Deborah Lipstadt. No Brasil, sua tradução foi *Negação* (2017).

Dessa forma a conceitualização do termo *negacionista* está intrinsicamente ligada com o ato de negar o Holocausto. É claro que isso não limita de modo algum o seu uso ou abuso para com o passado. Contudo, fica explícito que o conceito de negacionismo traz consigo um peso dos negadores do Holocausto. Em espanhol, francês e português, o negacionismo está ligado tanto à negação do Holocausto quanto à objeção de fatos que podem ser verificados nas ciências. Sua aplicação é ampla e, muitas vezes, é relacionado ao negativismo e ao revisionismo. Para Moraes:

Os termos “negacionismo/negacionista” tem ampla aplicação em língua portuguesa, em Francês e, em menor grau, em Espanhol. Em inglês e alemão o termo “negacionismo” é não mais do que marginal: Lá usa-se o descritor mais específico: “negação (ou negador) do holocausto”: *Holocaust Denial (Denier)*, *Holocaust Lugung (Leugner)*. Em todos os casos, estes termos têm substituído, com maior ou menor sucesso, o termo “revisionismo”, embora seu uso ainda se faça notar com frequência (MORAES, 2011, p. 04, grifos do autor).

Em todos os casos, o termo negacionismo está vinculado à ideia de negar algo, seja o Holocausto Nazista, sejam os parâmetros que constituem a ciência (evidências científicas). Contudo, a negação pela negação não faz sentido¹²: é uma falsa afirmação da construção do passado, ou seja, abuso de um passado imaginado. O negacionista falsifica o passado na medida em que se determina revisionista, em uma tentativa de criar vínculos com um público. O que deve ser levado em conta é que, na medida em que vociferam e autoproclamam revisionistas, buscam usar a autoridade do historiador para construir uma narrativa de passado. Segundo Cytrynowicz (2000, p. 05),

Com o negacionismo (que se autodenomina revisionismo apenas para confundir) não existe debate, não há interlocução. Os que pretendem negar a história não pertencem ao campo do debate em história. Não há no negacionismo nenhuma revisão da história, e a relação com este movimento deve ser exclusivamente no campo do combate político e dos tribunais de justiça.

O Negacionismo pode ser visto por diversas perspectivas, já foi chamado de revisionismo apologético por Habermas, e como já afirmou (MORAES [s.p.], 2011), “é um

¹² Quando se nega alguma coisa (no caso, aqui, o holocausto e o fato de o nazismo ser de direita) é porque se pretende algo. O negacionista que se diz revisionista faz uso do passado com um objetivo, uma proposta em mente. A negação e o negacionismo, neste sentido, podem ser confundidas, pois apesar de próximas, podem tomar rumos diferentes por conta de quem a usa, como é o caso do vídeo, por exemplo. Os que negam que o nazismo é de direita estão muito mais preocupados com a problemática de associar nazismo e direita do que negar que câmaras de gás tenham existido, ou que os judeus querem dominar o mundo. Eles não estão omitindo estes fatos conscientemente por simpatia ao nazismo (principalmente porque é paradoxal, os nazistas são de direita e sentem orgulho disso), mas pela construção que essas pessoas têm com a memória do que supostamente é ser de direita. A *negação* é, então, intrinsicamente ideológica, subjetiva e desinibida, por isso comentam sem medo de represálias.

fenômeno que não constitui um movimento político homogêneo [...] Os atos de construir argumentos e produzir escritos negacionistas e o ato de fazer uso destes argumentos e escritos podem e devem ser separados analiticamente”. Para uma análise mais concisa, vamos observar o negacionismo do Holocausto, ou *Holocaust Lugung*.

Os negacionistas não inventaram a negação do passado¹³ (MORAES, 2020). A ideia de negar o Holocausto está ligada a uma ação política de afastamento do regime de extermínio dos nazistas. Sobre isso, Bertonha (2000, p. 161) ironiza:

Uma das maiores ironias do negacionismo é que os nazistas autênticos, seriam os primeiros a se orgulharem do que fizeram e ficariam, muito provavelmente irritados com aqueles que negassem a eles a glória de ter erradicado da Terra os impuros e inferiores. O fato dos seus herdeiros terem que se desdobrar para provar o contrário e, assim, tentar uma ressurreição política, pode indicar que a sensibilidade da humanidade melhorou no tocante a essas questões. Apenas uma esperança, mas que só será confirmada no futuro.

Já Moraes (2020, 9m35s) defende a ideia de que “negar e silenciar era um projeto do nazismo”. “Mas apesar disso, isso nunca foi chamado de negacionismo” (MORAES, (2020, 9m57s). Assim como visto brevemente, para Moraes (2020), o termo negacionismo teria vindo tardiamente ao mundo. O conceito teria nascido tarde pelas mãos do historiador Henry Rousso, no ano de 1987, através do livro *Le syndrome de Vichy: de 1944 à nos jours* (Síndrome de Vichy: de 1944 até os dias atuais , em tradução minha).

É interessante ressaltar o fato de o conceito ser uma criação francesa, pois de acordo com o dicionário *Larousse* (s.d.), o termo negacionismo pode ser entendido como “Doutrina que nega a realidade do genocídio dos judeus pelos nazistas, em particular a existência das câmaras de gás (O termo *negação* é usado, por extensão, em conexão com outros genocídios ou certos massacres em grande escala)¹⁴ ”. Além disso, quando buscado na *web*, uma das primeiras opções de resultado apontadas está na plataforma de colaboração coletiva Wikipédia, cuja resposta aponta para uma tradução do francês:

¹³ Sobre os porquês de os nazistas conseguirem passar camuflados (ou com quase nenhuma evidência) em relação aos crimes cometidos na II Guerra (consequentemente o Holocausto) diante do mundo, a professora Berta Waldman (2015, p. 05) afirma “Os alemães queriam ser vistos como arianos nobres, heroicos, triunfantes e, ao mesmo tempo, eram assassinos de seres indefesos. Apregoavam o primeiro, executavam o segundo, e daí vem o extenso catálogo de frases feitas como *Arbeit macht frei* (*O trabalho liberta*) ou palavras como *Endlösung* (*Solução final*) como eufemismos para o crime. Mesmo que os nazistas tenham cometido crimes os mais terríveis, não queriam revelá-los. Eles não queriam permanecer na história como assassinos. A manipulação da linguagem, nesse caso, tem a função de forjar e edulcorar a história e seus acontecimentos”. A ideia de negação dos crimes parte dessa manipulação da imagem ariana, bem como o quadro geral de negações do Holocausto.

¹⁴ No original: *Doctrine niant la réalité du génocide des Juifs par les nazis, notamment l'existence des chambres à gaz. (Le terme de négationnisme s'emploie, par extension, à propos d'autres génocides ou de certains massacres à grande échelle)* (LAROUSSE [s.d.]).

Negacionismo (do francês *négalionnisme*) é a escolha de negar a realidade como forma de escapar de uma verdade desconfortável trata-se da recusa em aceitar uma realidade empiricamente verificável, sendo essencialmente uma ação que não possui validação de um evento ou experiência histórica (WIKIPÉDIA [s.d.], p. 01).

Duas características importantes para identificar os negacionistas (neste caso pertence ao Holocausto) são apontadas pelo professor Moraes (2020). A primeira delas é a venda do passado falsificado. Dessa forma, os negacionistas vendem um passado que não existe, no qual os nazistas não usaram o genocídio como uma política de estado, fazendo “uma história do nazismo, sem os campos de extermínio, apenas com os campos de concentração (MORAES, 2020, 12m01s)”. Portanto, os negacionistas do holocausto não propõem uma interpretação alternativa para ele: é mais fácil negar e ignorar o genocídio do que explicá-lo.

A segunda característica apontada pelo professor é a ideia da legitimidade pública. Seus escritos são apresentados como se fossem de profissionais historiadores, ou seja, os negacionistas tentam se enquadrar em uma escola historiográfica revisionista ou de revisionistas da segunda guerra mundial. Portanto, o negacionismo é uma dupla mentira, pois, de um lado, apresenta um passado que nunca passou, e de outro, falsifica credenciais, assim podendo circular para o amplo público como historiadores.

O negacionismo do Holocausto está, portanto, ligada ao exercício da descrença da escrita do Holocausto. Em geral, são excertos cuja proposta é, em algum nível, maior ou menor (a depender do uso político), desacreditar a memória das vítimas dos genocídios, bem como os escritos da historiografia sobre e da história-disciplina acerca do tema. Possui uma característica amenizadora, em que não nega, a priori, a existência do Holocausto, mas relativiza as atrocidades, e a quantidade de pessoas que morreram também é uma forma de negacionismo. Como disserta Caldeira:

O negacionismo, como aborda Vidal Naquet, não surge propriamente dito com o discurso de negação completa do Holocausto. Em um primeiro momento, o que ocorre é uma redução do número de vítimas, para uma conseguinte relativização do caráter nefasto do Holocausto para, daí sim, a defesa da ideia da inexistência das câmaras de gás, do uso de Zyklon-B ou mesmo do programa de eliminação de “indesejáveis” ao nazismo (CALDEIRA, 2009, p. 12).

Sendo assim, a função principal de um trabalho negacionista é a de confundir o leitor que se debruça sobre o texto pensando que está diante de uma escrita acadêmica seria¹⁵,

¹⁵“O negacionismo, numa perspectiva estritamente historiográfica, não é uma interpretação alternativa, nem reacionária, nem mesmo nazistófila, do hitlerismo. Ele é uma construção ideológica de aparência histórica e,

quando, na verdade, esse excerto que se transveste de estudo e percorre as diversas mídias. Deve se levar em consideração que o negacionismo é um fenômeno multifacetário, pode assumir diversas plataformas sociais como apenas mais um “conteúdo” com um público “específico”. Porém o que parece ser apenas uma simples relação de conteúdo e consumo, faz pelo caminho uma série de novos “clientes” que de uma forma ou outra acabam consumindo esse produto negacionista. Existe, portanto, uma sutileza na “venda” do negacionismo do Holocausto, até porque negar um evento traumático como esse só seria aceitável ou em um espaço tipicamente nazifascista ou em um espaço de “opiniões inocentes”.

Diferenças significativas internas ao campo do negacionismo da extrema-direita são em parte apontadas pela tipologia proposta por ATKINS (2009) centrada no eixo produtores-distribuidores-consumidores. Por outro lado, CHARNY (2000) trata da chamada “negação inocente” de genocídios, outro aspecto para o qual o conceito em geral não é sensível (MORAES, 2011, p. 04, grifo do autor).

A escrita negacionista do holocausto (*Holocaust Leugnung*) apenas parece ser científica, mas inteiramente projetada como forma de lançar seu projeto político- ideológico de Extrema Direita por todos os lados, amenizando os crimes nazistas e diminuindo a responsabilidade pela barbárie cometida durante a Segunda Guerra. Bertonha destaca que “Ernest Nolte, por exemplo, apesar de não negar o holocausto, defende que tanto ele como o nazismo foram reações as atrocidades do bolchevismo; uma autodefesa dentro da guerra ideológica europeia de 1914 a 1945” (BERTONHA, 2000, p. 04). Portanto, os negacionistas do Holocausto usam de argumentos inverídicos¹⁶ para apontar/reescrever a culpabilidade dos crimes do nazismo em uma primeira estância; e em uma segunda, atestam a veracidade dos escritos, enquadrando a memória das vítimas e os textos históricos como se fossem parte de um complô de dominação sionista em nível mundial.

O termo, apesar de usar a palavra *Holocausto*, não necessariamente se vincula somente a ele (Auschwitz e Majdanek, e os crimes cometidos pelos nazistas de extrema-direita). A *negação* também está ligada a *teóricos* de extrema-esquerda que tentavam desvincular a

nessa condição, não suscita problemas ao nível da compreensão do Holocausto e das suas consequências. O desafio que os negacionistas nos apresentam é de outra natureza: na medida em que constroem uma versão fictícia da História e que essa versão produz efeitos políticos, os negacionistas obrigam-nos não somente a refutá-los, mas a fazermos uma reflexão sobre a relevância do papel da História e da *memória* para a educação humanista” (MILMAN, 2000, p. 01).

¹⁶ Como já apontado por Caldeira Neto (2009, p. 13) ao exemplificar os relatos não verídicos de um suposto especialista em câmaras de gás: “Como o Relatório Leuchter, que defende a inexistências das câmaras de gás em campos de extermínios como Auschwitz e Majdanek. Elaborado por Fred Leuchter Jr., um suposto especialista em câmaras de gás de presídios norte-americanos (Texas), tal relatório fora refutado diversas vezes. O autor, inclusive, foi acusado de farsa, pois não é especialista em câmaras de gás, tampouco é profissional da área de engenharia (como é apresentado no texto)”.

imagem de Stalin dos crimes cometidos da segunda guerra, bem como usar o discurso antissionista em detrimento das políticas de revogação do Estado de Israel. Por questões como essa, o negacionismo não deve ser visto como um *processo hegemônico*, mas analisado em suas diversas manifestações. Como destacou Moraes:

Ao lado e além da extrema-direita, vale ainda mencionar o negacionismo de extrema-esquerda, como os bordiguistas franceses (BIHR, 1997), e o uso do discurso negacionista por parte do anti-sionismo [*sic*] islâmico em sua política de deslegitimação do Estado de Israel. Estes, apesar de se sobreporem em aspectos importantes, são casos que não se confundem e guardam especificidades para os quais o conceito também não é sensível (MORAES, 2011, p. 4).

Portanto, o negacionismo não pode ser visto como um fenômeno cuja aplicabilidade seja generalizada, apesar da crescente popularização do termo na mídia. A própria ideia do negacionismo faz parte do processo histórico que constitui o Holocausto, pois os nazistas, ainda no exercício da limpeza biológica¹⁷, negavam que o faziam, buscando assim encobrir as atrocidades.

Sobre a negação e a aplicabilidade do conceito, ao separá-lo (conceito) entre o que se refere e o que não se refere, Moraes (2011, p. 05) afirma: “de fato, a política de encobrimento e negação do genocídio e a consciência de que o segredo era inseparável do processo é um dos aspectos bem conhecidos da política de extermínio nazista. Quando se fala em negacionismo não se fala deste fenômeno”. Logo em seguida, o professor cita o demonstrativo de um caso envolvendo Heinrich Himmler:

Em um discurso já famoso feito em Poznan (Polônia ocupada) para oficiais superiores da SS (4/10/1943) tratou do tema (transcrevo textualmente) da “evacuação dos judeus, do extermínio do povo judaico”. Neste momento ele previne os presentes de que “devemos falar sobre isto entre nós com toda a abertura, mas nunca devemos falar disto em público. [...]. Esta é uma página gloriosa que nunca foi e nunca será escrita [...]” (MORAES, 2011, p. 05, grifos do autor).

Quanto às difusões do termo, diversos teóricos apontam para o pós-guerra (1945), apesar da negação de fatos e da falsificação de documentos não serem fenômenos necessariamente novos na História¹⁸, é no pós-guerra¹⁹ que o debate do negacionismo toma

¹⁷ No plano ideológico, os nazistas se consideravam soldados biológicos que estavam executando uma missão que a própria natureza se encarregaria de fazer contra as raças consideradas inferiores, em um processo de seleção natural. Para o nazismo, a história era luta de raças e eles estavam fazendo biologia aplicada. Eram médicos, como mostrou Robert Jay Lifton, que faziam todo o processo de seleção na entrada dos campos e operavam as câmaras de gás (CYTRYNOWICZ, 2000).

¹⁸ Vale a pena, neste momento, citar o artigo de Nicolazzi E Bauer (2016), *O historiador e o falsário Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea*, no qual descrevem um caso polêmico

força, pois era necessário “provar a ausência de culpa da Alemanha pela deflagração da II Guerra Mundial e negar a existência dos campos de extermínio e do Holocausto nazista” (MORAES, 2008). Este debate é discutido por Karl Jaspers em *A questão da culpa: A Alemanha e o Nazismo*.

De acordo com Milman (2000) e como reafirmado por Caldeira Neto (2009), o negacionismo teria ganhado força pela primeira vez na década de 1950, por meio da figura do professor de história e geografia Paul Rassinier, de Belfort (norte da França), que desde a década de 1920 estaria “combinando os elementos aparentemente antiéticos do negacionismo de extrema-direita com um selvagem esquerdismo” (MILMAN, 2000, p. 11). Contudo, seu primeiro escrito de fato negacionista seria publicado somente em 1964, e recuperado na década de 1970. Como reforça Millian (2000, p. 03).

Rassinier é o autor do primeiro “livro negacionista”, publicado em 1964, recuperado nos anos 70 e difundido, desde então, como a parte central do cânone do movimento. Já Faurisson é quem toma a doutrina conhecida do grande público europeu, a partir do final da década de 70. Os contornos do negacionismo começaram a ser definidos no início da década de 50. É importante destacar esse fato, porque ele nos chama a atenção para a fase na qual a ideia da negação estava sendo concebida. Assim, não apenas torna-se mais fácil compreender a natureza das teses que o configuram, como também se revela com mais clareza o caráter dinâmico da sua ideologia de fundo, que é capaz de ajustar-se a contextos políticos distintos.

Se comparada com a afirmativa feita por Moraes (2011, grifo do autor), quando pontua que “o negacionismo se autodenomina revisionismo, referindo-se isto a sua forma de apresentação pública: tentativas de ‘correção’ e de denúncia da pretensa falsidade da historiografia e de outras narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial e o Terceiro Reich escritas desde 1945”, fica perceptível que agir de forma negacionista tem ligação com o pós-guerra.

Portanto, ao mesmo tempo em que o negacionismo já era pensando na década de 1920 por figuras como Rassinier, a partir da segunda metade da década de 1940 já se buscava (os

envolvendo distintas formas de falsificação da história. Especificamente, falam sobre o historiador catalão Enric Marco Battle, que na primeira década do século XXI, na Espanha, haveria falsificado/omitido sua participação em alguns processos históricos importantes. Ao mesmo tempo, os autores buscam fazer reflexões sobre a intervenção pública do historiador brasileiro Marco Antônio Villa, ao falar sobre a ditadura civil-militar no Brasil. Propondo, ao fim, a importância de pensar os usos do passado, atestam por que “cada sociedade, na escrita da sua história, entre historiadores e falsários, tem o Marco que merece” (NICOLAZZI; BAUER, 2016).

¹⁹ Um exemplo disso é a difusão dos “protocolos dos Sábios Sião” famoso texto que corrobora para a construção do antissemitismo moderno e conseqüentemente com a negação do holocausto foi publicado originalmente em russo. Posterior a Revolução Russa e I Grande Guerra, junto ao antissemitismo que tomava conta da Europa, o mesmo tomou um grande espaço no pós-guerra (pós II Guerra) sendo difundido no mundo todo. Originalmente publicado pelo Jornal russo de extrema direita ultranacionalista *Znamia: Ver*, (D'ANCONA, 2020, p. 74) e (FISHER; GRAVES, 2000)

nazistas em específico) corrigir essa falsa historiografia que os acusava dos crimes, bem como criar essa outra narrativa sobre o Terceiro Reich, mas, sem definir o termo enquanto conceito. Agia-se de forma negacionista, mas o conceito, como conhecemos hoje, não existia.

Além de entender que o negacionismo não é uma afirmativa geral que pode ser usada como um fenômeno de simples negação de um objeto, e que não se trata simplesmente de negar a existência de algo (mesmo falando do nazismo, a aplicabilidade do termo em relação ao tema é processualmente mais complexa), é necessário compreender que a vinculação do conceito como um termo que explica todos os problemas da historiografia contemporânea relacionados ao obscurantismo científico e os usos do passado é problemática.

Afirmar que tal evento, ato ou ação é negacionista não explica, em si, os motivos pelos quais ele ou ela é negacionista. Dessa forma, há que se ter um cuidado maior com a maneira pela qual se aplica o conceito. Por conta de uma narrativa contrafactual descrita pelos negacionistas, vide criar essa outra narrativa sobre o Terceiro Reich. O termo muitas vezes é caracterizado como pertencendo a uma suposta Escola Revisionista²⁰.

O que, de fato, os negacionistas buscam, é uma afirmativa para validar sua ideologia no cenário social, afirmativa proveniente da legitimidade que a figura do historiador tem em relação à construção dos passados e, conseqüentemente, das narrativas dos passados²¹. Dessa forma, ao afirmar que seu texto é fruto de uma pesquisa histórica e segue os padrões da ciência, o negacionista cria uma imagem social sobre o passado que ele narra, fazendo acreditar que o que sua escrita narra é crível frente à opinião pública. Para Moraes (2011. P. 06, grifos do autor),

Proclamar-se como uma *Escola Revisionista* representa a busca por um mecanismo legitimador, pelo fato de que a ideia de revisão é inseparável do processo de construção de conhecimento científico. Fenômenos e processos descritos, teorias e interpretações que não estão sujeitos à revisão não fazem parte do universo das ciências humanas, mas sim do universo das ortodoxias políticas, do pensamento mágico ou do pensamento teológico. Por outro lado, ao se afirmarem “historiadores” os negacionistas buscam incorporar do tipo particulares de legitimidade: a legitimidade profissional associada à formação do historiador.

²⁰ Há muita diferença entre o Revisionismo acadêmico, baseado na busca por novas formas de enxergar as temáticas e esse suposto revisionismo que o negacionismo afirma fazer parte. “O revisionismo propriamente historiográfico é aquele calcado no conjunto de procedimentos que pressupõe o conhecimento: argumentação lógica, identificação de novas fontes e emprego do método, ainda que possa colocar em xeque perspectivas históricas consagradas na memória social e na historiografia. Este tipo de reinterpretação, como mencionado, deve ser incorporado ao debate. Ele faz parte do conhecimento historiográfico e como tal deve ser encarado” (NAPOLITANO; JUNQUEIRA, 2019, p. 02).

²¹ “Os historiadores têm o direito de interpretar os fatos, mas eles não podem conscientemente deturpar fatos” (LIPSTADT, 2017, p. 11).

Mas então, de que forma o texto negacionista, transvestido de historiografia revisionista, se apresenta? Quais suas características? Segundo Napolitano e Junqueira (2019, p. 04), o texto revisionista com objetivos ideológicos (negacionista), é marcado por forte ausência da ética que compõe a escrita historiográfica. Além disso, possui uma parametodologia uma espécie de metodologia, mas sem fundamento algum, cujo o objetivo principal é transparecer que o excerto “é uma pesquisa criteriosa e testável, com paramentos calcados na ciência histórica moderna” (NAPOLITANO; JUNQUEIRA, 2019, p. 04).

Ademais, outros elementos compõem essa escrita, como a apropriação distorcida de teses; o destaque sensacionalista para casos particulares; a utilização de fragmentos de fontes sem a devida contextualização; a exposição linear de fatos; e o valor ideológico explícito e sendo usado como motor da pesquisa e justificando-a. Como dissertam Napolitano e Junqueira:

o revisionista de natureza ideológica se baseia em algumas operações facilmente identificadas: a) apropriação distorcida de teses historiográficas reconhecidas; b) o destaque sensacionalista para casos particulares e excepcionais do passado (personagens, valores, instituições), cujas distorções transformam-se rapidamente em exemplos de como teses consagradas por historiadores acadêmicos são “falsas”; c) utilização de fragmentos de fontes, sem a devida contextualização ou crítica; d) exposição linear de fatos por relação direta de causa e efeito, abordagem há muito criticada e superada pela historiografia; e) defesa de posições sobre o passado que já partem de um olhar ideológico, moral ou valorativo — mas devidamente ocultado —, adequando a argumentação para comprová-la (portanto, procedimento inverso de trabalho historiográfico, no qual o ideológico e o valorativo estão explicitados e devem estar limitados às perguntas colocadas e não às respostas obtidas) (NAPOLITANO; JUNQUEIRA, 2019, p. 02, grifo do autor).

O termo revisionismo tem sido recentemente usado com caráter negativo, pois é mais próximo de um negacionismo do que um revisionismo historiográfico. Segundo o historiador Demian Bezerra de Melo, esta terminologia (*Holocaust Leugnung*, ou negacionistas) está ligada com as chamadas tendências apologéticas, expressão usada por Habermas ao criticar Nolte (MELO, 2013).

Para Napolitano e Junqueira (2019), o termo Revisionismo pode ser visto em duas dicotomias. A primeira sendo o historiográfico; e a segundo, o ideológico (abordado anteriormente). Ao falar de Revisionismo Apologético/ideológico, dialoga-se com a ideia de que ele não busca revisar as perspectivas da história enquanto ciência a fim de que ela cresça enquanto campo de pensamento, mas construir várias teses que relativizem a historiografia, ressaltando uma nova narrativa distorcida do passado.

Um dos mais influentes compositores dessa forma de revisionismo foi Ernest Nolte²², que protagonizou papel importante na construção da ideia do terror vermelho²³ no imaginário popular ocidental, além de protagonizar outras discussões públicas sobre o conceito de totalitarismo. Em resumo, ao colocar nazismo e comunismo como igualmente ruins/totalitários (ainda ressaltando o comunismo como pior), Nolte provocou acadêmicos, como Jürgen Habermas, que usou o conceito Revisionismo Apologético para definir esse tipo de escrita, ao enxergar que Nolte e seus companheiros ideológicos²⁴ estavam apontando o comunismo como mal absoluto do século XX, normalizando o nazismo e transformando-o em um mal menor.

Foi nesse contexto que o filósofo Jürgen Habermas publicaria uma crítica no semanário *Die Zeit*, denunciando as “*tendências apologéticas*” do artigo de Nolte [...] cujo propósito comum era o de normalizar o Nazismo e o próprio Holocausto na identidade histórica alemã (Habermas, 1989). Para o filósofo de Frankfurt, ao tornar o Comunismo o “mal absoluto” do século XX, Nolte e demais revisionistas alemães acabavam por tornar o Nazismo um “mal menor” (MELO, 2013, grifos do autor).

Já o termo revisionismo historiográfico descrito por Napolitano e Junqueira (2019) tem como proposta fornecer uma nova visão sobre as perspectivas historiográficas. Portanto, trata-se de uma historiografia, visto que possui uma argumentação lógica, um emprego ético das fontes e das próprias propostas que os compõem, além de serem produtos científicos verificáveis, isto é, sua narrativa pode ser comprovada cientificamente²⁵.

Este tipo de reinterpretação, como mencionado, deve ser incorporado ao debate. Ele faz parte do conhecimento historiográfico e como tal deve ser

²² “Ernst Nolte nasceu em 11 de janeiro de 1923 em Witten, na Renânia do Norte -Vestfália, como filho de um diretor de escola pública. Após se doutorar escrevendo sobre Karl Marx, sua tese de habilitação *Der Faschismus in seiner Epoche* (O fascismo em sua época), de 1963, é hoje uma obra-chave dos estudos de história, traduzida em vários idiomas. Apesar de controverso, ele recebeu distinções como Prêmio Konrad Adenauer, da fundação Deutschland Stiftung, em 2000. Nolte atuou como docente de História Moderna na Universidade de Colônia, e mais tarde em Marburg. Até se aposentar, lecionou na Universidade Livre de Berlim” (DEUTSCHE WELLE, p.01, 2016).

²³ Segundo Melo (2013,) “No livro de 1963 (Ernest Nolte) apresentou um conceito do fascismo como um fenômeno metapolítico o (ou ‘transpolítico’), que compreendia uma resistência à modernidade, combinada à resistência ao que chama de “transcendência prática”, o comunismo/marxismo. Após 1968, sua obra teve uma inflexão importante, tendo assumido posição central o argumento da precedência do ‘Terror’ Vermelho à Auschwitz[.] Além do mais, argumentou que massacres de massa foram comuns no século XX, de que são exemplos os feitos pelos EUA no Vietnã, por Pol Pot no Camboja e o próprio Gulag soviético. Deste modo, em vez de ficarem com a eterna culpa face ao Holocausto, os alemães (ocidentais) deveriam ficar em “paz consigo mesmos” e deixar o “passado passar”.

²⁴ Autores como Michael Stürmer (1938 -) e Andreas Hillgruber (1925-1989), segundo Melo (2013).

²⁵ Segundo Moraes (2011, p. 10), do ponto de vista de seu procedimento, o negacionismo não se pauta pela apresentação de teses, mas pelo estabelecimento de uma proclamação (o assassinato sistemático e planejado de milhões de judeus no Terceiro Reich não existiu) e pela busca dos meios para dar plausibilidade a esta proclamação a um público leitor que não tem à sua disposição instrumentos de avaliação de suas proposições. E os meios utilizados pelos negacionistas para gerar a crença em suas proclamações não são comuns àqueles utilizados pela historiografia.

encarado. As novas perspectivas historiográficas sobre a escravidão, sobre a História indígena ou sobre a ditadura militar, por exemplo, vêm questionando explicações consagradas e problematizando as memórias sociais em torno destes temas. Nestes casos, as polêmicas e debates compartilham regras e métodos de pesquisa, sendo aceitas como parte do conhecimento histórico (NAPOLITANO; JUNQUEIRA, 2019, p. 02).

Portanto, temos aqui mapeada a distinção entre negacionismo e revisionismo. O conceito de Negacionismo é uma variação linguística, abreviada do inglês Denier e Alemão Leugner. Sendo assim, está fortemente vinculado às concepções narrativas que tentam diminuir/negar o Holocausto, bem como outros crimes cometidos durante a II Guerra Mundial e no pós-guerra. Foi criado tardiamente pelo historiador Henri Rousso, e não necessariamente deve se referir apenas ao ato de negar o holocausto, pois hoje está relacionado aos usos públicos do passado como um todo, porque há outros eventos e processos históricos que são usados pelos negacionistas para projetar seu futuro ideal.

Para Moraes (2011), o sujeito negacionista mente mais de uma vez, primeiro pois seus escritos possuem fontes de caráter duvidoso (primeira mentira), tal qual foi provado por Lipstadt ao falar de Irving²⁶; segundo, que em suma, ele se afirma revisionista, disfarça seu discurso para que pareça pertencer a uma escola revisionista (segunda mentira); e terceiro que ele não está preocupado com a compreensão do passado histórico: para ele não interessa entender o passado. O que esses negacionistas querem é uma projeção de futuro, é usar o passado como uma forma de enaltecer suas propostas políticas socialmente. Como afirma Moraes (2011, p. 15),

Em função do que foi visto nestes dois casos, é possível considerar o negacionismo como uma fraude em um duplo sentido, materializada por meio do falseamento dos critérios de legitimidade que ele afirma praticar. Por um lado, trata-se de uma historiografia falsificada, ou seja, de um texto que falsifica de forma consciente suas referências de legitimidade, reivindicando o caráter de escrito historiográfico [...] Por outro, trata-se de um passado falsificado, que também de forma consciente é produzido, ancorado na recusa de todos os indícios e evidências que o contradigam, reivindicando o caráter de proposições verificáveis sem sê-lo (MORAES, 2011, p. 15).

Segundo Melo (2013), o Revisionismo pode ser distinto em duas formas, sendo elas a historiográfica e a ideológica (ou apologética), conforme já mencionado. A historiográfica, diz respeito a uma manifestação científica que busca revisar a parte da pesquisa sobre a

²⁶ Referência ao famoso caso de acusações envolvendo David Irving e Debora Lipstadt, no qual Lipstadt acusa Irving de ser um negacionista do holocausto e ele acabou recorrendo aos tribunais. Ao fim, o extremista da direita, David Irving, perdeu. Tal caso tornou-se um livro e posteriormente (pelo que é mais famoso) um filme, ambos com o mesmo nome (Negação).

história. Dessa forma, ela é constituída pelos pareceres metodológicos e éticos, almejando, ao fim, refletir sobre as formas de pensar das ciências das humanidades.

O revisionismo histórico sobre uma revolução que foi tomada por longo tempo como paradigma da mudança social (1789) insere-se, deste modo, nesse contexto de criação dessa “grande narrativa” do neoliberalismo sobre o “fim da história”. A propósito, os próprios vínculos públicos entre Furet e o programa neoliberal não são difíceis de estabelecer. Em um de seus artigos publicados na revista *Débat*, na edição de novembro/dezembro de 1989, quando mirava na crise terminal vivida pela URSS, o historiador ironizou as reformas introduzidas por Gorbachev como prova de que até no regime oriundo de 1917 (agora) se reconhecia o “caráter insubstituível de uma economia de mercado” (Furet, 2001, p. 119) (MELO, 2013, p. 06, grifos do autor).

Habermas cunhou o revisionismo apologético, cuja definição não difere tanto do negacionismo compreendido até aqui. Contudo, vale o destaque a esse termo, pois sua construção está ligada diretamente com a querela dos historiadores, evento que marcou e dividiu opiniões no meio acadêmico na década de 1980.

No verão de 1986, quando apareceu “O passado que não quer passar”, a Alemanha Federal estava em clima pré-eleitoral, e para círculos oposicionistas o teor do texto de Nolte parecia uma grande provocação. Foi nesse contexto que o filósofo Jürgen Habermas publicaria uma crítica no semanário *Die Zeit*, denunciando as “tendências apologéticas” do artigo de Nolte, tanto quanto da historiografia produzida por outros autores, como Michael Stürmer (1938 -) e Andreas Hillgruber (1925-1989), cujo propósito comum era o de normalizar o Nazismo e o próprio Holocausto na identidade histórica alemã (Habermas, 1989). Para o filósofo de Frankfurt, ao tornar o Comunismo o “mal absoluto” do século XX, Nolte e demais revisionistas alemães acabavam por tornar o Nazismo um “mal menor” (MELO, 2013, p. 07-08, grifos do autor).

Tendo em vista que seu objetivo não é a construção de uma pesquisa científica, o negacionismo camufla-se seja como discussão acadêmica, ou qualquer outro tipo de mídia e através das redes sociais, dialoga diretamente com diversos públicos. Por trás dessa farsa, espalha seu discurso político-ideológico na medida em que ataca a história e a ciência. Portanto, resta, então, questionar: a quem interessa negar os males do holocausto na rede? E por que tais negações envolvendo esses temas estão em ascensão?

1. 2 O HOLOCAUSTO E A ASCENSÃO DA NEGAÇÃO

Antes de aprofundar a pesquisa e apresentar uma discussão mais densa, é pertinente esclarecer alguns pontos da temática e, portanto, é necessário apontar o que foi o Holocausto.

Para tanto, novas subseções auxiliam a organização. A primeira refere-se aos grupos de discussão do holocausto na internet, para aonde estão apontadas quais são as comunidades que, de maneira online, isto é, na rede, fazem uma divulgação científica da temática e corroboram com a área. O segundo ponto busca apontar uma historiografia brasileira do holocausto, entendendo que esse estado do conhecimento deve ter como recorte as pesquisas brasileiras, visto que nosso objeto de pesquisa também está relacionado ao cenário brasileiro. Ao mesmo tempo, a opção é por uma historiografia brasileira do holocausto, pois assim como a subseção anterior, trata-se de um campo de divulgação do trabalho desses pesquisadores. Desta forma, traça-se um diálogo com a temática pensando uma historiografia brasileira.

É claro que de modo algum se evita dialogar com pesquisas alemãs e anglo-saxãs, pelo contrário, muitos autores desses países são canônicos na área e, portanto, devem estar presentes na construção dessa pesquisa. É impossível, por exemplo, falar de holocausto e não citar autores como Primo Levi, Michael R. Marrus, Laurence Rees e Ian Kershaw. Contudo, por se tratar de uma tentativa de compreender as reverberações da relativização do conceito de Holocausto na internet brasileira, a tendência é privilegiar pesquisas nacionais. Por fim, na terceira subseção deste capítulo, aborda-se o fenômeno em si, do holocausto na internet brasileira. Parte-se da análise de alguns pontos principais para tal feito, sendo o primeiro chamado *fremdschämen*²⁷; e o segundo, o cenário polarizado do Brasil pré-eleições de 2018.

Já é de conhecimento geral que, nos últimos anos, muitos nazifascistas, integralistas, monarquistas, e o que nos interessa aqui, negacionistas do holocausto, têm saído das sombras e tomado cada vez mais espaços nos ciclos de debates democráticos. Muitas mídias têm mencionado essa proliferação, e não é preciso ir longe para enxergar isso: basta abrir o Twitter e ver um simpatizante do nazismo com sua bandeira hasteada na varanda²⁸. Portanto, seja com pessoas que discursam de forma muito semelhante a ministros nazistas²⁹, seja em

²⁷ Termo apontado por Regiane Oliveira e Mariani Rossi no jornal El País, em tradução livre - vergonha alheia. Referência ao vídeo de 2018, publicado no Facebook pela Embaixada da Alemanha em Brasília e pelo Consulado Geral no Recife, entendido aqui como uma consequência do relativismo do holocausto no país e, portanto, complementa o mesmo objeto de estudo.

²⁸ “Um vídeo que circula nas redes sociais mostra um homem balançando uma bandeira nazista na sacada de um apartamento, no Centro de Florianópolis” (SANTIAGO, 2021).

²⁹ “O secretário especial da Cultura do governo do presidente Jair Bolsonaro, fez um discurso, divulgado nesta quinta-feira (16), semelhante ao do ministro de Adolf Hitler da Propaganda da Alemanha Nazista, Joseph Goebbels, antisemita radical e um dos idealizadores do nazismo” (Portal G1 — Brasília, 2020).

ataques virtuais a órgãos da educação e pesquisa³⁰, a discussão sobre o Holocausto está nos *trending topics*³¹ da Internet brasileira³².

Como a maior parte das ações e debates neonazistas são organizados pela internet, a Deutsche Welle Brasil solicitou à organização não governamental *SaferNet Brasil*, entidade brasileira que promove e defende os direitos humanos na rede, dados atualizados de denúncias recebidas sobre o tema. Como os registros são anônimos, não foi possível fazer um recorte por estado. Mas, neste mês de outubro, a ONG recebeu 138 notificações relacionadas a neonazismo. Em outubro do ano passado, foram apenas 31 denúncias (VIEGA, p, 01. 2020).

Também conhecido como Shoá/Shoah, ou *a Catástrofe* (segundo a Torá), foi um genocídio (assassinato em massa) cometido pelos Estado Nazista (III Reich) no século XX, mais especificamente entre (1941-1945). Apesar das diversas variações referentes ao termo³³, ele se refere às opressões que foram vividas pelos variados grupos étnicos e político-sociais, sendo os judeus os mais alvejados. Contudo, as atrocidades do holocausto não se limitam apenas aos semitas (judeus), grupos político/étnico-raciais, como os ciganos, comunistas, homossexuais, deficientes físicos/mentais e negros eram alvos dos nazistas.

Por ser um evento sem par ou sem referente semelhante na História da humanidade, por sua complexidade e abrangência [...] o Holocausto foi interpretado de diferentes maneiras ao longo das análises empreendidas por estudiosos de diferentes áreas. Inicialmente, o Holocausto foi entendido como sendo uma espécie de anomalia no sistema, ou seja, um defeito na engrenagem, um desvio moral e ético do sistema alemão democrático e racionalizado, considerado, apesar disso, funcional e idealmente o melhor até aquele momento na história da organização social humana [...] o Holocausto foi comparado a um câncer, uma doença ou disfunção no organismo social. No entanto, estudos posteriores sinalizam para outro direcionamento. O que, de certa forma, a sociedade intui e procura ignorar, é

³⁰ “Um grupo neonazista invadiu uma aula online do curso de direito da Faculdade ESAMC Sorocaba, no interior de SP, e ofendeu alunos e a professora que ministrava a aula, além de divulgar mensagens de cunho nazista” (CATRACA LIVRE, 2020).

³¹ No dia 25 de maio de 2021, durante a manhã, o deputado Renan Calheiros (MDB –AL) comparou a pandemia do vírus covid-19 com o holocausto: “Faço questão de trazer à memória de todos, nesse momento, talvez o julgamento mais conhecido de todos os tempos - o Tribunal Nuremberg, é um dos julgamentos mais famosos da história. Foi ali que o mundo procurou encontrar respostas para um crime até hoje inconcebível, o genocídio de seis milhões de judeus nos campos de concentração do regime nazista”. Tal comentário gerou uma grande repercussão na internet e em particular no Twitter, levando o assunto para os *trending topics* (tópicos mais comentados) (WERNECK, 2021).

³²A antropóloga da Universidade de Campinas, Adriana Dias, especialista no tema, identificou 334 células neonazistas em atividade no país no final de 2019, a maioria ainda ativa hoje. Cada célula tem entre 3 e 30 pessoas, de acordo com ela. “Existem grupos ou células neonazistas que têm se aproximado mais do bolsonarismo e dos atos recentes de rua” (ALESI; HOFMEISTER, 2020).

³³Um dos pontos importantes para a discussão do termo *Holocausto* é a relevância dos motivos de ele ser usado. Por exemplo, para os Israelenses, a *Shoah* ou *Shoá*, possui um significado próximo de *destruição* ou *catástrofe*. Não obstante e considerando o contexto, é possível ver soldados americanos usando o termo *Holocausto* referindo-se não apenas aos acontecimentos relacionados com os judeus, mas ao lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki (DEUTSCHE WELLE, 2006).

que o Holocausto pode ter sido mais que uma falha no sistema, pode ter sido fruto desse sistema ideal pensado e aprimorado nas últimas centenas de anos, mais especificamente, desde o Iluminismo antropocêntrico do século XVIII até o requinte tecnológico da Modernidade do século XX (REGERT, 2007, p. 19).

Há diversos historiadores e intelectuais que se debruçaram sobre o tema e construíram arcabouços teóricos importantíssimos, mas antes de apontar uma historiografia, é importante trazer à discussão uma visão mais ortodoxa³⁴ sobre a temática. Para isso, utilizamos a tese de Fingerman (2008), que trabalha com os desafios que os pensadores e líderes ortodoxos do judaísmo, isto é, os rabinos, têm ao explicar o que é o Holocausto. O foco, neste caso, é a ortodoxia moderna estadunidense, apresentando Rabinos como Joseph Soloveitchik, Eliezer Berkovits e Irving Greenberg, buscando compreender os aspectos segundo a perspectiva religiosa do tema.

O que Fingerman (2008) faz é dar seguimento à sua pesquisa, buscando compreender a contradição desses três pensadores que fazem parte da mesma corrente em relação à temática do Shoá, ao mesmo tempo em que averigua se a sobrevivência e florescimento do judaísmo no pós-guerra estão ligados, de alguma forma, a essas reflexões. O autor parte de três pontos para responder essas indagações: ausência da tradição teológica do judaísmo; aceitação da diferença de opiniões dentro do judaísmo; e importância da leitura em Hurban.

Em suma, o que nos interessa é a problemática das contradições e dificuldades de um consenso sobre o Holocausto pela perspectiva religiosa judaica, que é apresentada no capítulo oitavo do trabalho de Fingerman (2008). Segundo este autor, existem discordâncias entre os Rabinos da mesma vertente, então, “como explicar tamanha divergência entre membros de uma mesma corrente do judaísmo a respeito de uma questão tão importante como o holocausto?” (FINGUERMAN, 2008).

Ao concluir sua tese, Fingerman (2008) responde a essa e outras questões, correlacionando os pontos citados acima. Contudo, o objetivo nesta dissertação é esclarecer que, mesmo dentro da comunidade judaica religiosa unificada, há pontos distintos e divergentes para as ideias, causas e consequências do holocausto (no sentido religioso). Com isso, busca-se esclarecer que, mesmo no campo da teologia judaica, há divergências; logo, na historiografia do Holocausto, é de se esperar que vários pontos sejam destoantes entre os pesquisadores. Isto porque a história não é unificada: diferentes pontos de vista fazem com que um mesmo objeto seja analisado de forma diferente. Ao contrário, essas distintas perspectivas enriquecem a história enquanto ciência. Porém, nenhum dos casos deve ser

³⁴ No sentido de trazer uma percepção judaica religiosa sobre a discussão do holocausto.

confundido com negacionismos (ou relativismo, revisionismos, enfim). Tampouco, tais divergências, seja entre historiadores, seja entre rabinos, não podem ser usadas para atacar (de forma agressiva) os historiadores e os teólogos do judaísmo. Principalmente se pensarmos que, para os negacionistas do holocausto, pesquisas como a de Fingerman (2008) podem ser uma excelente oportunidade para disseminar seu antissemitismo. Não existe uma unanimidade nessas áreas, não há uma homologia nesses campos de estudos. Contudo, essas divergências fazem parte do ofício do historiador, e não podem ser confundidas com o trabalho de grupos revisionistas e negacionistas.

Então, será que, na verdade, manifestações como as do Brasil Paralelo sempre se mantiveram presentes na história, e talvez a internet só tenha tornado visível? A rede mundial de computadores tem dado espaço para esse tipo de afirmativa³⁵?

Em uma recente entrevista, o pensador francês Pierre Levy afirmou: “Muitos não acreditam, mas já éramos muito maus antes da internet” (HERMOSO, 2021). O repórter ainda pergunta a Levy:

Pergunta: Somos injustos ao acusar a tecnologia por maldades e injustiças das quais só o ser humano é responsável? É injusto acusar o meio em vez da mensagem? Embora, pensando bem, McLuhan disse que o meio é a mensagem.

Resposta: Quando McLuhan disse isso, queria dizer que a mensagem principal é a forma de civilização. A comunicação instantânea, a facilidade na colaboração, a transformação do tempo e do espaço vivido... Está claro que as pessoas não se tornaram piores ou mais sensíveis às teorias conspiratórias por culpa das redes sociais. Rumores absurdos surgiram ao longo de toda a história. Houve muitos genocídios antes que a internet existisse, não? Nem no Holocausto judaico, nem no genocídio armênio nem nos massacres de Ruanda existia a internet. Muitos não querem ver, mas já éramos muito maus antes que a internet existisse, pode acreditar (HERMOSO, 2021).

Por que, então, nos últimos anos, tantos negadores, revisionistas do holocausto, tantos neonazistas e fascistas têm se manifestado? Será que o clima político brasileiro na internet dos últimos anos contribuiu para isso? Qual o papel da mídia brasileira nas discussões do negacionismo hoje? Como afirma Levy, esses negadores do holocausto, negacionistas, conspiradores já existiam antes da proliferação da internet. Como Moraes (2011) afirmou, os negacionistas não inventaram o negacionismo: essa forma de agir em relação ao passado já existia. Contudo, o advento das mídias sociais, da internet, bem como o constante contato de

³⁵ Proposta trabalhada na monografia de Ananda Conde, *Neonazismo na internet: Re-interpretação dos símbolos nazistas no Brasil*, defendida em 2006, na qual a autora “avalia a atuação da Internet como uma ferramenta de interação que permite a formação de grupos no Brasil que re-interpretam [sic] a ideologia construída pelo nazismo, transformando-se numa nova forma de disseminação de conteúdo de teor intolerante no espaço virtual” (CONDE, 2006).

notícias e informações que vem sendo disseminadas desde os anos 2000 fizeram com que esses grupos/pessoas enxergassem, nas redes, uma forma de se organizar para espalhar suas pautas políticas e, claro, as defendessem quando se sentissem atacados. Portanto, não é que as tecnologias tenham tornado os sujeitos negacionistas, apenas passamos a ter mais facilidade de acesso a comentários e sujeitos do tipo. A culpa de tais ações não é, em si, da internet, mas da forma pela qual ela é usada. Isto não se refere apenas às redes sociais: programas de inteligência artificial, buscas automáticas e algoritmos podem provar que pautas racistas, negacionistas, esse revisionismo mal-intencionado como um todo, partem da nossa realidade. Em outras palavras, o que vemos na mídia e nos algoritmos é um reflexo virtualizado de nossa sociedade, como é o caso apresentado pela Infobase³⁶:

Estudos e usuários vêm observando disparidades raciais no desempenho de sistemas de Inteligência Artificial, que privilegiam brancos e discriminam pessoas não-brancas nas redes sociais. Esses algoritmos podem espalhar preconceitos em grande escala em um ritmo acelerado, mas o problema parece ir muito além do meio digital (INFOBASE [s.d., p. 01]).

Porém, sobre nosso contexto brasileiro, por mais que as inteligências artificiais dos mecanismos de busca tenham de alguma forma replicado as características racistas, machistas, antissemitas e de cunho negacionista dos internautas, elas não são capazes, por si de explicar a quantidade de comentários dessa estirpe que aparecem pelas redes. A exemplo disso, o vídeo da embaixada de 05 de setembro de 2018 abordado em maior profundidade no capítulo segundo, além das afirmações públicas feitas pelos usuários.

Frases como O partido se chamava dos trabalhadores socialistas. Onde tem extrema direita? estão por toda parte nos comentários. Para nós, historiadores, tal afirmação pode parecer tão banal que nem ao menos vale a pena ser revista, pois está claro que o nazismo é de direita, fruto de uma contrarrevolução e abominava as ideias comunistas. Contudo, para os sujeitos que nesse chat comentam, essa associação não pode ser real: eles não estão interessados no processo histórico, tampouco se deram ao trabalho de entender a mensagem do vídeo. O que está em jogo é a defesa do que, para eles, é ser de direita. Para defender tais ideias, vão agir de forma negacionista, usando os mesmos meios que outros negacionistas, mas sem se preocupar com o debate. O que buscam, portanto, é evitar a todo custo que a sua direita seja associada ao nazismo.

³⁶ A Infobase é uma empresa de monitoramento tecnológico que trabalha com Inteligências Artificiais e Tecnologia da Informação. Fundada por André Lima Cardoso, no Rio de Janeiro – RJ, faz prestação de serviços digitais para as mais diversas áreas, bem como traz algumas notícias (cases) envolvendo a relação humana referente ao desenvolvimento das inteligências artificiais em rede.

“Extremistas de Direita”? O Partido de Hitler se Chamava Partido dos Trabalhadores Socialistas. Onde tem Extrema Direita? Então vídeo Muito bom curto sempre a página, mas totalmente errada nessa parte. Onde Hitler ele diz ter se inspirado em Stalin da Antiga União Soviética que é o que? Esquerda! A 2º Guerra Ocorreu pq Hitler era um Nojento não cumpriu sua palavra no tratado de Munique. Como todos quem tem esse viés. Não cumpri o que fala! (Comentário da postagem no vídeo da EMBAIXADA DA ALEMANHA BRASÍLIA, 2018)

No exemplo acima, é possível observar que há uma tentativa de defender a relação do que esse sujeito entende como *extrema direita*. Ele o faz ao tentar dissuadir e separar o que seriam os *Extremistas de Direita* da figura de Hitler. Para tal, argumenta sobre a relação do nome do partido nazista, supostamente por envolver as palavras *Partido, Trabalhadores e Socialistas*, claramente é de esquerda. Ao contextualizar tal ponto, fica perceptível sua forte ligação com a crescente onda de antipetismo pela qual o Brasil vinha passando.

Houve uma construção de uma caracterização do inimigo. O Brasil, neste contexto, se encontrava tensionado entre duas ideologias distintas: de um lado estavam o que na expressão popular passou a ser chamado de *bolsominions*; de outro, os *esquerdopatas*. Essa tensão ideológica fez com que as pessoas criassem repulsa pelas ideias que supostamente irradiariam dessas correntes políticas. Eis de onde, por exemplo, vem o impulso de defender a *direita* em um vídeo sobre o nazismo. A proposta, de forma alguma era falar sobre o fato de que o nazismo é de direita, pois entende-se que é um consenso na história. Porém, o cenário fascista pelo qual o Brasil caminhava tornou as mídias sociais um campo aberto para esse tipo de questionamento.

Em outro ponto, o sujeito argumenta que Hitler teria dito que se inspirou em Stalin da Antiga União Soviética. Estes apontamentos podem parecer, para um público que não domina o tema, pertinentes: ao fazer tais observações, cria um espaço para que aqueles que acompanham a discussão sintam-se à vontade para comentar afirmações como: “É Só estudar. Sabe o que é isso? Não né! Mais isto vc não irá aprender com Professor Comunista. A verdade!” (Comentário da postagem no vídeo da EMBAIXADA DA ALEMANHA BRASÍLIA, 2018).

O negacionismo, aqui, está localizado não pela negação das atrocidades do nazismo, mas na tentativa dissociar direita de nazismo e associá-lo ao comunismo. Para esse sujeito, ligar direita e nazismo é uma inverdade, uma mentira, e mesmo que estude, jamais será possível para quem compreende o nazismo ligado à direita, saber dessa verdade, pois esse sujeito supostamente aprendeu com um Professor Comunista. Este tipo de negação tem mais a dizer sobre características históricas de um complexo de autoritarismo brasileiro perpassado

pela memória e que não foi bem trabalhado (ou não pode ser bem trabalhado), pois está relacionado a um passado traumático ditatorial, do que uma descrença simplista de que nazismo é de direita.

1.2.1 Usos do passado, nazismo e negacionismo

Nesta subseção, apresenta-se quais são os grupos que mais dialogam nas redes com os temas negacionismo do Holocausto, usos do passado e História Pública³⁷. O objetivo, aqui, é traçar a relação dessas temáticas dentro da internet brasileira, uma vez que, com o avançar do uso da internet³⁸, é possível afirmar que dentro dela existem organizações, entidades e órgãos que se prestam a difundir, explicar e criar materiais sobre o tema negacionismo do Holocausto, cuja relevância merece destaque. Portanto, neste momento busca-se demonstrar que, apesar do negacionismo histórico se espalhar rapidamente pela rede mundial de computadores, há pessoas que, nessa mesma rede, lutam contra isso. Para tal, três experiências são apresentadas.

O primeiro grupo é o NEPAT (Núcleo Brasileiro de Estudos de Nazismo e Holocausto), que se propõe a discutir Nazismo e Holocausto fazendo um trabalho de divulgação científica, na medida em que observa a demanda do público. O grupo passou a atuar nas redes ativamente em 2020, trazendo “posts divididos em nichos que abarcam uma multiplicidade de temas e abordagens sobre o século XX” (NEPAT, p.01, 2020). A iniciativa, por ser independente, não conta com apoio financeiro, mas o grupo tem ligações com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O NEPAT surgiu a partir da necessidade de criar espaços de diálogo acadêmico no Brasil sobre as temáticas do nazismo e do Holocausto e de produzir conteúdos acessíveis que abarquem esses tópicos. Academicamente, percebemos que o campo de estudos sobre esses assuntos ainda não está consolidado ou centralizado no país, de modo que um dos nossos objetivos é tornar essas trocas viáveis e contribuir para a formação de pesquisadores. Além disso, observamos uma demanda do público não especializado por um conteúdo histórico de qualidade sobre essas questões que suscitam tantas reflexões e curiosidades. Acreditamos que a divulgação de conhecimentos realizada de maneira comprometida e ética é essencial

³⁷ Alguns grupos que discutem a temática com o público amplo são destacados, como o NEPAT, LUPPA e o Museu do Holocausto, além de outros que conseguem, na medida das possibilidades, divulgar pesquisas, livros, acervos e, o mais importante, conseguem dialogar com o grande público. Usando plataformas como o Instagram, Twitter e Twitch, fazem uma ótima mediação entre as pesquisas mais recentes na área (e em outras) e criam, portanto, uma rede de comunicações muito eficiente sobre a temática. Ao mesmo tempo, são pontuadas as principais discussões que têm sido feitas com relação ao tema, demonstrando ao leitor o que se discute e aonde encontrar essa discussão.

³⁸ Há que se ressaltar, aqui, que o contexto pandêmico (2020-2021) contribuiu para a criação e difusão de grupos que discutem, não apenas essas temáticas em rede, mas muitos outros temas.

para a construção de uma sociedade democrática e crítica [...] tomando como ponto de partida as reflexões promovidas pelo campo da História Pública, o NEPAT, em 2020, iniciou um projeto de produção de conteúdo e de divulgação científica nas redes sociais (NEPAT, p.01, 2020).

Vinculado ao NEPAT há o projeto “Pensar os Extremos: Rede Internacional de Estudos sobre Nazismo, Memória e Guerra”. Em especial, este empreendimento tem como objetivo “reunir pesquisadores que estudem as temáticas de nazismo, memória, Segunda Guerra, fazendo reuniões periódicas e discutindo as pesquisas, trocando referências e experiências” (NEPAT, 2020). Fundado em 2020, o NEPAT visa promover e ampliar a difusão das pesquisas da área, conforme explicitado: “Os encontros têm foco acadêmico [...] por objetivo a discussão das pesquisas dos colegas para assim ampliar essa rede de estudos e entrar em contato com outras perspectivas e teorias” (NEPAT, 2020). O Núcleo Brasileiro de Estudos de Nazismo e Holocausto possui diversas segmentações, atuando em plataformas como o *Instagram*, *Twitter*, *Facebook*, *YouTube* e *Twitch*, além das várias indicações literárias e um acervo multimídia³⁹ (aulas, palestras e textos). Recentemente o projeto articulou-se e construiu um podcast chamado “Desnazificando”.

O Museu do Holocausto⁴⁰ é a segunda iniciativa que merece destaque. Localizado em Curitiba – PR, é o primeiro museu⁴¹ que se dedica à memória do holocausto no Brasil e, portanto, é pertinente apresentá-lo. Fundado em 20 de novembro de 2011, tem como intenção recordar o evento do Holocausto através da memória das vítimas e sobreviventes. Conforme consta em acervo online, seus objetivos são:

- 1) Aproximar a memória e o estudo sobre a Shoá (Holocausto) da comunidade judaica e da sociedade paranaense; 2) Transformar-se em referência de estudo e ensino do Holocausto em instituições educacionais do Paraná e do Brasil; 3) Promover um espaço dinâmico de discussão e aprofundamento de temas relacionados ao Holocausto; 4) Transmitir a Shoá através de valores universais, baseados na tolerância e convivência mútua e pacífica entre os povos; 5) Auxiliar na construção de valores de superação do ódio, racismo, discriminação e intolerância; 6) Servir de elo entre a comunidade judaica paranaense e entidades judaicas no Brasil e no mundo relacionadas à memória do Holocausto; 7)

³⁹ Em relação às produções e pesquisadores que fazem parte da iniciativa, em anexo se encontra uma lista com uma relação dos membros e colaboradores do NEPAT e do projeto *Pensar os Extremos*, bem como quais temáticas específicas do tema Holocausto são pesquisadas.

⁴⁰ O museu encontra-se fechado atualmente devido à pandemia do covid-19, mas seu site está ativo e permite visitação dos acervos e disponibiliza materiais, pesquisas e teses sobre o tema.

⁴¹ “Curitiba ganha primeiro museu brasileiro em memória ao holocausto. As salas reúnem objetos, documentos e depoimentos de judeus que sobreviveram à perseguição na Europa e vieram reconstruir a vida no Brasil. O Museu do Holocausto também presta homenagens aos brasileiros que lutaram na guerra e aos que receberam os sobreviventes no Brasil. “Muitas pessoas perderam todos os familiares e encontraram, aqui no Brasil, o calor do povo brasileiro, o acolhimento do povo e a possibilidade de reconstruir a sua vida”, destaca Carlos Reiss, coordenador do museu” (G1, 2011, p. 01).

conservar fontes documentais que promovam a preservação da memória e seu uso como informação à gestão universitária e à pesquisa científica (MUSEU DO HOLOCAUSTO in Wayback Machine, 2015).

O Museu do Holocausto oferece um grande acervo com entrevistas e reportagens com os sobreviventes, registros e depoimentos, também oferece uma série de cursos⁴² e materiais para educadores. Nas redes, o Museu atua em plataformas como o *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*, promovendo eventos e diálogos com palestrantes, sobreviventes e professores da rede. Por se tratar de um acervo cuja parte possui material físico, é possível encontrá-lo no *Foursquare*⁴³.

O Museu mantém seu acervo através de doações de famílias judaicas e de sobreviventes. Também contou com apoio de fundações como o Yad Vashem, o Museu do Holocausto de Washington, a Shoah Foundation, o Museu de Auschwitz, de Majdanek, o Memorial da Shoah em Paris e o Instituto Cultural Soto Delatorre na construção de um cabedal audiovisual. Dessa forma, é possível encontrar os depoimentos de inúmeros sobreviventes do Holocausto. Isto torna este espaço um *lugar de memória* importante para aqueles que buscam saber mais a respeito do Holocausto. Sobre sua primeira idealização, em sua dissertação⁴⁴, Danielle Beiersdorf (2015, p. 28) afirmou:

Foi no jornal Visão Judaica em 2004 que surgiu a primeira notícia referente à ideia de criação de um museu. Num artigo intitulado Assassinos da memória, escrito por Sergio Feldman⁶⁴, doutor em história e, na época, diretor da Escola Salomão Guelmann, o autor discorre sobre a importância das tradições judaicas e da memória para o povo judeu e sobre os perigos referentes ao esquecimento da história judaica e à ação dos negacionistas. Feldman se refere ao esquecimento em relação aos eventos da Segunda Guerra Mundial, principalmente ao silêncio em relação aos crimes contra a humanidade cometidos por meio do Holocausto. Dirigindo-se aos judeus de Curitiba, Feldman afirmava a necessidade de preservação da sua memória.

A execução do projeto foi um investimento do empresário curitibano Miguel Krigsner, fundador e sócio majoritário do Grupo Boticário. Filho e genro de judeus que sobreviveram

⁴² O museu oferta cursos abertos à comunidade. Contudo, o site só apresenta um nesta modalidade: *História do Antissemitismo no Ocidente*. Já em relação à capacitação de profissionais da educação, oferta cursos como *Sob os olhos do cinema* e *Por que, o que e como ensinar o Holocausto em sala de aula*.

⁴³ O Foursquare é uma rede geossocial em que os usuários compartilham informações, imagens, textos e opiniões sobre lugares que visitaram; assim, avaliam e espalham suas experiências na internet. No caso do Museu do Holocausto, é possível ver partes dos acervos que foram registrados por visitantes.

⁴⁴ Em sua dissertação intitulada *O Museu do Holocausto de Curitiba: a globalização da memória e o ensino de história*, apresentada ao PPGHP da Unioeste, a autora faz uma análise precisa, traçando desde os primórdios da fundação do museu até a sensibilidade com a qual os depoimentos e relatos dos sobreviventes são trabalhados. Segundo Beiersdorf (2015), “o trabalho traça um panorama sobre a concepção do museu do Holocausto de Curitiba, promovendo uma breve análise dos aspectos relativos a fundação da comunidade judaica do Paraná que serviu de alicerce para a sua concepção”, e em seguida busca analisar “as relações entre o museu, suas exposições, seus mecanismos de sensibilização, sensorial, cognitiva e emocional”.

ao holocausto, Krigsner doou o terreno e parte dos fundos para a execução da empreitada. “Miguel Krigsner aparece nas documentações, placas do museu, reportagens na mídia e na fala do coordenador do museu, como o principal doador e idealizador do museu” (BEIERSDORF, 2015). Em entrevista ao diretor do museu, Carlos Reiss, a pesquisadora Danielle Beiersdorf (2015, p. 34) questiona: “Nas reportagens que li relacionadas ao museu, é recorrente a citação de Miguel Krigsner. Qual teria sido o papel do mesmo frente ao projeto?” Beiersdorf, em resposta, destaca que:

Ele que foi doador, o incentivador, o idealizador de tudo, ele que participou de todas as reuniões e ele não foi só um doador, ele foi um pai... isso é fato, ele acompanhou e acompanha de perto. [...] O sogro dele era um *partisan*, lutou como guerrilheiro e tudo mais. Inclusive o museu é em homenagem ao sogro dele, que lutou como guerrilheiro e tudo mais, (inaudível) ao ponto dele [*sic*] colocar isso como uma questão pessoal, abriu-se uma ONG e tudo mais. É... Tudo bem, ele é o fundador do Boticário, ele tem todo um grupo, a estrutura e tudo mais [...], ele fez questão, desde o início, de separar as coisas. Não tem nada aqui, nenhuma logo, nenhuma, nada, é em relação a isso, até porque é uma questão pessoal, era um sonho dele... Então as pessoas dizem: - Então o museu é do Boticário. Não, não é do Boticário, não tem nada a ver com o Boticário, é uma questão pessoal dele, um sonho dele, e que inclusive não dá retorno, muito pelo contrário, dá despesa (BEIERSDORF, 2015, p. 34).

Em suma, o Museu do Holocausto vem se destacando como lugar de memória que busca justamente relembrar a trajetória dos sobreviventes do holocausto, bem como a memória daqueles que pereceram. Para a associação Beit Yaacov e membros da comunidade judaica, o espaço é um templo da memória que rememora a trajetória do evento. Para a comunidade estudantes e demais visitantes, é um espaço de aprendizado, rico em acervos e com mecanismos de sensibilização. Já para o historiador é um local excepcional para suas pesquisas (BEIERSDORF, 2015).

Por fim, outra iniciativa que merece destaque é o Laboratório de estudos sobre os usos do passado (LUPPA). Não trabalha especificamente com a temática do Holocausto, seu foco não está dimensionado em um único assunto (tema), mas sua trajetória aborda vários estudos de caso. Promove iniciativas de formação, de investigação e de divulgação científica na área de História. Na interação entre essas três esferas de atuação, aproxima-se das definições da história pública e das práticas das humanidades digitais (LUPPA, 2017).

O LUPPA foi criado em março de 2017, partir da iniciativa de professores do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de financiamento obtido através da Chamada Universal 01/2016 – Faixa C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (LUPPA, 2017). Atualmente, conta com

os projetos Cartografia da Memória da Ditadura no Rio Grande do Sul, Centro de Referência em Ensino e Pesquisa da Ditadura Civil-Militar no Rio Grande do Sul, e Pedal pela memória. Atua nas redes em plataformas como Twitter, Facebook e YouTube. Seu canal no YouTube conta com mais de 3,75 mil inscritos. Em sua série “Diálogos”⁴⁵, o Laboratório de estudos sobre os usos do passado traz diversas discussões, além de promover e instigar debates. Em seu site⁴⁶, afirma:

No Luppa, são desenvolvidos estudos de caso e análises comparativas multidisciplinares sobre os usos do passado, entendidos como narrativas e representações historiográficas ou memoriais, realizados por sujeitos ou coletividades, incluindo o Estado e outras instituições, em formas discursivas (currículos escolares, discursos comemorativos, leis memoriais) ou materiais (memoriais, monumentos), assinalando as diferenças e similitudes nesses processos ao longo do tempo e em diferentes locais (LUPPA, 2017, p. 01).

Além dos professores vinculados à UFRGS⁴⁷, o Luppa tem colaboradores de universidades nacionais e estrangeiras, bolsistas remunerados e voluntários que trabalham com projetos em vários níveis, da graduação e iniciação científica, da iniciação à popularização e divulgação da ciência e iniciação ao ensino. Também da pós-graduação, nos níveis de mestrado e doutorado, além de pós-doutorado (LUPPA, 2017, p. 01).

Conforme afirmado acima, dentro da rede, muitas organizações e órgãos se prestam a difundir, analisar e até mesmo criar materiais sob a perspectiva de uma história pública digital. Certamente há muitos outros grupos, websites e entidades que fazem divulgação científica e que também mereciam estar aqui⁴⁸, mas os que foram apresentados nesta subseção, em especial, se ocupam de discutir a relação que convém nesta pesquisa e, portanto, merecem uma ponderação em especial⁴⁹.

⁴⁵ A série conta com uma ampla gama de assuntos, incluindo debates que vão desde *os usos nostálgicos do passado*, *Crença em História*, e até mesmo *Religião e negacionismo no pandemônio bolsonarista*. Outro projeto promissor foi o evento *Walter Benjamin 80 anos*, que conta com oito provocações curtas e três debates que buscam fazer refletir sobre *os 80 anos sem e com Walter Benjamin*.

⁴⁶ Mais informações em: <https://www.ufrgs.br/luppa/>.

⁴⁷ Nomes como Benito Bisso Schmidt, Arthur Lima de Avila, Caroline Silveira Bauer, Carla Simone Rodeghero, Cláudia Wasserman, Fernando Nicolazzi, Luiz Alberto Grijó, Mara Cristina de Matos Rodrigues e Temístocles Cezar fazem parte da iniciativa LUPPA.

⁴⁸ Outras iniciativas que merecem destaque são apontadas no livro *História pública e divulgação de história* (2019). Nele é possível encontrar um mapeamento sobre quais projetos têm se comprometido exclusivamente com a difusão da história ciência e, conseqüentemente, da história pública. Empreendimentos como o canal *Leitura Obriga HISTÓRIA* e a página *História no Paint* também merecem destaque.

⁴⁹ Fica, aqui, uma menção às páginas da web *Deutsche Welle* e o blog *História*, a primeira uma empresa pública de rádio da Alemanha, que transmite para o exterior programas de rádio, além de oferecer uma programação televisiva (notícias) e um amplo portal de conteúdo online em 30 línguas. Disponibiliza um amplo acervo de notícias vinculadas ao holocausto, nazismo e neonazismo. Já o Blog *Café História* (um velho conhecido de muitos historiadores), é uma iniciativa do Professor Dr. Bruno Leal, que em 2008 fundou o café com o intuito de divulgar História na rede. Hoje conta com uma ampla gama de acervos bibliográficos, entrevistas, além de notícias e artigos.

Além de abordar as discussões sobre os usos do passado, holocausto e nazismo, estes grupos o fazem em diálogo com seus públicos, de forma interativa e inovadora. Criam conteúdos que despertam a curiosidade e dialogam com a necessidade de falar com a linguagem dos públicos que os acessam.

1.2.2 Usos do passado e historiografia brasileira: negacionismo e nazifascismo na internet

Propõe-se um diálogo, uma conversação, entre o que há de mais recente escrito sobre historiografia do negacionismo no país (consequentemente, sobre alguns segmentos do nazismo e holocausto), bem como demonstrar outros autores e perspectivas que não necessariamente são historiográficas, mas que enriquecem esta pesquisa.

Esta subseção demonstra como as pesquisas sobre a temática negacionismo no Brasil são trabalhadas e, na medida do possível, de que forma. Por sua origem estar vinculada ao nazismo e se tratar justamente de um assunto aparentemente desconexo da realidade brasileira⁵⁰, é necessário ressaltar sua importância. Como Carvalho e Lucas (2018, p. 08) afirmaram, “Há algum tempo, o brasileiro descobriu que o nazismo era, como muitos pensavam, um fenômeno restrito a Europa e aos europeus”. E apesar de saber que o nazismo não é de esquerda, é necessário compreender o porquê de o grande público enxergá-lo como de esquerda⁵¹. Não se trata de discutir a veracidade de ser ou não o nazismo, bem como os terrores do holocausto nazista, frutos da direita do III Reich.

Contudo, quando um grupo massivo de brasileiros faz mais de seis mil comentários alegando que o nazismo é de esquerda, em uma postagem de um órgão institucional da Alemanha sediado no Brasil, isto por si só deve, no mínimo, significar algo sobre este país, seja que a educação falhou⁵², seja que o cenário político e o ascendente calor das eleições de 2018 estava agitando as redes.

Sobre as perspectivas do estudo do nazismo e, consequentemente, do holocausto no Brasil, segundo Bertonha (2019), há algumas dificuldades em estudá-lo no país. Primeiro pela

⁵⁰ No vídeo da embaixada havia alguns comentários que apontavam que os brasileiros não entendiam sobre nazismo, pois esse era um tema que fugia, isto é, estava longe da realidade do país.

⁵¹ Não é preciso ir longe para compreender esse processo. Por exemplo, o *Observatório do terceiro setor* escreveu, em 2020, uma matéria apontando o crescimento das células neonazistas no Brasil, baseadas na pesquisa do SaferNet Brasil (já apontada anteriormente). Em um texto pequeno, com pouco mais de 1100 palavras, apenas uma única vez se fala sobre comunismo (quando dizem sobre os cartazes anticomunistas espalhados em Blumenau). Contudo, os comentários na postagem dissertam sobre um relato da *reorientação nazista* de um indivíduo, e a respeito da *prática comunista*.

⁵² Entre os comentários do vídeo da embaixada, encontram-se acusações de que as pessoas não saberiam que o nazismo é de direita porque a educação brasileira é falha.

língua, pois a maior parte da historiografia que compõe os pilares dos estudos do tema está em alemão, inglês e francês⁵³. Esta é uma barreira difícil de ser quebrada e acaba restringindo muitos pesquisadores empolgados com a temática.

Outro problema está ligado às fontes (documentais no caso) que entram no segundo plano dos obstáculos, além de que, em um consenso, os nazistas são muito bons em destruir as coisas (provas, documentos, textos). Portanto, mesmo para pesquisadores alemães há grande dificuldade em pesquisar sobre o holocausto através de documentos. Pensando a realidade de um pesquisador brasileiro, que teria (mais cedo ou mais tarde) de ir até as fontes (isto é, viajar para fora do país), é um sacrifício enorme cogitar que tal empreendimento seria fácil e o acesso a documentações que envolvem o holocausto seria simples de conseguir. Arcar com os custos de uma viagem a Polônia, por exemplo, não é algo que se possa fazer recebendo uma bolsa de mestrado neste país⁵⁴.

Ao falar sobre os estudos do nazismo produzidos no país. Para o autor Bertonha existem algumas características de uma historiografia tipicamente brasileira. Ainda segundo Bertonha (2019), até a década de 1970, tudo que se produzia estava ligado à ideia do perigo alemão no Brasil⁵⁵. Posteriormente, o professor enquadra, de forma geral, as perspectivas de produção acadêmica que existem sobre o assunto no Brasil em alguns tópicos: 1) a presença dos militantes ou seções do Partido Nazista no Brasil, a relação deles com os integralistas e forças políticas nacionais; 2) os contatos econômicos, diplomáticos e culturais entre a Alemanha Nazista e o Brasil (como exemplo entram, aqui, estudos relacionados à entrada de propagandas nazistas no país); e 3) a fuga de nazistas para o país, como Menguele, Wagner e outros. Em relação ao último caso e a historiografia brasileira do nazismo, Bertonha (2019, p. 11) destaca:

Chama a atenção, até porque permite a conexão temporal com o tema do neonazismo contemporâneo, o qual também atrai o olhar não apenas de historiadores, como também de jornalistas, cientistas sociais e outros. Especialmente dentro desses tópicos, a historiografia brasileira tem feito uma colaboração relevante tanto para a História Política do Brasil como para a historiografia mundial sobre o nazismo (BERTONHA, 2019, p. 11).

No decorrer desta pesquisa, diversos autores são constantemente abordados, pois são canônicos na discussão brasileira do nazismo: Luís Edmundo de Moraes, João Fabio

⁵³ O próprio conceito de negacionismo discutido no capítulo anterior, tem suas origens no francês.

⁵⁴ Como apontado por Bruno Vaiano (2021), o “CNPq só conseguirá pagar 13% das bolsas aprovadas para cientistas em 2021” [...] “O corte é só o último capítulo da crise orçamentária na ciência brasileira – que pode ter consequências nefastas para o futuro do País”.

⁵⁵ Vide Bertonha, *Os estudos sobre o Nazismo no Brasil*, 2019.

Bertonha, Dietrich, Silva Seitenfus, Bruno Leal e muitos outros têm apontamentos dos mais relevantes para uma abordagem historiográfica do tema, e sem tais apontamentos, este trabalho não seria possível. Contudo, é importante destacar que tais pesquisadores não necessariamente trabalham com o holocausto enquanto objeto de estudos. Em suma, esses estudiosos dissertam sobre os negacionismos, o integralismo, bem como o nazismo e suas abordagens. O Holocausto entra na discussão por ser a forma mais explícita desse negacionismo⁵⁶.

Muitos dos pesquisadores que compõem este estudo também dissertam sobre a ascensão do nazifascismo e neonazismo, bem como a relação que o Estado Brasileiro tinha com os Nazistas, e alertam para os cuidados e rigores dos usos públicos do passado na construção das pesquisas.

Em relação ao Holocausto e os usos do passado, há pesquisas brasileiras, como “Usos da memória: As experiências do Holocausto e da Ditadura do Brasil”, dos autores Cristiano Paixão e Giovanna Maria Frisso, que fazem uma série de reflexões referentes à memória, seus usos, traumas e riscos de uma interpretação literal dessa memória (tanto do Holocausto, quanto da ditadura). Confrontando traumas com a realidade antidemocrática do período ditatorial brasileiro, os autores chamam atenção para o fato de o “diálogo ser importante para a construção de uma memória que possa reconhecer processos de vitimização e, ao mesmo tempo, afirmar a humanidade de todos” (PAIXÃO; FRISSE, 2016, p. 193).

Essa relação entre a forma de lidar com os passados traumáticos e os usos da memória é uma característica bem presente em alguns segmentos da historiografia brasileira acerca do Holocausto. Isto porque tanto Alemanha (Holocausto) quanto Brasil (Ditadura) compartilham passados traumáticos complexos, e a sociedade⁵⁷ enxerga nisso uma oportunidade de implementar seus mitos e pautas políticas, na medida em que questiona e incita o amplo público (ou seus públicos específicos) a duvidar do trabalho dos historiadores profissionais. Sobre este assunto, Maria Lucila Svampa escreve na sua tese intitulada “Usos públicos de passados ditatoriais: Visualizações na Alemanha”:

As representações do passado envolvem disputas sobre o modo, o objeto e o propósito de sua reconstrução. Quando se fala de um passado “que não passou”, referindo-se a eventos traumáticos que não foram suficientemente maturados para curarem as feridas de outrora, as definições desses aspectos

⁵⁶ Este assunto será novamente abordado com base no texto *Negacionismo e Revisionismo Histórico no século XXI*, do professor Marcos Napolitano.

⁵⁷ Leia-se, aqui, negacionistas, como o grupo *Brasil Paralelo* e a *União Brasil Conservador*, que constroem, em seu cabedal de posts e vídeos, um montante de mitos políticos e propõem uma pauta político-econômica disfarçada de escrita histórica.

são mais complexas graças aos seus possíveis usos políticos, algo que reduziria o passado a uma funcionalidade. Contudo, os “usos” propostos para essa análise não tencionam reduzir a história como um modo de se alcançar um dado objetivo (SVAMPA, 2016, p. 13).

Nicolazzi e Bauer (2016) já alertaram para esse tipo de uso público da história, quando incitaram a pensar que “cada sociedade, na escrita da sua história, entre historiadores e falsários, tem o Marco que merece”. Há, é claro, diferenças entre os contextos de cada Marco. Tanto que esta é a proposta dos autores, logo no início de seu texto, quando alertam: “nosso intuito é problematizar questões relativas à cultura histórica contemporânea, mais especificamente, ao estudo sobre passados traumáticos” (NICOLAZZI; BAUER, 2016, p. 01). Portanto os autores, de forma geral questionam qual é a função social do historiador.

Não muito longe dessas reflexões, Jurandir Malerba, ao falar da História Pública brasileira, bem como sobre seus possíveis caminhos, discorre sobre o historiador norte americano Claude Bowers e sua “moral da estória” (MALERBA, 2013, p. 42). Nosso autor sinaliza sobre o lugar, e pensando qual é o público para qual o historiador escreve (isso é, sua função social), afirma que, “quando se pensa a dimensão pública da história, é preciso considerar não apenas a mensagem ou o locutor, mas como diversas audiências recebem tal mensagem” (MALERBA, 2013, p. 42). Contudo, essa abordagem dos usos dos passados traumáticos, seja por parte dos negacionistas, seja como um tópico de reflexão construtiva por parte da historiografia brasileira, não é algo que pertença unicamente ao Brasil ou à Alemanha. Por exemplo, ao falar do livro de Finkelstein (2001) e da perspectiva pela qual os negacionistas operam suas comparações com escritas historiográficas, Bertonha (2019, p. 02-03, grifo nosso) afirma:

Eu posso concordar que o regime de Stalin foi tão brutal quanto o de Hitler ou que os americanos cometeram atrocidades no Vietnã sem que, necessariamente, isso inocente o nazismo dos seus crimes. Mas, os negacionistas trabalham com outra lógica, uma lógica de extremos, de aceitação ou negação total de argumentos, a qual tem um potencial danoso. Veja-se, por exemplo, o recente livro (*janeiro de 2001*) de Norman Finkelstein, em que ele questiona o uso exagerado do tema do Holocausto pelas elites judaicas e pelo Estado de Israel, que teriam criado um mito para o consumo político, a partir do massacre dos judeus. Ao meu ver [*sic*], uma reflexão com pontos validos e que nem se aproxima de um negacionismo que afirme que o Holocausto não existiu, ou que não foi uma catástrofe humana. **No entanto, já imagino negacionistas felizes com a ideia de que os reparos pontuais do historiador americano sejam provas de que os nazistas eram santos e de que os judeus efetivamente manipulavam o mundo para atingir seus fins.**

Sua fala rememora muito as recentes reflexões do artigo laçando por Nicolazzi (2021), que discorre tanto sobre a perspectiva pela qual o grupo Brasil Paralelo constrói, expõe e atua nas redes, quanto a recepção do seu amplo público. Em outras palavras, aborda a forma (comentários performáticos) com que as pessoas esboçam seu interesse pela mensagem (ideologia) transmitida pelo grupo⁵⁸. Tanto Nicolazzi quanto Malerba e Bertonha alertam para a forma que o passado é utilizado.

Não se trata de proibir não historiadores ou figuras públicas de fazer usos da história, até porque fazem isso o tempo todo. Trata-se de questionar, refletir e na medida do possível, dialogar com o público que vê esses usos negacionistas e mal-intencionados sendo feitos de forma completamente tendenciosa, desumana e nefasta. Não é sobre tirar o direito à liberdade de expressão, mas de saber que “o direito que o falsário demanda, não deve ser concedido em nome da verdade⁵⁹” (NAQUET, 1994, p. 85-86), e que consentir com isso pode colocar os historiadores na berlinda. Contudo, cabe a nós discutirmos de forma séria, não apenas sobre os fenômenos históricos, mas acerca das formas pelas quais se tem usado esses passados. Assim, evita-se e alerta-se que trabalhos científicos sérios, como o de Finkelstein (2001), sejam facilmente usados por negacionistas felizes e revisionistas mal-intencionados. Nicolazzi (2021, p. 06) sugere, em seu artigo,

Em primeiro lugar, considero que não há passado que não seja objeto de uma determinada forma de uso. Seja para fins políticos de construções indenitárias, seja para fins comerciais (como no caso do turismo histórico e das modas retrôs), seja ainda para fins científicos de produção de conhecimento, trata-se sempre de formas variadas de uso do passado ou modalidades específicas de “relação com o passado”. E isso tem menos a ver com uma compreensão utilitarista das formas de experiência do tempo do que com um modo de entendimento que considera o viés performático de nossas relações com os diferentes passados, ou seja, que busca perceber as práticas culturais que configuram tais relações (NICOLAZZI, 2021, p. 06).

De forma geral, não se trata dos usos, mas dos abusos. Os usos do passado estão sempre articulados com as perspectivas propostas pelos grupos que deles fazem uso,

⁵⁸ Ao analisar Brasil Paralelo - *Independência ou morte*, Nicolazzi destaca as reações das pessoas na caixa de mensagens do YouTube: “Araori Coelho, por exemplo, considera este ‘um dos documentários mais comoventes’ que já viu. Ricardo Gomes afirmou ser o ‘capítulo mais lindo de nossa história’ e William Feitosa postou que estava ‘chorandooooo’, seguido por emojis com rostos em pranto. Comoção, beleza, lágrimas, estes são termos ou sensações constantemente expressadas pelos variados públicos da Brasil Paralelo, cuja narrativa indica algumas formas de recepção da história e de mobilização da memória nacional em torno da Independência na contemporaneidade. Deise Cristina Santos Gonçalves conseguiu sintetizar bem isso, ao publicar o seguinte comentário: “Parabéns por resgatar nossa verdadeira história, me comovi muito. Nossa história é linda, agora entendo a minha simpatia involuntária pela monarquia. Obrigada”, inserindo ao final da sua postagem um emoji com a imagem de uma coroa” (NICOLAZZI, 2021, p. 05). Através desses comentários performativos, Nicolazzi (2021) busca refletir sobre a história e o papel social do historiador.

⁵⁹ NAQUET, Pierre Vidal, *Los asesinos de la memoria*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1994, pp. 85-6 (tradução de Marcos Napolitano).

pertencem sempre ao presente. Seja de historiadores, que trabalham cientificamente com esse elefante⁶⁰ (PINSKY; PINSKI, 2021) complexo, seja de neonazistas tropicais, ou tupiniquins⁶¹, que *floodam*⁶² comentários na internet, negando que o holocausto tenha existido e saudando *white-pride* nas câmeras, na medida em que negam tal relação posteriormente⁶³. Sobre essa relação entre nazismo tropical e governo, recém trazida à tona por segmentos e agentes institucionais, é de bom tom salientar outro trabalho relevante e que merece destaque nesta pesquisa: “Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil”, de Ana Maria Dietrich (2012).

Fruto de tese, a pesquisa busca compreender o processo de tropicalização do nazismo. Esse trabalho dialoga com a relação da atuação do Partido Nazista no Brasil, e usando fontes e memórias, demonstra o processo de aceitação ou tropicalização, segundo a proposta da autora cultural do nazismo no país. No capítulo sexto, há uma discussão sobre uma historiografia brasileira do nazismo. Sobre sua tese, a autora explica:

O partido nazista no Brasil (1928-1938) estava inserido em uma rede de filiais deste partido instaladas em 83 países do mundo e comandadas pela Organização do Partido Nazista no Exterior, cuja sede era em Berlim. O grupo instalado no Brasil teve a maior célula fora da Alemanha com 2900 integrantes sendo estruturado de acordo com regras e diretrizes do modelo organizacional do III Reich. A realidade brasileira interveio nesse processo causando o que chamamos de tropicalização do nazismo. A história do desenvolvimento da ação do partido no Brasil será analisada nos 17 estados brasileiros onde estava presente, tendo como contexto histórico a complexidade das relações Brasil e Alemanha durante o período da Era Vargas (DIETRICH, 2012, p. 08).

Dietrich teve por objetivo compreender esse processo de tropicalização do nazismo. Interessante notar que nunca se fala de um Partido Nazista Brasileiro, ou Partido Nazista do Brasil, pois, os segmentos administrativos da burocracia nazista não permitiam a criação de um braço, ou seja, um componente de células nazistas no Brasil. Isto não significa que não existissem células nazistas atuantes no Brasil, mas que essas atuações deveriam ser subservientes ao III Reich (seguindo a cartilha dos Dez Mandamentos da Organização do Partido Nazista no Exterior), na medida em que não poderiam ferir a política interna do país

⁶⁰ PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi, 2021, p. 16)

⁶¹ Referência ao capítulo quinto da tese de Dietrich, intitulado *Cossel - O Fuhrer tupiniquim* (DIETRICH, 2012, p. 223)

⁶² Segundo o dicionário informal, “No inglês, o termo *flood* significa inundar. O termo é atribuído à usuários da internet que postam sucessivamente conteúdos irrelevantes e repetitivos. Palavra definida como gíria, muito utilizada pelos jovens, em redes sociais e sites” (Dicionário InFormal, [s.d., s.p.]).

⁶³ Referência ao assessor do governo Bolsonaro que fez um gesto neonazista no senado.

em que estariam atuando⁶⁴, e ao mesmo tempo segregavam a atuação dos participantes considerados não arianos.

Sobre essa atuação do partido no Exterior é válido citar Moraes (2019, p. 19-48) que traz uma série de apontamentos sobre a atuação e organização da NSDAP no Brasil. Sobre o processo de tropicalização do partido, e nas palavras da autora ao lembrar sua trajetória enquanto pesquisadora e o tema de sua pesquisa, é interessante ressaltar que tal processo teria ocorrido de forma lenta, gradual, não havendo um choque cultural de imediato:

A tropicalização não se deu, portanto, em um choque imediato. Ela foi acontecendo com o passar do tempo, com as nuances que a realidade brasileira, em um processo de recepção a todas essas ideias, formas e estruturas impôs ao nazismo. Assim, foi possível aos alemães e descendentes – nas décadas de 1930 e 1940 – ao mesmo tempo comemorar o aniversário de Hitler e uma festa de São João, tomar cerveja alemã e comer canjica (DIETRICH, 2012, p. 275).

Para nós, porém, o que importa aqui em específico é a sexta parte de sua tese, que faz uma série de ponderações sobre o Nazismo no Brasil: *Percursos Historiográficos*⁶⁵. Assim como Bertonha em estudos sobre o Nazismo no Brasil, Dietrich afirma que parte do que se produzia até a década de 1970 estava ligado com a organização interna do Partido Nazista no país, assim como, na década de 1980, muita coisa relacionada com a Era Vargas (o flerte de Vargas com o governo nazista para ser mais preciso), nacionalismo e o conceito de “perigo alemão” (DIETRICH, 2012, p. 258). A pesquisadora elenca uma série de autores nacionais que escrevem sobre a temática da historiografia do nazismo. Em uma nota de rodapé, destaca alguns trabalhos que dialogam com o tema: Dietrich afirma: “Quanto aos trabalhos historiográficos brasileiros sobre o Partido Nazista no Brasil, destacam-se os seguintes: O governo federal e o partido nazista no Brasil. Niterói, 1988 de COHEN, Esther”, o texto de “MORAES, Luís Edmundo, Conflito e reconhecimento: Os grupos locais do NSDAP em Blumenau e Rio de Janeiro⁶⁶”, além da dissertação da própria autora, chamada *Caça às Suásticas, o partido nazista no Brasil sob a mira da polícia política* (DIETRICH, 2012, p. 259).

⁶⁴ Este seria o princípio da legalidade, um dos pontos elaborados e contemplados nos “*Dez Mandamentos da Organização do Partido Nazista no Exterior*” (MORAES, 2019, p. 23).

⁶⁵ Título da sexta seção de sua tese (DIETRICH, *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*, 2012, p. 257).

⁶⁶ Do original *Konflikt und Anerkennung: Die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und Rio de Janeiro*.

Para além desses trabalhos, Dietrich destaca outros historiadores já conhecidos no meio. Entre eles estão Luís Edmundo de Moraes⁶⁷, René Gertz⁶⁸ e Ricardo Antônio Silva Seitenfus⁶⁹, além de pesquisas como as de Maria Luiza Tucci Carneiro e Roberto Gambini⁷⁰. Dietrich (2012) foca nas relações que o Partido Nazista estava construindo para além da Alemanha, e propõe pensar esse processo de tropicalização buscando olhar o Brasil pela visão do III Reich. Dessa forma, através das documentações, Dietrich (2012) consegue fazer uma análise, não apenas da atuação do partido nazista no Brasil, mas de toda a conjuntura política, cultural e econômica.

Sobre as análises que envolvem o tema holocausto e negacionismo do holocausto no Brasil, há mais um trabalho que merece destaque. Um recente capítulo, lançado em “Novos combates pela História, Desafios Ensinos”, organizado por Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky e lançado no primeiro semestre de 2021. Nele há uma seção escrita pelo professor Marcos Napolitano, cujo objetivo é discutir sobre o negacionismo do holocausto.

Em menos de trinta páginas, Napolitano (2021) permeia as discussões sobre negacionismo e revisionismo histórico ao longo do século XXI, exemplificando desde a criação do conceito tardio da palavra negacionismo até estudos contemporâneos. Para Napolitano (2021), o Holocausto é um evento particular na história que consagra um novo olhar para historiografia. Portanto, na medida em que se consagrou o testemunho como uma forma de compreender tal evento, “incentivou-se a antiga prática da negação” (NAPOLITANO, 2021, p. 90). O autor alerta que é impossível tratar de negacionismo e não tratar do Holocausto, pois ambas as discussões caminham juntas. Além disso, enfatiza a

⁶⁷ A autora aponta suas contribuições para os estudos do nazismo no Brasil afirmando: “O autor fez levantamentos numéricos por: cidades, grupos, profissão dos membros do partido nazista no Brasil e de todos os *Landesgruppen* (grupos do país) da organização partidária nacional-socialista no mundo. Mencionou também as associações ligadas a ideologia nazista no Brasil – a Juventude Hitlerista, a Associação de Mulheres Nazistas, a Associação de Professores Nazistas, a Ajuda de Inverno e a Frente de Trabalho Alemã” (DIETRICH, 2012, p. 260).

⁶⁸ “Em O perigo alemão e O fascismo no sul do Brasil, abordou a questão do nazismo no Brasil, bem como as relações entre o Brasil e a Alemanha no período de 1933 a 1938, analisando as colônias alemãs da região Sul. Segundo ele, os imigrantes eram orgulhosos de sua condição de ‘alemães’ e não queriam ampliar este privilégio a outros por meio da concessão da cidadania” (DIETRICH, 2012, p. 262).

⁶⁹ Segundo Dietrich (2012, p. 301), “Seitenfus em *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Nacional; Brasília: Fundação Pró-Memória, 1985. Elencou motivos para o estreitamento das relações Brasil-Alemanha após a ascensão do III Reich, entre eles, a luta anticomunismo que aproximou ideologicamente a polícia de Vargas à GESTAPO. O governo brasileiro teria expressado sua simpatia pelo movimento nazista que se desenvolvia no Sul do Brasil. Aliás, mais do que simplesmente mostrar-se favorável, o governo teria também estimulado tais manifestações, que após 1938 foram tachadas de nazistas. Seitenfus, afirmou que o partido nazista pretendeu traçar uma identificação dos alemães residentes no Brasil com o III Reich, a fim de que, desta forma, eles pudessem aderir à doutrina nacional-socialista. Segundo ele, a interferência alemã se fez sentir também na educação, com um grande número de escolas que divulgavam as ideias nazistas”.

⁷⁰ Ambas as pesquisas conhecidas nesse meio trabalham com o flerte econômico e político-cultural entre os Nazistas e o governo de Getúlio Vargas.

necessidade da ampliação conceitual do termo para que, assim, seja possível debater pensando os novos contextos. Ainda, ao falar sobre a legitimidade da escrita histórica, destaca:

O que não é legítimo é inocentar a cúpula nazista da responsabilidade final pelos crimes de massa ou negar a existência de “câmaras de gás” ou de uma política de extermínio de massa não apenas de judeus, mas de ciganos e eslavos, entre outros grupos sociais. Os debates em torno do Holocausto judeu consagraram o termo *negacionismo*, mas sua amplitude acabou extrapolando este campo de estudos históricos. Assim, é preciso ampliar o próprio conceito de negacionismo e seu corolário, o *revisonismo ideológico*, para compreender seu uso em outros contextos (NAPOLITANO, 2021, p. 96, grifos do autor).

Por fim, aponta algumas perspectivas que podem ser usadas em sala de aula para o combate do negacionismo contemporâneo. Napolitano (2021) dialoga com a mudança de perspectivas que acontece na atualidade e em relação ao conhecimento sobre o passado histórico, e adverte que os professores devem tomar cuidado com as terminologias e argumentos valorativos, pois enquadrar personalidades, eventos, processos e quaisquer outros adventos da história como bons ou maus não contribui para a compreensão dos desdobramentos significativos de uma análise histórica.

Não faltam discussões acerca do negacionismo do holocausto, da mesma forma que não faltam pessoas que estão se dispondo a refletir sobre o tema. Isto se deve ao fato de que, nos últimos anos, uma onda de negacionismos tem tomado conta de muitos espaços de discussão, ampliada pelo acesso imediato que a internet proporcionou. Nesse mar de informação digital, o conhecimento histórico, assim como o papel do historiador, parece ter sido deixado de lado: as esferas de discussão on-line parecem não mais comportar mediadores.

Cada usuário que interage na web parece ser responsável por criar sua própria versão dos acontecimentos históricos, acredito que isto de forma alguma é um problema, pois a história não pertence a um único grupo, tampouco deve ter apenas uma forma de ser observada. Contudo, muitas dessas narrativas são exposições negacionistas, agressivas e que, em sua maioria, atacam e combatem. Por meio de um comentário no facebook, um sujeito demonstra seu desrespeito a um determinado grupo étnico. Esta ação, apesar de parecer trivial aos olhos sobrecarregados de informações dos outros usuários, tem um efeito cascata muito complexo: a normalização do negacionismo e a aceitação do abuso do passado. Portanto, por mais intimidador que o contexto pareça, a função social dos historiadores continua sendo a mesma, a de lidar com o passado, com os usos dele, e o mais importante, com os abusos. Se

Levy (2011) estiver correto e a virtualização do corpo⁷¹ for real, negar o holocausto no facebook é tão nocivo quanto renegá-lo na realidade.

⁷¹ Referente ao capítulo segundo do livro *O que é virtual?*, de Pierre Levy, publicado em 2011 pela editora 34.

CAPÍTULO 2 - O VÍDEO DA EMBAIXADA DA ALEMANHA NO BRASIL: UMA FACETA DO NEGACIONISMO NA REDE

Em 2018, a Embaixada da Alemanha em Brasília - DF e o Consulado Geral em Recife - RF, em conjunto com o Ministério das Relações Exteriores, publicaram o vídeo intitulado *História na Alemanha*, dirigido por Daniel F. Warkentin. Nesse pequeno curta metragem de pouco mais de um minuto, é contado, através de um diálogo expositivo, qual o tipo de relação que os alemães têm com o nacional-socialismo, de que forma abordam o assunto e, em última instância, quão importante é “conhecer e preservar a história para não repetí-la” (EMBAIXADA DA ALEMANHA EM BRASÍLIA, 2018). O vídeo tem por objetivo demonstrar como a formação educacional alemã, desde cedo, faz com que as crianças tenham contato com a história da Segunda Guerra Mundial, o nazismo, bem como o Holocausto.

O curta segue informando que, mesmo sendo ensinadas somente a partir dos 13 anos, as crianças têm muitos outros contatos com o tema, pois vivenciam parte dessa história ao andar nas ruas, visitar museus, e principalmente através de histórias familiares. Posteriormente, é apresentada uma série de ações consideradas crimes na Alemanha: “Negar o Holocausto, exibir símbolos Nazistas e saudar Heil Hitler”. Após isso, o vídeo indaga: “E quando o extremismo de direita voltar a acontecer no país?” (EMBAIXADA DA ALEMANHA EM BRASÍLIA, 2018). Em seguida, citando o então Ministro das Relações Externas, Heiko Maas, afirma: “Devemos nos opor aos extremistas de direita”, e o vídeo se encerra afirmando: “Quem protesta contra os nazistas não é de esquerda, mas normal” (EMBAIXADA DA ALEMANHA EM BRASÍLIA, 2018).

Muitas problemáticas podem ser extraídas do vídeo. É evidente que ele tem caráter pedagógico. Contudo, segundo o curta, fica perceptível que muito do peso e da responsabilidade do trauma do nazismo é de responsabilidade dos professores, como se eles fossem inteiramente responsáveis pela forma com a qual se lida com essas questões. Parte dessa percepção é refletida nos comentários, em que muitos elogiam o sistema educacional alemão e comparam com o brasileiro.

Essa comparação não se limita apenas ao sistema como um todo, ao contrário: ela aponta para um responsável, o professor. Muitos comentários fazem essas analogias, o que pode parecer algo simplório, mas na verdade demonstra que parte desses usuários realmente crê que a culpa da não compreensão de eventos históricos e/ou a negação deles é de responsabilidade do professor, seja o alemão, seja o brasileiro. Porém, o foco da discussão está relacionado com outro ponto destacado no vídeo: a ideia de direita e esquerda.

Justamente para compreender de que forma uma discussão sobre direita e esquerda em um vídeo do Facebook de 2018 tem a dizer sobre o negacionismo do holocausto no Brasil, as discussões a seguir estão organizadas. É certo, porém, que os efeitos que o curta teve não foram poucos. Assim que foi publicado, em 28 de agosto, comentários de brasileiros indignados com o vídeo começaram a ressoar pela internet (inclusive em outras plataformas), gerando um grande debate sobre o passado nazista da Alemanha.

A princípio, pode ser válido abordar essa série de acontecimentos de forma cronológica, tornando mais fácil a compreensão dos eventos que levaram os órgãos a criarem o vídeo. No primeiro momento, uma marcha neonazista caminhou pelas ruas da cidade alemã de Chemnitz – DE⁷². Em um ato de xenofobia, racismo, machismo e anticomunismo, seus organizadores clamavam, juntos aos seus companheiros ultradireitistas e orgulhosos de sua branquitude, gritos de ódio e ameaçavam expurgar imigrantes, lgbt+, comunistas e quaisquer outras pessoas que fossem contra ou não simpatizassem com suas ideologias.

Tal manifestação ocorreu após a morte de um dos companheiros dos organizadores do evento, em agosto de 2018⁷³. Seus supostos assassinos são imigrantes, um sírio e um iraquiano de 22 e 23 anos. O motivo? Uma discussão e conseqüentemente uma briga de bar, ou alteração verbal, como queiram chamar (PARS TODAY, 2018). Logo após as prisões e deportações, grupos de extermínio começaram a se organizar. Tal feito fez a extrema direita *Pro Chemnitz* ir às ruas, marchar sob o pretexto de um diálogo cidadão em uma caça coletiva contra imigrantes, esquerdistas, mulheres e lgbt+, chocando, assim, a Alemanha e parte da Europa.

No Brasil (país este que também⁷⁴ estava vivendo uma exposição mais conservadora, assim como a Alemanha e o resto do globo⁷⁵), a extrema direita estava tomando cada vez mais espaço de discussão nas redes sociais, aumentando, assim, sua chance de vitória nas urnas, ao

⁷² Chemnitz é uma cidade do estado da Saxônia, na Alemanha. Localiza-se no leste do país. A sua população urbana, incluindo a cidade de Zwickau, em 2019 tinha cerca de 246 mil habitantes.

⁷³ Os tumultos de Chemnitz foram extremamente bem-preparados. Já em 2017, o mundo fascista da Saxônia tinha posto a correr rumores de agressões a mulheres alemãs por migrantes à margem das festas populares da cidade, mas a campanha não pegou. Na preparação das festas de Chemnitz de 2018, as associações de luta contra o racismo previam uma nova ação das redes clandestinas da extrema-direita, sem que, no entanto, pudessem prever o incidente dramático que esteve na sua origem –em uma rixa, às 3h da madrugada, um refugiado mata com uma facada um germano-cubano – nem a sua exploração política. Posteriormente, o procurador federal da Alemanha anunciou, no final de setembro, o desmantelamento de uma célula terrorista neonazi que planejava o assassinato de refugiados e de eleitos de esquerda. Este grupo utilizou as manifestações de Chemnitz para testar o seu modo de operar visando a eliminar e assassinar refugiados. Foi desmantelado quando procurava armas para passar aos assassinatos (POUYDESSEAU, 2018).

⁷⁴ Isto é, se um dia deixou de ter tais características. Apenas, talvez estivéssemos acostumados com a curta *democracia* que vivemos, e agora, com o golpe aplicado em 2016, voltássemos a reviver características marcantes da nossa formação histórica.

⁷⁵ Como é o caso de sites, como El País, DW e ParsToday, constantemente citados nessa pesquisa, reportaram de imediato a notícia, vista a importância de seu peso para o cenário democrático alemão.

mesmo tempo em que polarizava, por meio do discurso midiático, o debate político. Os eventos de Chemnitz, portanto, tiveram pouca repercussão no Brasil. Com exceção, é claro, de mídias internacionais e alemãs mais atuantes no território, este evento em particular não foi enormemente noticiado, apenas uma ou duas menções nas mídias tradicionais.

Contudo, a repercussão da resposta do Estado alemão a esse evento teve grande respaldo em outras partes do globo. Em contrapartida, e em resposta à Manifestação de Chemnitz, organizou-se uma série de manifestações midiáticas, desde pronúncias por parte órgãos internacionais, entidades governamentais e representações pró-democracia em todo mundo, usuários do Twitter e outras redes sociais também se posicionaram, principalmente na Alemanha, onde se reforçou a ideia de que se deve lutar contra o nazismo, difundiu-se muito conteúdo relacionando o evento à ascensão da ultradireita.

A manifestação, em si e por si, não é um caso isolado: ela ocorreu como fruto de uma série de tensões pelas quais o Estado da Alemanha, até então, passava. Em entrevista ao blog *L'arène nue* (A área nua), Coralie Delaume⁷⁶ dialogou com o historiador Mathieu Pouydesseau, quando conversaram sobre o cenário da ascensão da extrema direita alemã e sobre a manifestação de Chemnitz. Quando perguntado: “O que se passa para lá do Reno? Pode a situação ficar fora de controle?”, Pouydesseau explicou a situação, situando a região historicamente, desde o fim da união soviética, e alertando sobre como as questões envolvendo as tensões dos refugiados e a extrema direita violenta não são novas:

É necessário lembrar que quando se devolveu a soberania à Alemanha depois da guerra, isso foi feito com muitas precauções. Tanto na RFA como na RDA ficou estabelecido na Constituição a obrigatoriedade de combater as ideologias da extrema-direita [...]. Durante o processo de reunificação, foram mostrados igualmente olhares de reprovação quando distúrbios resultaram na morte de migrantes na ex-RDA, em Rostock por exemplo [...] depois da criação do mercado comum, e a seguir do mercado único e da moeda comum, foi progressivamente feita a opção de deixar de vigiar a Alemanha. Entre 2000 e 2015, qualquer menção do ressurgimento da extrema-direita alemã era rejeitada como sendo “germanofobia” ou então relativizada por comparação com os resultados da extrema-direita francesa. Contudo, eram visíveis os sinais de um tsunami em formação. Na década 2002-2012, o NPD teve êxitos eleitorais sendo abertamente simpatizante do neonazismo [...] O ano de 2011 marca também um corte no registo dos atos de violência da extrema-direita na Alemanha. A partir dessa data, o número de atos de violência provocados pela extrema-direita irá dobrar todos os anos sob a indiferença geral, até chegar a mais de 2000 ações, ou seja, 10 vezes mais que a extrema-esquerda e 25 vezes mais que os islamistas, a cada ano [...] A partir de 2013, um novo partido na Alemanha está pronto para recolher as

⁷⁶ Nascida em 26 de agosto de 1976 em Romans-sur-Isère, morreu em 15 de dezembro de 2020 (aos 44 anos, vítima de câncer) em Montelimar. Foi blogueira, jornalista e ensaísta francesa. Especialista em União Europeia, criadora do *L'Arène nue*.

brasas destes agregados familiares. Os tumultos de Chemnitz não aparecem, pois, do nada, como um relâmpago em céu limpo. Eles instrumentalizam a questão dos refugiados, que se tornou crítica na opinião pública alemã depois de setembro de 2015, mas a gênese é antiga (POUYDESSEAU, 2018).

Uma das posições tomadas por parte das entidades que se viram obrigadas a lidar com a situação foi criar postagens em suas redes sociais, alertando sobre os males do nazismo, além de vídeos institucionalizados. Divulgados em seus meios de comunicação online, tais postagens repercutiram aqui e ali na internet. Contudo, e é aonde encontramos nosso objeto de discussão, no segundo semestre de 2018, mais especificamente em 5 de setembro, a Embaixada da Alemanha em Brasília publicou em sua página no facebook, um vídeo curto, com pouco mais de um minuto, cujo objetivo era, segundo a legenda, “saber como se ensina história na Alemanha”, ressaltando, também na legenda, que “os alemães não escondem seu passado” (EMBAIXADA DA ALEMANHÃ BRASÍLIA, 2018).

Essa ideia presente na legenda da postagem, de não esconder seu passado, pode ser vista e problematizada por diversos ângulos. A percepção de não esconder o passado é uma clara alusão à ideia do confronto da memória. Os alemães, após o final da Segunda Guerra Mundial, tiveram de confrontar essa memória diversas vezes. O que nos prestamos a compreender é que há muitas formas de abordar essas disputas referentes ao trato dos traumas do passado (incluído o não tratamento, a recusa em discutir um trauma da história é uma forma de lidar). Em “Educação após Auschwitz”, Adorno (1967) descreve a importância de confrontar esse passado traumático, salientando que o simples fato de tal evento ter acontecido (referindo-se aqui ao Holocausto) e de se questionar quantos morreram é humanamente indigno, visto que não importa.

A reflexão a respeito de como evitar a repetição de Auschwitz é obscurecida pelo fato de precisarmos nos conscientizar desse elemento desesperador, se não quisermos cair presas da retórica idealista. Mesmo assim é preciso tentar, inclusive porque tanto a estrutura básica da sociedade como os seus membros, responsáveis por termos chegado onde estamos, não mudaram nesses vinte e cinco anos. Milhões de pessoas inocentes e só o simples fato de citar números já é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades foram assassinadas de uma maneira planejada. Isto não pode ser minimizado por nenhuma pessoa viva como sendo um fenômeno superficial, como sendo uma aberração no curso da história, que não importa, em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento, do humanismo supostamente crescente. O simples fato de ter ocorrido já constitui por si só expressão de uma tendência social imperativa (ADORNO, 1967, p. 01).

“Mesmo assim é preciso tentar”, afirma Adorno (1967, p. 01). Em seu texto, o filósofo alemão destaca a necessidade de recordar, de dialogar e não esquecer. Adorno (1967) salienta,

que é preciso se contrapor à ausência de consciência em relação aos fenômenos político-históricos, visto que tal ideia é tendenciosamente perigosa, pois se ausentar do debate culminaria no processo de repetí-lo⁷⁷. Dessa forma, lembrar Auschwitz e confrontar o evento do Holocausto não se trata de uma simples recordação, mas de tratar um grande trauma de maneira sistemática.

Em seu texto, Adorno (1967) se mostra preocupado com a educação infantil⁷⁸, pois trabalhar esses acontecimentos desde a infância ajudaria a evitar a repetição de tais eventos no futuro. Claro que o autor tem suas preocupações e destaca que não se pode cair na falsa ideia de que a educação e o trato de confrontar tais assuntos na infância seriam responsáveis por evitar que eles fossem acontecer no futuro. Destaca-se, aqui, que mesmo lidando com esses passados traumáticos dessa forma (por meio da educação), depositar as esperanças de um futuro sem que atrocidades como Auschwitz aconteçam novamente, inteiramente nas mãos da educação é, em algum sentido, o que Adorno chama de “retórica idealista” (ADORNO, 1967, p. 01).

Agrada pensar que a chance é tanto maior quanto menos se erra na infância, quanto melhor são tratadas as crianças. Mas mesmo aqui pode haver ilusões. Crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas. Mas, sobretudo, não é possível mobilizar para o calor humano pais que são, eles próprios, produtos desta sociedade, cujas marcas ostentam (ADORNO, 1967, p. 07).

O vídeo postado pela embaixada dialogava justamente com essa ideia de Adorno (1967). Mesmo de forma muito simples, fazia um resumo sobre como os alemães, desde a infância, lidam com esse passado traumático. Alguns lugares históricos, como a própria Auschwitz, foram mostrados, com crianças andando e aprendendo. Ressaltava a importância

⁷⁷ É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica. Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância. Já mencionei a tese de Freud acerca do mal-estar na cultura. Ela é ainda mais abrangente do que ele mesmo supunha: sobretudo porque, entretanto, a pressão civilizatória observada por ele multiplicou-se em uma escala insuportável. Por essa via as tendências à explosão a que ele atentara atingiriam uma violência que ele dificilmente poderia imaginar. Porém o mal-estar na cultura tem seu lado social ---- o que Freud sabia, embora não o tenha investigado concretamente. É possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída. Isto aumenta a raiva contra a civilização. Esta torna-se alvo de uma rebelião violenta e irracional” (ADORNO, 1967, p. 02).

⁷⁸ “Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes” (ADORNO, 1967, p. 02).

de não esquecer e de forma elucidativamente pedagógica, respondia indiretamente aos *Pro Chemnitz* que o Estado alemão sabe sobre os perigos que manifestações como aquela representam. Contudo, para os internautas brasileiros que comentavam, tal percepção sobre a forma de lidar com o passado não interessava, pois, um único ponto em todo vídeo chamou atenção de uma legião de pessoas: a afirmativa de que o nazismo é de ultradireita.

2.1 REDE, WEBETNOGRAFIA E ETNOGRAFIA VIRTUAL: METODOLOGIAS DE PESQUISA NO FACEBOOK

É explícito que a internet trouxe, para todos, uma revolução na forma como nos comunicamos. Seja por conta do facebook ou WhatsApp, não transmitimos mensagens da mesma forma que fazíamos anos atrás. Hoje, quando queremos pesquisar algo, basta clicar no Google e temos respostas quase instantaneamente. A mesma afirmação vale para a forma como consumimos, produzimos e compartilhamos conteúdo. Basta pensar naquele colega de faculdade com quem há muito tempo não conversava, e mesmo não sendo visitado em seu aniversário, já não se escrevem mais cartas, estamos perdendo o hábito de fazer ligações, mas postar uma ou duas fotos da época que passaram juntos em sua linha do tempo no facebook com poucos dizeres já é capaz de transmitir os mais legítimos parabéns. Portanto, como negar que a internet e as redes sociais, hoje, possuem um peso político-psicológico massivo para o mundo real? As redes sociais foram responsáveis por trazer uma amplitude midiática enorme. Sua força expansionista e coercitiva, vinda por meio dos computadores de fácil acesso, deve ser levada em consideração quando pensamos os eventos históricos contemporâneos (GUILLAUME, 2013).

Por exemplo, Cesarino (2019) alertou para o papel dos grupos de WhatsApp na campanha eleitoral do então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro, em 2018. Em um artigo, aponta de forma sistemática que ascensão do bolsonarismo, bem como a polaridade que compunha o cenário político daquele ano no país, só foi possível de ser realizado por meio da difusão de informações engenhosamente coercitivas nas redes sociais. Dessa forma, uma rede complexa de troca de informações fazia circular tanto uma imagem mitológica do candidato, a qual ela chama de o corpo do rei, quanto fake news, propagandas de ódio e negacionismos por milhares de celulares em todo país. Assim, na medida em que esses grupos difundiam uma imagem do mito, ele se ausentava do debate político real, fugindo de discussões e conversas com outros candidatos (CESARINO, 2019).

Ao analisar alguns comentários presentes no vídeo da embaixada, foi possível observar frases comumente atribuídas ao eleitorado de Jair Messias Bolsonaro. Dessa forma, podemos questionar: serão eles os responsáveis por aquela afirmativa de que o nazismo é de esquerda? Acredito que sim, pois fazem parte do mesmo grupo. Mas será que esse negacionismo do nazismo, e essa afirmativa que os nazistas são de esquerda é um tópico único, tipicamente relacionado a essa postagem? Será que, de fato, é o mesmo público? E o mais importante, em que sentido é necessário pensar sobre o fato de o nazismo ser ou não de esquerda? Como, de alguma forma, essa discussão pontual contribui com o debate do negacionismo?

Para responder tais questões, é necessário pensar, antes de tudo, na forma como podemos chegar no nosso objeto. Em outras palavras, de que maneira podemos observar os comentários presentes naquele vídeo e, em contrapartida, comprovar cientificamente que os internautas que lá esbravejam são negacionistas? Para tanto pode ser válido abordar dois pontos para esclarecer e como lidar com essa problemática na rede: em torno da webetnografia e etnografia digital.

O primeiro refere-se à concepção de Rede, pois é preciso deixar claro que analisar qualquer objeto que esteja na internet é um processo complicado, porque pode se perder, ser retirado do ar, ou se não for catalogado de antemão (o que em alguns casos é muito difícil, devido ao tamanho e dimensão dos arquivos e comentaristas), pode sofrer alterações. Por exemplo, o nosso objeto permite saber data e horário em que as pessoas comentaram algo. Contudo, se passado algum tempo (o que é o nosso caso, aqui) já não é mais possível saber com exatidão o horário e a data. Apenas uma pequena marcação informa que o comentário tem um ou dois anos. Além disso, a concepção de rede traz consigo um peso importantíssimo para nossa discussão. É impossível, portanto, falar sobre um vídeo que está na rede sem antes entender o que é essa Rede.

A Rede pode ser entendida por diversos prismas, geometricamente, fisiologicamente, estatisticamente e, é claro, midiaticamente. Compreendemos aqui, contudo, a ideia de “rede” como um “meio para pensar e realizar a transformação social que foi fetichizado” (MUSSO, 2013, p. 37). Pierre Musso alerta que a noção polissêmica da palavra “rede”, bem como os inúmeros usos metafóricos podem condenar a noção ou até mesmo distorcer seu real significado (MUSSO, 2013, p. 17). Portanto, busca-se uma definição conceitual com base na morfologia histórica da palavra. A princípio, busca sua gênese na mitologia, na antiguidade e na medicina de Hipócrates (MUSSO, 2013). Posteriormente, trata dela como um emprego usado para descrever a trama de fibras dos tecelões e cesteiros do século XVII. Atribui ao

médico italiano Marcelo Malpighi, seu primeiro uso na área médica. Isto é, usada para simbolizar o “corpo particular da pele” (MUSSO, 2013, p. 19).

Musso (2013) reitera que somente ao final do século XVIII o termo rede passou a ser usado fora a área médica, e retornou ao seu sentido original, proveniente da tecelagem. O autor descreve a genealogia do conceito “rede” com um “processo de desmaterialização”, no qual passa de “uma observação humana de um elemento da natureza”, (no caso, o corpo, a pele e os sistema nervoso) para “uma transformação de artefato” (MUSSO, 2013, p. 21). Em outras palavras, um objeto que não foi criado pela natureza, mas pelo homem.

Contudo, é somente com Saint-Simon (1760-1825) que o conceito moderno surge, sendo responsável por anamorfosá-la, isto é, fazer com que o conceito se torne superposto a uma estrutura artificial localizada em algum espaço tempo. Porém, são os saint-simonianos responsáveis por se apoderarem do conceito. Com sua proposta de comunhão universal, fazem com que a rede seja concebida como operador simbólico, na medida em que perde sua complexidade como técnica (proposta por Saint-Simon), tornando-se uma concepção vinculada à ideia de associação universal (MUSSO, 2013). A partir da concepção de rede enquanto associação universal ocasionada pelos saint-simonianos, sua polissemia se sobrecarrega, quanto mais se deslita, mais o termo é convocado nos discursos e representações, “desvalorizado em pensamentos, supervalorizou-se em metáforas⁷⁹” (MUSSO, 2013, p. 29).

O segundo ponto refere-se a um esclarecimento, bem como justificativa da metodologia aqui empregada a webetnografia (também chamada de etnografia digital). Esta consiste em uma serie de métodos de pesquisa qualitativos online que foram feitos na página do Facebook História sem Fronteira, na forma de postagens, cuja proposta é compreender de que formas as comunidades virtuais, isto é, os grupos étnicos que estão localizados na rede, se comunicam, trocam informações, enfim, como influenciam uns aos outros ao mesmo tempo em que alteram o espaço público digital. É interessante ressaltar que não há uma abordagem única para tal feito, não existe uma fórmula que deve ser seguida à risca, cujos efeitos, ao final, podem ser catalogados todos da mesma forma, justamente porque a rede, bem como os grupos, indivíduos e sujeitos que nela navegam, transitam rapidamente. Portanto, por se tratar de grupos diversificados cada postagem webetnográfica deve ser analisada individualmente.

⁷⁹ Interessante notar como esse processo de supervalorização metafórica descrito por Musso parece não ser (e não é) um fenômeno exclusivo da concepção de rede. Pensar a ideia de Negacionismo contemporâneo (para além do Holocausto e do Nazismo) por esse mesmo caminho pode (e vai) ajudar a entender um pouco sobre o papel da mediação nesse processo.

Compreendemos, aqui, a webetnografia como uma forma de compreender as características ideológicas presentes nos discursos do vídeo. Visto que por meio desta é possível visualizar as métricas da audiência, bem como as demandas, opiniões e padrões de comentários que possam negar o Holocausto. É claro que isso é forma de catalogar os discursos dos comentários sobre nazismo, holocausto e negacionismo, mas, é preciso considerar que esses discursos são muitas vezes motivados pelos chamados canais de viés de confirmação, ou *eccho chambers*. Em suma, a rede e os espaços discursivos que ela disponibiliza criam mecanismos mentais alimentados pelas bolhas, em que o sujeito enxerga suas afirmativas como verdadeiras. Dessa forma, esse sujeito pode argumentar sobre os mais diversos assuntos sem o mínimo de conhecimento sobre ele e sem preocupação com qualquer tipo de consequência. Para compreender melhor Raquel Recuero exemplifica:

A etnografia virtual é uma apropriação da etnografia enquanto método de pesquisa. Trata-se da imersão no campo de pesquisa, para a construção de impressões das apropriações e usos das tecnologias pelos atores sociais, por meio da participação ativa. Dentro dessa perspectiva, diversos autores (vide, por exemplo, HINE, 1998) têm utilizado a observação dos elementos de texto e da mediação pelo computador como bases para a etnografia virtual, procedimento que parte da ativa participação do pesquisador junto ao objeto de pesquisa (AMARAL, 2008) e é construído a partir das percepções deste (RECUERO, 2009. p. 157).

Tendo essa concepção dos canais da voz e a genealogia da rede em mente, a webetnografia é usada como uma forma de análise para catalogar comentários que se enquadrem nas categorias discursivas de negacionistas e nazifascistas. Usamos essa metodologia para observar as interações dos sujeitos colocalizados no nosso recorte. Durante a aplicação metodológica foi feito o uso da chamada observação participante off-line, para compreender as discussões do vídeo. Para o catálogo de tais conversas, foi feito uso do programa *Export Social Media Comments*, responsável por exportar, isto é, retirar da rede, todos os comentários do vídeo. Os quadros de diálogo, discursos e respostas presentes no vídeo foram anexados em Excel®.

Posteriormente trabalhou-se a problemática em torno dos *eccho chambers*. Para lidar com esses canais de voz, usamos o facebook, mais especificamente a página História sem Fronteira, bem como as métricas já estabelecidas na página para atestar os horários de melhor publicação e colher resultados satisfatórios. Dessa forma, buscou-se, junto a postagens na página, testar como os diferentes públicos compreendem categorias e definições históricas que, podem parecer cristalizadas, mas que defronte ao anonimato das redes sociais, tornam-se questionáveis como é o caso do negacionismo do nazismo no vídeo da embaixada. Bem

como, compreender se nestes públicos diversos é possível encontrar padrões de comentários. Por isso as métricas foram importantes, regulando o horário e datas das postagens foi possível traçar análise de discussões com perfis que dialogavam com o negacionismo do Holocausto.

Para tal, uma série de postagens foi feita, visando criar discussão com os públicos que acompanham a página. Por mais que os públicos sejam distintos, o que queremos, então, é demonstrar que comentários presentes no vídeo da embaixada possuem padrões em comum que tem características negacionistas, seja pelo clima político e possível anonimato, seja pelos usos da memória por parte desses sujeitos que em detrimento de seu orgulho corroboram com a difusão do discurso negacionista. Interessa-nos comprovar, através da webetnografia, que mesmo quatro anos depois dessa *fremdschämen*⁸⁰ ainda existem sujeitos que vociferam negacionismo nas redes sociais.

2.2 O VÍDEO DA EMBAIXADA ALEMÃ, NAZISMO DE ESQUERDA E ANTIPETISMO EM 2018

Jairo Nicolau (2020) aponta que o antipetismo é uma construção social mediatizada. Em sua análise, afirma que, nas democracias tradicionais, a identificação partidária ocorre normalmente pelo sinal positivo, ou seja, pergunta-se se os eleitores são mais próximos de um partido por suas propostas, com as quais o eleitor se enxerga ideologicamente alinhado. Nicolau (2020) cita os democratas e republicanos nos Estados Unidos, os conservadores e trabalhistas no Reino Unido, e até mesmo os democratas-cristãos e os sociais-democratas na Alemanha como exemplos de como uma legenda de partidária pode significar uma forte rejeição à oposição partidária.

Segundo Nicolau (2020), a centralidade política presente no Partido dos Trabalhadores foi tão grande que criou uma rejeição própria, chamada antipetismo. Explicando de outro modo, não houve um partido político cuja força de mobilização fosse capaz de, por si só, se opor ao PT. Dessa maneira, mesmo que o PSDB tenha concorrido seis eleições presidenciais (1994-2014), não conseguiu a simpatia de seus eleitores como o PT o fez. Para provar isto, basta observar as pesquisas de opinião, que apontaram o Partido dos Trabalhadores como aquele que leva vantagem numérica justamente pela sua centralidade (NICOLAU, 2020).

Nicolau (2020) destaca que, desde 1989, as pesquisas de opinião pública não questionavam qual partido o eleitor se identificava mais, mas em qual partido político não votaria de jeito nenhum. Ainda segundo o pesquisador, nas três vezes que o PT disputou

⁸⁰ Vergonha Alheia.

eleições (2006, 2010, 2014), sua campanha e agenda política estava voltada a assegurar sua centralidade junto a um plebiscito grande. Portanto, faziam uso dos avanços políticos de outros mandatos como uma forma de dizer: “se você quer que as mudanças implementadas pela PT sejam mantidas, não votem no PSDB” (NICOLAU, 2020, p. 80). Por outro lado, a agenda da oposição passou justamente a criticar essas mudanças nas políticas públicas, e atacar fortemente com denúncias de corrupção⁸¹. Portanto, por mais que eleitores pudessem avaliar alguns partidos de forma negativa, apenas um teve um termo próprio para se referir a tal ato.

Dessa forma, o antipetismo, termo construído durante a curta democracia brasileira, está diretamente ligado ao conservadorismo comportamental que, em 2018, foi usado como combustível pelo então candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, e sua legião de seguidores, que junto às mídias sociais, como WhatsApp e o facebook, conseguiram anular as perspectivas discursivas centrais outrora usadas pelo PT. Neste cenário, os comentários do vídeo foram feitos, os sujeitos que comentam e agem como negacionistas o fazem porque compreendem que salientar algo como extremistas de direita é um ataque direto ao que defendem. Esses usuários negam que possam existir extremistas de direita. Portanto, distorcem as informações do curta justamente porque ele é uma “ameaça à família tradicional e aos costumes conservadores” (NICOLAU, 2020, p. 82).

Pesquisadores como Leticia Cesarino já construíram arcabouços teóricos muito mais complexos e bem trabalhados para explicar essa relação. De forma geral, Cesarino (2019) aponta que Jair Messias Bolsonaro se elegeu em 2018 porque se tornou um meme, na medida e que se virtualizou enquanto um estereótipo do que defende, e se afastou dos debates públicos. Sua principal função era usar o antipetismo para atacar pautas progressistas e, dessa forma, criou uma legião de seguidores online que atacavam tudo e todos que dialogassem contra suas pautas ideológicas, isto é, contra o conservadorismo, a família, a religião e a direita. Nosso objeto encontra-se justamente nessa encruzilhada midiática descrita por Cesarino (2019) e Nicolau (2020). São sujeitos, em sua maioria, antipetistas que avançam e vociferam contra tudo que vai de encontro ao que acreditam, negando que o nazismo é de direita, e conseqüentemente desacreditando o Holocausto, pois a direita é boa, o nazismo é ruim, como pode o nazismo ser de direita?

⁸¹ Como foi o *Escândalo do mensalão* de 2005, que em 2018, junto a outros casos de corrupção do Partido do Trabalhadores, passou a ser vinculado nas mídias sociais de forma massiva, tornando-se agenda prioritária da oposição.

É importante salientar que a discussão do nazismo ser de esquerda ou direita não é necessariamente nova para historiadores que trabalham com negacionismo e relativismo acadêmico. Em 2017, Leandro Narloc defendia a repulsiva ideia de que Hitler não era de esquerda nem de direita: “era a terceira via”. Gabriel Saldanha de Medeiros aponta que esse tipo de revisionismo, no Brasil, teria se espalhado pelas mãos do autointitulado filósofo e guru da direita Olavo de Carvalho (MEDEIROS, 2020). Mais especificamente em 29 de dezembro de 2010, em seu podcast chamado *True Outspcak*, Carvalho (2010, repostado por BRASIL CONSERVADO, 2013) afirmou: “Hitler era de Direita? E explicou por que só besta quadrada acredita nisso”, respondendo a uma ligação em que é questionado: “porque muita gente afirma que Hitler era de direita?”. Segundo Carvalho (2010 *apud* BRASIL CONSERVADOR, 2013):

Na época todo mundo sabia que não era [...] todo mundo sabia que era um regime revolucionário [...] quem primeiro agiu foram os conservadores, o pessoal da esquerda queria acomodar, na França foi assim, todo pessoal da esquerda queria acomodar [...] a direita que reagiu contra isto e a esquerda sempre querendo acomodar [...] não existiria perigo nazista se não fosse o plano de Stalin de usar os nazistas como ponta de lança da revolução [...] o nazismo era um instrumento do grande capital? Uma pinoia! [...] Hitler dizia: “nós vamos colocar o empresariado de joelhos”, não era o grande capital que mandava no nazismo, mas o partido comunista que mandava no grande capital.

Sua lógica argumentativa não é necessariamente nova, tampouco inovadora. Ernst Nolte (1923-2016) já equiparava o comunismo e o nazismo há muito mais tempo que Olavo de Carvalho. Tanto que Nolte e seu opositor Habermas são responsáveis por um dos debates mais importantes envolvendo jornalistas, historiadores e filósofos que discutiam calcados na ideia do passado que não quer passar. Esta discussão ficou conhecida como *Historikerstreit*, ou querela dos historiadores, tornou-se um marco para a história, e aqueles se debruçam para compreender parte da historiografia acerca do nazismo, negacionismo, ou como Habermas chamou revisionismo apologético.

Voltando ao cerne da argumentação nolteana, sua comparação entre o que Nolte chamou de “exterminismo”, cujo propósito evidente é do responsabilizar o marxismo pelo nazismo (ainda que não tenha incorrido na estupidez de afirmar que “o nazismo era de esquerda”) torna-se embaraçosa quando se constata que o movimento abolicionista do século XIX almejava, nestes termos nolteanos, “exterminar” duas classes: a dos trabalhadores escravizados e a de seus senhores. Seria razoável supor que o “exterminismo de classe” dos abolicionistas possa ser considerado um antecedente das câmaras de gás em Auschwitz? É claro que não. Em suma, não é muito difícil entender por que Nolte tenha sido lembrado por agências de notícias como o autor de raciocínios que justificaram historicamente o nazismo,

lembrando passagens desse teor: “como o nazismo era a mais poderosa de todas as forças que se opunham ao bolchevismo, um movimento com grande apoio dos judeus, Hitler deve ter tido motivos racionais para atacá-los”. (MELO, 2016, p. 02, grifos do autor).

A ideia central, tanto de Nolte quanto de Carvalho, é comparar os extermínios, sobressaindo-se como mais violento e mortal para humanidade aquele regime cujos números de abatidos forem maiores. Nolte tornou-se autor (mesmo que indiretamente) de pensamentos que justificam historicamente o nazismo, pois este seria a única força capaz de combater o bolchevismo. Já Carvalho usa da argumentação nolteana, mas de forma muito mais direta e envolvente, pois fala de frente e para com os seus vários públicos para dizer, em linhas amplas, que o nazismo é culpa da esquerda e que a direita não está associada isto, ao contrário; A direita conservadora combateu o nazismo, enquanto a esquerda acomodou Hitler.

O propósito político é o mesmo: afastar o que supostamente é entendido como direita do regime nazista, na medida em que objetifica e demoniza a esquerda (seja falando dos bolcheviques, do partido dos trabalhadores, ou qualquer outra coisa que seja próxima a essas ideias). Portanto, é perceptível que essa discussão sobre nazismo ser de esquerda não é algo novo. Porém, se não é novo, porque este tema retornou com força às mídias em 2018? Seria o clima político das eleições e o antipetismo os únicos responsáveis por fazer que pessoas saiam afirmando e defendendo tais ideias?

Há que se considerar o clima político-econômico que o mundo estava vivendo. A recente ascensão do neoliberalismo, os constantes ataques aos órgãos públicos no Brasil e o louvor do discurso individualista, isto é, a favor da individualidade e contra a coletividade cercavam não apenas o Brasil, mas o mundo, gerando um crescimento exponencial de pautas fascistas que retornavam fortemente e sob diversas bandeiras diferentes.

O caso brasileiro pode ser visto por um ponto de vista parecido: geopoliticamente estávamos afundados em uma crise de recessão que era inflacionada constantemente pelo discurso neoliberal. Ainda, ao contrário de alguns países, em 2016 passamos a atacar os segmentos institucionais, privatizar órgãos públicos e abrir espaço para mais comoção midiática, ao invés de reforçar setores logísticos e garantir estabilidade econômica, como ocorreu em 2008, por exemplo.

Portanto, ao chegar em 2018, o país e sua população se encontravam instáveis, tanto institucionalmente - vide os inúmeros projetos de emendas constitucionais que atacam diretamente a vida cotidiana - quanto moralmente, pois o antipetismo e a impotência

orgástica⁸² da classe média brasileira, convulsionada pelas mídias tradicionais e engenhosamente pensada para um tipo de ciberpopulismo de rápida difusão, levou o Brasil a dobrar à direita contra qualquer tipo de centralidade ou progressismo, e tornou socialmente aceitáveis falas negacionistas na internet.

Neste cenário, as exposições dos usuários no vídeo do facebook representam exatamente essa mentalidade descrita: ao todo, são mais de quatro mil e quinhentos comentários, que são subdivididos em algumas categorias. Os primeiros dizem respeito a uma espécie de desculpas; em suma, são afirmações alegando que outros comentários são barbaridades. Vejamos o exemplo a seguir:

Vim aqui pra deixar registrado que nem todos os brasileiros são burros igual a estes que estão reproduzindo essas barbaridades aqui no post de vocês. Aproveito para parabenizá-los pelo vídeo. Publicado em um excelente momento, onde as forças do retrocesso, o ódio e a ignorância ameaçam o Brasil (Internauta em comentário no vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018)⁸³.

Há muitos outros comentários parecidos com esse, em que parte das pessoas pede desculpas e alega que o povo não sabe sua própria história e insiste em ensinar a história do nazismo para os alemães, como alega o comentário transcrito abaixo:

Caros membros da Embaixada e Consulados, perdoem-nos brasileiros por comentários tão estapafúrdios... Triste ver a falta de conhecimento de um povo (nós) que mal sabe da sua própria história e acha que domina a da Alemanha (Internauta em comentário no vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018).

Outra categoria é composta por aqueles que dizem respeito a um suposto ponto de vista da embaixada. Sua visão é muito parecida com a de um revisionista que pondera que Hitler, na verdade, não é nem de esquerda, nem de direita, pois já foi de ambos os lados. Há alguns que mostram uma perceptível relutância na aceitação da afirmação.

Na verdade, na Alemanha só é visto um lado da moeda, o outro é proibido. Na verdade Hitler **no meu ponto de vista** nunca foi de extrema direita, ou de extrema esquerda, até porque o mesmo pendia para ambos os lados. Mais se

⁸² Em análise do caráter, a dissolução do represamento da excitação – a resolução da impotência orgástica – constitui-se em um objetivo crucial. Nesse sentido, a meta do trabalho analítico não poder-se-ia reduzir a tornar consciente o material psíquico inconsciente; seria necessário que o afeto associado às representações recalçadas pudesse ser abrangido, a fim de que se desfizesse a condição de estase. Este princípio técnico tem suas origens nas proposições freudianas acerca da função do recalçamento, o qual não apenas torna inconsciente o representante ideativo da pulsão, como o desliga de sua carga afetiva – a qual, livre (não ligada a uma nova representação, cujo acesso à consciência e à motilidade permita um processo de descarga), converte-se em angústia. Para Reich, a cura decorreria da possibilidade de o paciente recordar com afeto suas vivências infantis elaborando-as em análise (WEINMANN, 2002, p. 14–19).

⁸³ Os comentários dos internautas não sofreram revisão textual, sendo mantidas as inadequações linguísticas.

a embaixada da Alemanha eu tenho que aceitá-la (Internauta em comentário no vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018, grifo meu).

Por mais que essa visão, seja parecida com um revisionismo, ela é negacionista por dois motivos principais. O primeiro é que mente ao dizer que a Alemanha só permitiria a visão de um ponto de vista. Isto é uma falsa afirmativa. O outro lado da moeda é a visão dos acontecimentos contados pela perspectiva dos nazistas, e se a Alemanha de fato impedisse a circulação desse tipo de perspectiva, não haveria a necessidade de alertar a população contra a onda neonazista e os extremismos de direita que o próprio vídeo apresenta. Do ponto de vista historiográfico, há inúmeros trabalhos que envolvem a perspectiva dos nazistas sobre os acontecimentos do Holocausto, principalmente ligados ao julgamento de Nuremberg. Portanto, afirmar que a Alemanha não permite observar a história por outro ponto de vista é uma falácia.

O segundo motivo é que está ligada ao fato de Hitler ter pertencido ora à esquerda, ora à direita. Isto de fato aconteceu: a princípio, o partido nacional socialista alemão contava com a participação de alguns bolcheviques, mas a partir de 20 de dezembro de 1924, data em que Hitler sai da prisão, passou a operar pela sua própria perspectiva de liberalismo, perseguindo os comunistas que até então tinham ligações com o partido e cortando laços definitivos com a esquerda. Esta falsa afirmativa presente no comentário é um esboço do que outros comentários fazem. Eles perpetram o debate com falas que parecem ser revisionistas, mas seu cerne é negacionista. Afirmam ser necessário conhecer estudos revisionistas para compreender a segunda guerra mundial, mas entre os estudiosos apontados encontram-se links para páginas neoliberais. Como podemos ver uma internauta que indaga outra:

Você já leu um artigo ou livro revisionista sobre a segunda guerra mundial? Eu duvido que você tenha lido, se você quiser entrar em algum assunto, pelo menos leia as duas ou até mais versões e tire suas próprias conclusões em vez de ficar simplesmente aceitando o que a mídia e o governo vem impondo em você desde pequena (Internauta em comentário no vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018).

O revisionismo se confunde com o negacionismo, e a não distinção desses termos por falta de uma amplitude contextual dos que aqui debatem gera desentendimento, ocasionando a ampliação da discussão pela rede. Com isso, também se ampliam as possibilidades de o assunto não ser levado a sério.

Outra categoria que pode ser encontrada nos comentários é aquela dos que negam que a Embaixada Alemã esteja correta no que se propõe a falar. Estes são a maioria e não estão preocupados com o conhecimento e/ou debate, apenas querem confrontar os órgãos

institucionais envolvidos, pois se sentiram atacados e ofendidos com a menção de o nazismo ser de direita. Podemos ver no exemplo:

Diga aí porque que o nazismo era de extrema direita, estamos esperando? Só o vídeo da embaixada não foi fonte o suficiente pra mim mas, digamos que se conseguissem provar, que diferença faria? E porque que só resolveram fazer uma postagem sobre o assunto na época das eleições? Ser de direita ou de extrema direita é crime? (Internauta em comentário no vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018).

Costumam acusar os órgãos institucionais, afirmam que o conteúdo do vídeo é um direcionamento direto contra o então candidato à presidência, Jair Messias Bolsonaro, e agem como negacionistas, não pela descrença nos eventos, mas pelas alegações de que o nazismo é de direita. Se sentem atacados, pois o curta deixa explícito o cuidado que se deve ter com o extremismo de direita e, portanto, agem como extremistas de direita, negando e ofendendo os que ali estão discutindo. Ao conversar sobre a formação de um dos que ali estavam debatendo, um internauta comenta:

A divulgação do seu currículo só me deixou mais curioso em saber como alguém tão culto, apoia um ladrão preso e condenado por roubar dinheiro público, dinheiro nosso, todos os amigos tão presos, os filhos enriqueceram, eu pensava que só a jumentada daqui de baixo apoiava porque são ignorantes e manipuláveis, uma PHD manipulada por um analfabeto é raridade (Internauta em comentário no vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018).

Porém, quando confrontado sobre negar o Holocausto, comenta: “Quem tá negando o holocausto sua PHD? Estou lhe perguntando, não sabe responder e fica de papo furado que só engana trouxas” (Embaixada da Alemanha Brasília, 2018). Percebe-se que, quando acusado de negar o holocausto, o internauta se sente ofendido. Negar o Holocausto ocasionado pelos nazistas é algo muito forte para ser feito de forma explícita. Porém, são aceitáveis comparações como: “O Holocausto comunista/socialista coloca o holocausto do Hitler no bolso” (Embaixada da Alemanha Brasília, 2018). Isto porque a negação do holocausto não acontece de forma explícita, mas como uma espécie de desvio moral, culpa ou responsabilidade. É através da comparação com os “males do comunismo” que o negacionismo do holocausto vai tomando conta da rede, por meio de uma negação quase catedrática de que o nazismo é de direita, que o holocausto acaba sendo tratado como uma consequência de algo necessário (a luta contra o comunismo).

2.3 DA CENTRALIZAÇÃO MIDIÁTICA BRASILEIRA À VIRTUALIZAÇÃO DO NEGACIONISMO PELAS MÃOS DO CIBERPOPULISMO

O Golpe de 2016 não apresentou apenas uma ruptura do curto período democrático; explicitamente, este processo demonstrou para todos os setores sociais a importância (já conhecida) e o poder que a mídia tem dentro do processo político eleitoral. Meneses (2018) disserta sobre isso, argumentando que todos os países vivem seus debates sobre a regulamentação justamente porque, se as propriedades cruzadas das mídias ficarem nas mãos de um único grupo, a proliferação de uma única ideologia (como o caso do neoliberalismo no Brasil) é muito mais provável de acontecer. A autora fala também sobre alguns casos, como o francês, que permite a posse cruzada da mídia impressa em apenas 30% nas mãos de um mesmo grupo, e ainda escreve sobre os órgãos reguladores dos canais de comunicação em Portugal e na Inglaterra. Por fim, pondera sobre a falta de regulamentação no cenário brasileiro (MENESES, 2018).

Ao falar do Brasil, Meneses (2018) aponta os empecilhos e atrasos dos debates sobre a legalização e regulamentação das mídias. Em um aspecto geral, os próprios conglomerados impedem que a discussão avance (MENESES, 2018). Portanto, não existem parâmetros legais que asseguram a liberdade e a pluralidade da/na difusão de conteúdos Brasil adentro, mesmo que, na legalidade. Existam amparos jurídicos, como o Decreto Presidencial 52.795/63, o PL 6446/13 e o PL 256/91. A exemplo disso, Meneses (2018) demonstra como o Grupo Globo demorou para rever oficialmente sua posição sobre o golpe de 1964, que até então era tratado como revolução.

A demora do Grupo em assumir o episódio como golpe e, sobretudo, do seu papel como um dos apoiadores mais entusiastas, é representativa para compreendermos como o episódio foi trabalhado pelos grandes grupos de mídia do País. Meio século foi tempo o suficiente para deixar uma poderosa mensagem sobre o acontecimento, cujo eco conservador tem reverberado ao longo das décadas (MENESES, 2018, p. 186).

Esse caso demonstrado por Meneses (2018) é um exemplo típico de como mídia tem poder na formação histórica e da memória de um povo. No caso brasileiro de 2016, os canais de mídia tradicional participaram ativamente do processo do golpe e da construção do antipetismo. Portanto, quando buscamos compreender o que levou as pessoas a agirem de forma negacionista no vídeo da embaixada em 2018, é preciso ponderar que essas atitudes calcadas na difusão e aversão do que é de esquerda, democrático, e contra tudo que é de direita vêm sendo construído nesse processo lento e gradual.

Podemos citar a manchete de 7 de maio de 2017 da BBC, que trazia em seu título: “O nazismo era um movimento de esquerda ou de direita?”. Podemos falar também de revistas, como a *Superinteressante*, que em abril de 2018 esclarecia pontos sobre a discussão, questionando: “O nazismo era de esquerda ou de direita?”. Ou mesmo o conservador jornal *O Estado de São Paulo*, que em 15 de agosto de 2017 trazia a afirmativa: “O Nazismo é de Extrema-direita” em seu título, e buscava distanciar do nazismo os conceitos de direita liberal e esquerda, ao mesmo tempo em que afirmava que este regime era de extrema-direita. (MEDEIROS, 2020, p. 03).

No Brasil, tem circulado a informação equivocada de que o nazismo seria de esquerda. Para esclarecer que o nazismo é de extrema direita, não sendo, portanto, de esquerda e tampouco de direita liberal, convidei para escrever no blog o acadêmico Michel Gherman [...] eu realmente não pensava que um artigo como esse seria necessário. No início achava que o debate não passava de uma discussão de gente ideologicamente comprometida, um debate sem importância nas redes sociais. Pois bem, não era isso. Em tempos de “fake News”, versões falseadas de história também devem ser combatidas, sob o risco de se tornarem versões oficiais (GHERMAN; CHACRA, 2017).

Portanto, fica claro que essa discussão sobre nazismo de esquerda, no cenário brasileiro, não se inicia com o vídeo da embaixada. Os mais de quatro mil e quinhentos comentários no vídeo da Embaixada são frutos de um longo processo e cenário de difusão de ideias negacionistas e relativistas, que no apogeu das eleições de 2018, tomou as redes. Nesse mesmo processo, é importante ressaltar o papel do ciberpopulismo. Leticia Cesarino (2019) já demonstrou que a ascensão das falas do então candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro, desempenharam papel marcante na difusão de conceitos distorcidos (normalmente usados por historiadores) via WhatsApp. Em outras palavras, dentro das comunidades cibernéticas, termos como “globalismo, marxismo cultural e gramscismo” eram usados pela direita neoliberal de forma pejorativa, fazendo com que, na medida em que a popularidade digital de Bolsonaro crescia, cresciam também os discursos de ódio e negacionistas, incluindo, aqui, o negacionismo do Holocausto. Colocavam-se contra qualquer tipo de oposição a direita.

Dentre as muitas novidades introduzidas pela campanha de Jair Bolsonaro em 2018 estavam termos até então infrequentes, ou mesmo desconhecidos, no debate político nacional: significantes vazios (Laclau, 2005) como “gramscismo”, “marxismo cultural” e “globalismo” chegaram a figurar no plano de governo do então candidato (que consistia em 81 slides). Esse tipo de linguagem já vinha, no entanto, se sedimentando há algum tempo em mídias sociais na qual emergiu e se consolidou a nova direita. Nas proximidades do período eleitoral, ela passou a ser difundida para um

público mais amplo principalmente através de *memes*, textos, áudios e vídeos curtos circulados no WhatsApp (CESARINO, 2019, p. 10, grifos da autora).

Neste sentido, o ciberpopulismo é a chave para compreender o processo de ascensão dos discursos negacionistas do período em questão. Para Bruzzone (2021), o ciberpopulismo nada mais é que um conjunto de técnicas propagandistas baseadas no populismo tradicional, cujo objetivo são os palcos online⁸⁴. Dessa forma, o discurso de/para as massas não é mais feito em palanques e praças públicas, mas em correntes do WhatsApp e tuites, espalhando-se rapidamente através das tecnologias de difusão imediatas e das mídias sociais, polarizando e reduzindo o jogo democrático. Seu impacto altera estruturas políticas centralizadas; dá voz a velhas tensões, mas com novos atores e meios; cria mecanismos, caminhos e conteúdo que dão espaço e são negacionistas⁸⁵.

A convergência do populismo e das mídias digitais dá lugar a um fenômeno novo, o neopopulismo digital. É o ciberpopulismo, capaz de gerar adesões em identidades narrativas fortes, simples e seguras, usando tecnologias de microsegmentação que somente são possíveis em grande escala com recursos digitais. (BRUZZONE, 2021, p. 59).

Wilhelm Reich, ao abordar a psicologia por trás do fascismo das massas, traz consigo diversas concepções muito interessantes, que podem bem explicar a psicologia do *mass media* que ampara a ciberpolítica no contexto de 2018. Ao falar sobre impotência e ansiedade de orgasmo, Reich apresenta um espectro conceitual de como as massas têm parte no processo político de ascensão do Führer, especificamente sobre a Alemanha da década de 30, mas os preceitos psicológicos são os mesmos, aqui. Dessa maneira, Reich corrobora na construção de arcabouço teórico muito importante, referente às teorias do totalitarismo, bem como na forma com a qual o fascismo se propaga, se integra e se reestrutura.

Compreender como uma mídia que controla os meios centrais tradicionais de divulgação de notícias e cria narrativas ideológicas no país, os setores políticos neoliberais e sua agenda de privatizações, bem como a engenharia populista digital que inflamou e exaltou constantemente características sociais frequentemente abordadas em discursos de uma sociedade (ou parte dela) que adotou o negacionismo é contextualização necessária para esta

⁸⁴ “A mentira na política tem como objetivo destruir o mundo comum, verdadeiro e substituí-lo por visões fragmentadas que atendam os interesses de quem opera a substituição [...] No Brasil, Jair Bolsonaro fez da mentira uma marca de sua passagem pelo comando do país” (BRUZZONE, 2021, pp. 54-55)

⁸⁵ “O que a ciberpolítica logrou foi atrair públicos que estavam lá, invisíveis para a política tradicional, fantasmas, não representados pelo discurso instituído, ignorados pelos partidos políticos e pela grande mídia. As redes sociais lhes deram ouvidos e fizeram aparecer, medos e anseios, raiva reprimida que de uma hora para a outra ganhou voz e braço. Assim se tornaram sujeitos políticos e se colocaram no centro de uma cena que lhes era alheia” (BRUZZONE, 2021, p. 81)

pesquisa. Ao observar os comentários do vídeo em si, é necessário considerar todo esse período conturbado da política brasileira. Como observa Pedro Oliveira ao tratar das razões do negacionismo: “A invenção das trevas e o avanço civilizacional rumo ao passado clássico, pulando por cima do medievo, tinha a ver, portanto, com um interesse político bem específico” (Oliveira, 2021. p. 190).

Portanto, mais que apenas apontar culpados desse tipo de negacionismo, é preciso compreendê-lo como um processo histórico/psicológico que tende a se adaptar de acordo com as necessidades desse indivíduo. Dessa forma, o negacionismo, aqui, é entendido como o ato de agir de forma ahistórica, acrítica e tendenciosamente política; assim como o capitalismo, o negacionismo se adapta. Afirma Oliveira (2021, p. 232) “Parafrazeando Wilhelm Reich, o grande mistério não é de onde vieram os negacionistas e os conspiracionistas, mas sim o que fundamenta a crença das pessoas de bem nas coisas que realmente aconteceram”.

O negacionista é o sujeito que, abusando da história na medida em que precisa, pensa e afirma compreender os processos históricos e, portanto, constrói por todos os espaços (inclusive os virtuais) narrativas sobre ela. Na maioria das vezes, o negacionista pensa estar apenas expressando seu ponto de vista. Assim que avista de alguma forma seus ideais sendo atacados por outros, age pensando contradizer quem o ameaça, e nessa tentativa de debate civil, age como um negacionista. O negacionismo é a eterna tentativa do homem mediano de reconstruir os mitos políticos fascistas à custa da ciência da história.

2.4 O NEGACIONISMO EM JOGO, AS PAUTAS DA DIREITA ATACADAS NA REDE

Inúmeros foram os comentários alegando que o nazismo era de esquerda no vídeo da embaixada, bem como aqueles que diziam respeito ao posicionamento político do Partido dos Trabalhadores ou das falas do Bolsonaro. Alegava-se também que tais comentários são um problema educacional, e dessa forma, seria culpa dos professores que não educam e ensinam de forma correta ao povo brasileiro.

Alguns comentários falavam de esquerdismo, afirmando que a bandeira brasileira jamais será vermelha; por outro lado, muitos usuários respondiam, alegando que estes indivíduos eram fascistas. Várias problematizações podem ser feitas a partir daqui⁸⁶. Como o vídeo já foi apresentado, optamos por analisá-lo primeiramente pensando sua totalidade,

⁸⁶ A própria ideia de que a culpa de tais comentários seria dos professores de História poderia ser usada como um exemplo da maneira como a sociedade enxerga o lugar do professor historiador, como o responsabiliza, na medida em que ataca.

portanto enfatizando os principais argumentos usados pelos comentadores⁸⁷, na ordem que o debate do vídeo segue.

Os primeiros comentários que logo chamam atenção estão relacionados com o fato de negarem que o nazismo seja de direita. Isto é perceptível pelos inúmeros apontamentos que contradizem o vídeo. Ao mesmo tempo, especulam sobre a influência da esquerda no país, e como a direita é a única que pode trazer a salvação. Em contrapartida, há aqueles que debatem com esses primeiros comentadores que afirmam que o nazismo é de direita, e que é preciso cuidar com os extremismos da direita. E então, é possível separar os comentários em dois grupos distintos, sendo o primeiro composto por aqueles que alegam que o nazismo é de esquerda; e o segundo, aqueles que afirmam que o nazismo é de direita. Abaixo foi organizado um quadro com os principais argumentos usados pelos usuários para provar que o nazismo é de esquerda.

Quadro 1 – Principais argumentos afirmando que o nazismo é de esquerda utilizados pelos usuários

Nazismo de Esquerda
Hitler era adepto do comunismo e bolchevismo;
É necessário ler revisionistas, para que não caia em farsas;
A Alemanha profbe o outro lado da moeda, portanto, não há outros pontos de vista;
Hitler se inspirou em Stalin;
A palavra “socialista” faz parte do nome do partido de Adolf Hitler.

Fonte: comentários postados no vídeo da Embaixada da Alemanha, organizado pelo autor.

Entre os argumentos daqueles que afirmam que o nazismo é de esquerda, o que mais se destaca é o que diz respeito à terminologia socialismo fazer parte do nome do partido nazista. Isto porque boa parte dos links encaminhados no calor do debate também usam esse ponto de forma recorrente para alegar que o nazismo é de esquerda. Algumas outras alegações, como o fato de o conservadorismo estar em oposição ao nazismo, é constantemente utilizado por Olavo de Carvalho e seus seguidores.

Outro tópico presente nos comentários corresponde ao fato de que o ápice da extrema direita seria o anarcocapitalismo, e não um regime como o nazismo. Portanto, é inconcebível compreender uma sociedade que supostamente seria o auge da extrema direita tendo um Estado forte, como foi o III Reich. Em outras palavras, para esses comentadores, a sociedade

⁸⁷ Apesar de legal e juridicamente falando, ser possível usar os nomes de quem comenta no vídeo, pois se trata de uma postagem pública, evitamos fazê-lo aqui, a fim de evitar quaisquer tipos de problemas legais.

nazista não pode ser compreendida como uma sociedade de direita, pois uma sociedade de direita tem como ápice a ascensão do mercado neoliberal e o estado mínimo.

Argumentam que Hitler e Stalin estariam compactuando juntos, em razão do pacto de não agressão, e a oposição contra o estilo de vida norte-americano (estadunidense). Portanto, “Hitler seria de esquerda, já que compartilhava dos mesmos interesses que Stalin” (Internauta em comentário no vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018). É perceptível que há uma confusão entre o que se considera direita, socialismo e conservadorismo. Todos esses conceitos parecem ser arremessados de um lado para o outro, como ideias descartáveis que ora entram na discussão, ora são completamente esquecidas.

O uso desses conceitos não é discutido em nenhum momento de forma séria, pois o que está em jogo não é sua genealogia, tampouco a forma com que devem ser vistos pelas diferentes maneiras de olhar o passado. Essa discussão enorme e repleta de negacionismos e obscurantismos historiográficos está mais interessada em associar e/ou desassociar a figura de Hitler e do nazismo a/de um movimento ideológico em específico. Por mais que essa discussão possa parecer não levar a nada, ela nos mostra algumas características sociais. Esse evento é um demonstrativo de duas coisas: a primeira é a forma com a qual as pessoas debatem na internet, e a segunda é como a realidade e a virtualidade estão em sincronia.

Isto quer dizer que, por mais que possa parecer trivial discutir nazismo de esquerda e como um debate do facebook possui características que podem levar a um negacionismo do holocausto, esses embates partem de uma realidade. Não haveria por que discutir se o nazismo é ou não de direita, se esta demanda não fosse ocasionada por um reflexo da sociedade. Portanto, quando negacionistas agem dessa forma na internet, este feito não se trata apenas de uma ação que estagna em uma bolha, ao contrário: esse comentário simplório se espalhou pelas redes sociais, fazendo com que, mais cedo ou mais tarde, outra pessoa se identifique com ele, seja porque foi mimetizado e tornou-se algo engraçado, seja porque essa pessoa é, também, negacionista.

Portanto, ao distorcer e agir como um negacionista em prol de dissuadir um terceiro de que Hitler era comunista, ou que a direita não tem nada a ver com o nazismo, outras pessoas acabam se identificando com essas falas. Passam a compartilhá-la e criam margem para que neonazistas e negadores explícitos do holocausto se manifestem na internet com a desculpa de que a democracia nas redes pode tolerar o intolerável. Não se trata de identificar negacionistas do holocausto, mas prevenir que outras pessoas se tornem como eles.

É evidente que a figura de Hitler possui um peso muito forte na História; portanto, ter suas crenças vinculadas a esta imagem traz alguns danos. No decorrer do ano de 2018, muitas

associações entre o então candidato a presidente Jair Bolsonaro e Hitler foram feitas, e o vídeo da embaixada pode ser compreendido nesse sentido, como uma tentativa daqueles que o defendem de separar a imagem pública mimética de Jair Bolsonaro da imagem mítica de Hitler. Ainda é importante salientar que as características negacionistas presentes nos discursos de Jair Messias Bolsonaro, juntamente com aqueles que o acompanhavam, como Olavo de Carvalho, Leandro Narloc, entre outros, se espalhavam pela internet através de uma forma mimética. Portanto, muitos comentários são feitos puramente de ataques discriminatórios, xenófobos e antissemitas. Grande parte desses comentários já foi denunciada, mas ainda é possível ver alguns, bem como a oposição a eles, em que pessoas incitam: “Denunciem comentários antissemitas, vamos fazer da internet um lugar melhor” (Internauta em comentário no vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018).

Na medida em que a direita bolsonarista defendia seu candidato e atacava a oposição, alegando que o nazismo é de esquerda, estavam intrinsecamente propagando fake news⁸⁸ e agindo de forma negacionista, por mais que não soubessem ou estivessem cientes disso. Faziam isso justamente porque o discurso e a ideologia neoliberal se misturavam aos seus ideais. Dessa forma, é possível observar que aqueles que defendem o nazismo como um regime totalitário de esquerda não o fazem pelo fato de realmente acreditarem que é de esquerda, mas porque não conseguem/querem enxergar o nazismo como um regime cujas características econômicas e políticas *se* enquadrariam na mesma perspectiva que as ideologias supostamente defendidas pela direita brasileira, isto é, o fazem porque não querem tal movimento: conservador, tradicional, familiar e de direita sendo associado ao seu próprio movimento.

O segundo grupo, isto é, aqueles que afirmam que o nazismo é de direita, por outro lado, pode ser subdividido em duas categorias: aqueles que incessantemente confrontam o primeiro grupo e alegam que o nazismo é um regime de direita; e aqueles que, de alguma forma, tentam apaziguar a situação, inclusive pedindo desculpas à Embaixada Alemã. As duas problemáticas envolvendo esse segundo grupo são bem intensas. Primeiro, ao pedir desculpas à embaixada, muitos dos argumentos estão vinculados ao ato de observar a educação brasileira como falha. Assim, mesmo que de forma indireta, culpam o professor historiador pelo fato de as pessoas não conseguirem compreender um processo histórico. Ao fazer isso, deposita-se toda responsabilidade de um complexo sistema (que é educação brasileira) na mão de uma única categoria.

⁸⁸ Da mesma forma e usando os mesmos argumentos que Olavo de Carvalho em seus vídeos e podcasts sobre “nazismo de esquerda”.

Ao afirmar que esse “é o novo 7 a 1, desta vez na educação”, estamos assumindo uma postura agressiva, de que a não compreensão de todo esse processo histórico complexo, que é o nazismo, pertence unicamente aos professores. Nesse embate não se critica, por exemplo, o papel do Estado brasileiro⁸⁹, que trata da educação como um objeto mercadológico, e ataca constantemente a figura do professor, debilitando seus direitos, retirando seu salário, diminuindo sua carga horária, ao mesmo tempo em que força a categoria a se culpar por todo processo de ensino aprendizagem, ou se o faz, chama os negacionistas de aculturados. Por si só, isso é problemático, visto que agir de forma negacionista é um ato que está intrinsicamente ligado com características culturais que dizem respeito a um projeto político-ideológico. Portanto, não podemos simplesmente afirmar: “Desculpa pela falta de cultura e educação de vários Brasileiros, embaixada da Alemanha, é que não se investe em educação aqui no Brasil!” (Internauta em comentário no vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018).

Ademais, este ato (de pedir desculpas) pode ser usado para refletir sobre outras problemáticas: possibilita pensar o papel social do historiador, ou a distância que a sociedade brasileira tem em relação a tais eventos não academicamente, mas enquanto temática apresentada pelas grandes mídias e como entendimento geral da população. A princípio, é válido anunciar que não é função obrigatória de ninguém conhecer a fundo um objeto histórico ou um processo. Contudo, da mesma forma, não admissível que alguém que não conhece o assunto possa emitir opiniões sobre tais processos e objetos como se fossem conhecimento histórico. Uma coisa é uma opinião referente a um evento na história, em uma conversa casual, com amigos e que nada tem a ver com a opinião pública. Outra coisa é argumentar, fazendo-se de revisionistas, sobre esses mesmos eventos, alegando saber “a verdade”. Isto caracteriza agir de forma negacionista por puro interesse ideológico.

Aqueles que confrontam os defensores do Nazismo de Esquerda apresentam, como principais argumentos, o fato de que Hitler perseguia os bolcheviques, que comunistas e nazistas estão opostos ideologicamente, e que apesar de nos primeiros anos o Partido Nazista ter uma característica de partido de massa e poder ser comparado com outros partidos do período, como o Fascismo Italiano, após a saída de Hitler da prisão, em sua primeira tentativa de golpe de estado, tomou um cunho completamente voltado à direita, criando sua própria concepção de socialismo e procurando se afastar dos bolcheviques, que até então faziam parte

⁸⁹ Apesar de alguns comentários afirmarem que a culpa da falta de compreensão da população sobre esse processo histórico seja diretamente do Estado e da falta de investimentos, bem como seu projeto político-ideológico que tem como finalidade debilitar essas discussões em prol de uma educação mercadológica, em sua maioria, os comentários que tratam de falar sobre a educação dizem mais a respeito da Educação como uma coisa única, e do papel do professor de História.

do Partido Nazista. Em suma, o principal argumento utilizado é que, nos primeiros anos do Partido Nazista, ele não era necessariamente de direita; contudo, com seu afinamento ideológico e ascensão na sociedade alemã, passou a ter características defendidas pela direita alemã do período.

No primeiro grupo há, ainda, aqueles que alegam que o nazismo é uma terceira via, pontuando: “Nazismo é uma terceira via ideologia pois tem aspectos de ambos os lados” (Embaixada da Alemanha Brasília, 2018). Também comentam: “Nenhum extremismo leva a lugar algum, nem de direita, nem de esquerda. O centro não deveria se chamar centro, deveria ser BOM SENSO!!!!” (Embaixada da Alemanha Brasília, 2018). Além, é claro, daqueles que negam essa discussão e apontam explicitamente que o problema central é o racismo e os governos ditatoriais.

Problema não é ser esquerda ou direita. Eu nem ligo pra isso mais. O problema é se livrar do racismo e dos governos ditatoriais. Ponto. Totalitarismo, nem de esquerda nem de direita nem de centro nem em cima nem embaixo. (Internauta em comentário no vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018, grifo nosso).

Outro argumento constantemente utilizado por ambos os lados é o fato de o Partido Nazista ser antiliberal. De um lado, alega-se que ele era de esquerda porque se colocava contra o modelo liberal norte-americano; e de outro, afirma-se que ele é de direita pelo fato de que esse antiliberalismo defendido por ele é estadunidense, mas ele ainda é liberal, tem seu próprio projeto nacional desenvolvimentista. Explicando de outra maneira, ele é antiliberal no sentido de que é contra o liberalismo que prega o *American Way of Life*.

Ao observar tais comentários, é necessário considerar que as discussões online acontecem muitas vezes no calor do momento, visando a uma vontade ou orgulho de apresentar um argumento que vá provar seu ponto. Esses públicos não estão dispostos a ouvir o que o outro tem a dizer, apenas querem expor publicamente o seu entendimento, sua memória, sua opinião, a maneira que enxergam tal assunto. Para isso, utilizam quaisquer meios, sejam imagens, áudios, e principalmente hyperlinks.

Portanto, há vários textos com fontes (muitas vezes controversas), vídeos, Pdf, documentários, enfim, muitos materiais que visam à validação dos argumentos usados pelos comentaristas. Contudo, muitos desses materiais estão fora do ar e/ou não funcionam mais. Os que funcionam, em sua maioria, corroboram com o excerto da exposição do comentarista, como podemos observar pelo argumento de um internauta, a seguir:

A palavra "Nazi" era uma abreviatura de "der Nationalsozialistische Deutsche Arbeiter Partei" — Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. **A caracterização da Alemanha Nazista como um estado socialista foi uma das grandes contribuições de Ludwig von Mises** (Embaixada da Alemanha Brasília, 2018, grifo nosso).

Logo abaixo da citação, o hyperlink (ainda ativo) da página Mises Brasil, em que um texto de 2014 escrito por George Reisman (2014, p. 01), que afirma que suas intenções são, assim como Mises, dizer que “ninguém pensa na Alemanha Nazista como um estado socialista” e reforça:

Minha intenção é expor dois pontos principais: (1) mostrar que a Alemanha Nazista era um estado socialista, e não capitalista. E (2) mostrar por que o socialismo, compreendido como um sistema econômico baseado na propriedade estatal dos meios de produção, necessariamente requer uma ditadura totalitária (REISMAN, 2014, p. 01).

Logo ao início da leitura do texto, percebem-se características da escrita negacionista no excerto. Primeiro porque há uma tentativa de afirmar que “ninguém pensa na Alemanha Nazista como um estado socialista,” apenas nós. Esta é uma das características mais marcantes dos textos negacionistas do Holocausto e do Nazismo. A intenção não é prolongar ou debater outros argumentos usados neste texto, apenas mostrar suas considerações finais e convidar a refletir se há um pressuposto ideológico neoliberal por trás ou não.

Os comunistas estavam e estão dispostos a usar esta força, como evidenciado na União Soviética. Seu caráter é o dos ladrões armados preparados para matar caso isso seja necessário para dar cabo dos seus planos. O caráter dos socialdemocratas, em contraste, é mais próximo ao dos batedores de carteira: eles podem até falar em coisas grandiosas, mas não estão dispostos a praticar a matança que seria necessária; e desistem ao menor sinal de resistência séria. Já os nazistas, em geral não tiveram que matar para expropriar a propriedade dos alemães, fora os judeus. Isto porque, como vimos, eles estabeleceram o socialismo discretamente, por meio do controle de preços, que serviu para manter a aparência de propriedade privada. Os proprietários eram, então, privados da sua propriedade sem saber e, portanto, sem sentir a necessidade de defendê-la pela força (REISMAN, 2014).

Textos como esse alegam o caráter “esquerdista” do Nazismo. Ao enquadrar o Nazismo como um regime totalitário de esquerda, isto é, que possui uma intervenção estatal com pressupostos socialistas, assumem que ele não pode ser da direita, pois esta direita (que eles defendem) é contra esse intervencionismo. Outros argumentos parecidos podem ser vistos na discussão, alegando que, na medida em que refutam justamente a prerrogativa intervencionista, atestando que a direita, em seu ápice, é anárquica (anarquista ou anarco-capitalista), e não autoritária.

O erro aí é enquadrar o nazismo como "extrema direita", considerando que, a Direita política defende o Estado mínimo, seu extremo seria o anarquismo, e não um regime com Estado forte como foi o nacional socialismo, nazismo (Embaixada da Alemanha Brasília, 2018).

Outros argumentos não necessariamente refutam, ou vão ao encontro com a ideia exposta pelo vídeo, fazem pequenos elogios, depois atestam que direita e esquerda... tanto faz, mas o cerne central de comparar os regimes comunista e nazista ainda é mantido. Caminha solta pela esfera de discussão essa proposta de uma ideia com ares de indiferença, mas que beira o revisionismo da postagem. “Gostei do vídeo, mas ... Direita?! Se bem que “direita” ou “esquerda” não importa diante de tanta atrocidade. Contudo, o que dizer do encontro de Hitler com Stalin em 23 de agosto de 1939?” (Embaixada da Alemanha Brasília, 2018). Outros são mais diretos ao mencionar o pacto de agressão e afirmar que ele é uma fusão da “extrema esquerda”: “Houve um acordo entre Hitler e Stalin em 1941, teria sido esse acordo uma fusão da extrema direita com a extrema esquerda? Se sim, acredito que tenha sido algo inédito” (Embaixada da Alemanha Brasília, 2018).

Logo abaixo, uma pequena discussão afirma que o pacto de não agressão foi em 1939, e que em 1941 Hitler teria quebrado o pacto. Segue-se, é claro, de outra fonte documental, dessa vez um site *Epoch Times*, cujos anúncios e matérias do jornal dizem respeito ao Google usar propagandas do PCC contra os conservadores. Enfim, a confiabilidade da matéria, bem com a do site, é integralmente suspeita, porque uma das suas propostas é “Expor a história e as crenças desse movimento tirano” (comunismo) (EPOCH TIMES, 2017, p. 01).

Estima-se que o comunismo tenha matado mais de 100 milhões de pessoas, mas seus crimes não foram totalmente compilados e sua ideologia ainda persiste. O *Epoch Times* procura expor a história e as crenças desse movimento, que tem sido uma fonte de tirania e destruição desde que surgiu (EPOCH TIMES, p. 01. 2017, grifo nosso).

Todas essas discussões demonstram que conceitos e processos históricos estão distorcidas em relação à ciência histórica e cheios de negacionismos. Alguns, como o exemplo acima, nem fazem questão de esconder suas intenções, pelo contrário: usam essas intenções como parte da proposta negacionista. É como se utilizassem “eles” referindo-se aos historiadores, “não dizem a verdade sobre a história”, “mas, nós”, os revisionistas/negacionistas “fazemos a verdadeira história” (EPOCH TIMES, p. 01. 2017). Em seguida, formulam um texto com todos os elementos historiográficos, que poderia passar facilmente como verídico pelo crivo de alguém que não tem domínio no assunto, e divulgam na internet. O negacionismo do Holocausto é uma forma de desumanização dos judeus e de

todas as vítimas do nazismo. Ele nega a existência dos campos de concentração, minimiza a magnitude das atrocidades e promove teorias conspiratórias que culpam os próprios judeus pela sua perseguição. Isso não só apaga a memória histórica, mas também perpetua a desumanização e o discurso de ódio, que podem levar a novas violências e genocídios.

Em um mundo cada vez mais conectado pelas redes sociais, é importante compreender como diferentes opiniões são posicionadas e propagadas nesse ambiente. Isso se torna ainda mais relevante diante do crescimento do fenômeno das bolhas de opinião, em que as pessoas são expostas principalmente a conteúdos que confirmam suas visões de mundo, reforçando preconceitos e diminuindo o diálogo e a empatia.

É necessário pensar formas de combater os negacionismos, não prezando apenas por uma história pública que ajude a entender a forma de pensar distinta de usuários, isto é apenas o começo. É o início de uma longa caminhada em que devemos observar, analisar, compreender e então pensar em meios para dialogar com esses públicos. Mais que críticas, devemos pensar em respostas.

Esse é justamente o cerne da problemática da discussão do negacionismo na internet. Aqui, o negacionismo pode e é confundido com uma fake news, e na medida em que os historiadores se debruçam e apontam os motivos de um texto específico ser negacionista, ele já foi projetado e inflacionou seu projeto político-ideológico neoliberal por inúmeros computadores pela rede. Essa proposta de difusão está para além dos domínios do historiador. Ela, é claro, diz respeito ao papel social do historiador, mas mais que isso, aponta a forma com a qual a sociedade enxerga o papel social do historiador.

Portanto, não se trata apenas de afirmar que nazismo é de esquerda ou direita, tampouco revisar tópicos vinculados ao nazismo ou à educação brasileira, mas refletir sobre a nossa figura enquanto detentores de algum tipo de autoridade sobre as narrativas do passado.

Também não se trata de diminuir os efeitos que tais comentários podem ter, ao contrário: é necessário compreender esse tipo de logística nas redes e pensar como esses sujeitos afetam e são afetados, para que, assim, um comentário sobre Hitler ser de esquerda não se torne um ataque étnico. É preciso pensar: seria a história pública digital uma forma de lidar com isso? A compreensão e distinção da forma de agir, pensar e emitir opiniões a respeito do conhecimento histórico socialmente construído dos diferentes públicos em rede pode ser um começo para o longo caminho que é entender qual o papel de uma história pública digital combativa, quando se fala de negacionismos.

Ao final das contas, a maior parte dos argumentos dizem a respeito dos projetos político-ideológicos e econômicos defendidos e atacados pelos internautas. Associar a figura de Hitler ao PT ou a Bolsonaro é o principal tópico dessa discussão, e para isso se utiliza de falácias e fundamentos falsos. Portanto, o que vemos nesse vídeo é o uso/abuso público da história e de conceitos históricos em prol das ideologias dominantes do período em questão, isto é, as pautas de centro-esquerda do PT e a direita bolsonarista.

Contudo, há uma grande confusão de termos, pois a direita neoliberal defendida pelos bolsonaristas não é a mesma direita defendida pelos empresários alemães da década de 1930, apesar de que ambas são partes de um mesmo processo econômico global, o capitalismo, e são projetos diferentes de economia. A direita alemã surgiu em um processo contrarrevolucionário, a favor da estatização, pois o período em questão tinha como característica um expansionismo privado, mas gerido burocraticamente pelo Estado Alemão do III Reich.

Já a direita Bolsonarista dialoga muito mais com autores como Hayek e Mises, e fala diretamente sob uma perspectiva de capitalismo neoliberal, com os Chicago Boys da década de 1970 e a América de Reagan. A direita bolsonarista está alinhada politicamente com uma postura econômica que se alinha com a figura do Estado, e por isso defende com afinco que a sua direita não tem nada a ver com a direita de Hitler. Faz isso de tal forma que textos de cunho neoliberal são facilmente encontrados ao observar os comentários. No entanto, há grandes problemas com essa interpretação simplista do passado nazista. É amplamente aceito que o nazismo é "mal" sem questionamento, mas Michael Butter (2009) destaca a distinção entre o "mal" como substantivo e como adjetivo. Quando concebido como substantivo, o "mal" é visto como uma essência ontológica própria que se manifesta em diferentes formas, seja em Satã ou em Hitler. Essa visão substitui a explicação histórica e ideológica pela explicação ontológica, sugerindo que o nazismo existiu por causa de sua maldade intrínseca. Infelizmente, essa visão se tornou naturalizada na cultura ocidental, com Hitler sendo visto como a origem do nazismo e seus crimes horríveis. Contudo, a discussão segue focada no fato de usar a figura autoritária, imoral e maligna de Hitler, contra seu opositor político eleitoral. Como exemplo, podemos ver como essa acusação é feita:

Acompanhe a linha lógica. Esquerdistas são contrários ao estado de Israel. Direitistas apoiam Israel. Hitler matava judeus. Hitler era de esquerda ou de direita? (Internauta em comentário ao vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018)

O que está em jogo é a forma com a qual a figura de Hitler é associada a uma proposta político-ideológica. Em uma discussão sobre o assunto Embaixada da Alemanha Brasília (2018), dizem: “[...] para você tirar as suas dúvidas. Direto na fonte”, e em resposta a isso: “Sim é importante falar do passado na Alemanha eles fazem um belo trabalho. Só que aqui no Brasil eles esconde o passado e não falam a verdade, tem muita coisa que fica em segredo”. Em contrapartida, afirmam: “mas, o nazismo foi um movimento de extrema direita e o fato de ter ‘socialista’ ou ‘trabalhadores’ no nome não faz ser de esquerda. A mídia não mentiu, certo? Kkkkk”. Logo, finalizam: “sê tá brincando né?”.

O cerne da discussão é a vinculação e/ou desvinculação do tema central nazismo da direita. Não querem que esse processo histórico seja associado à direita e para isso usam argumentos que racionalmente não fazem sentido algum e, portanto, são refutáveis. Como profissional da área vai discutir com alguém cujo principal argumento é “que aqui no Brasil eles esconde o passado e não falam a verdade”? (Internauta em comentário ao vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018). Esse sujeito não está aberto ao diálogo, não quer ser confrontado, e muito provavelmente vai continuar na sua câmara do eco (SILVA, 2016) ouvindo os mesmos conteúdos e disseminando as mesmas ideias.

É preciso compreender que o confronto de ideias nas esferas de discussões online, ou esfera pública digital (FGV, 2019), pode, em grau maior ou menor, afetar a percepção do comunicante com o seu próprio entendimento daquilo que entende. Em outras palavras, na medida em que alguém expõe seu ponto de vista e logo em seguida é confrontado, tende a reagir com mais hostilidade, pois em sua bolha virtual já foi consagrado que aquela forma de pensar é a correta e, portanto, mudá-la é confrontar tudo que foi construído pelas câmaras de eco (bolhas de opinião). As redes sociais se tornaram uma plataforma na qual pessoas compartilham seus pensamentos e opiniões sobre diversos temas, desde política até entretenimento. No entanto, nem sempre essas opiniões são iguais ou convergentes, como vemos nesse estudo. É importante, portanto, estudar o posicionamento de opiniões diferentes nas redes sociais porque isso pode ajudar a entender melhor a sociedade e a diversidade de pontos de vista existentes, incluindo o posicionamento de negacionistas do Holocausto.

Pierre Lévy, filósofo e sociólogo francês, defende a ideia de que as redes sociais são uma extensão da inteligência coletiva, que é o conhecimento produzido e compartilhado por um grupo de pessoas. Segundo Lévy, a inteligência coletiva é uma forma de conhecimento que não é dominada por nenhuma autoridade central, mas sim construída a partir de uma comunicação horizontal entre indivíduos.

Ao estudar o posicionamento de opiniões diferentes nas redes sociais, podemos compreender melhor como funciona a inteligência coletiva e como ela pode ajudar a resolver problemas sociais complexos. Além disso, podemos identificar padrões e tendências que ajudam a explicar as diferenças culturais e sociais entre os grupos.

É importante ressaltar que o estudo do posicionamento de opiniões diferentes nas redes sociais deve ser feito de forma ética e respeitando os direitos dos usuários. A coleta de dados deve ser feita de forma anônima e com o consentimento dos envolvidos.

Em resumo, estudar o posicionamento de opiniões diferentes nas redes sociais pode ajudar a entender melhor a sociedade e a diversidade de pontos de vista existentes. Essa compreensão pode contribuir para a construção de uma inteligência coletiva mais eficiente e para a resolução de problemas sociais complexos.

Como Pierre Lévy afirmou: "As redes sociais são um imenso laboratório para entender como funciona a inteligência coletiva". Assim, estudar o negacionismo do Holocausto é fundamental para entendermos as causas e os efeitos do discurso de ódio e da desumanização do outro. Devemos combater o negacionismo por meio da divulgação da verdade histórica e da educação para a empatia e a compaixão. Como disse Arendt, "As mentiras sempre foram consideradas instrumentos necessários e legítimos, não somente do ofício do político ou do demagogo, mas também do estadista". Portanto, cabe a nós a responsabilidade de estudar e combater o negacionismo do Holocausto para que possamos construir um mundo mais justo e humano.

CAPÍTULO 3 – HISTÓRIA SEM FRONTEIRAS: UM EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO DOS PÚBLICOS ONLINE

Para melhor compreensão dos mecanismos da webetnografia, é necessário pensar para além de uma análise única dos debates do vídeo da embaixada. Também é necessário compreender alguns padrões de comentários que se repetem em outras postagens nas redes sociais, bem como questioná-los. Portanto, este capítulo se dedica a algumas páginas para apontar a razão da necessidade de observar os negacionistas do Holocausto em outros espaços na rede, e de que forma é possível analisar como essa opinião sobre a história torna-se uma negação do Holocausto.

Quando lidamos com bolhas digitais, é preciso ter em mente que elas sofrem alterações constantes, seja de conteúdo, seja de configuração. É indispensável compreender que o índice de compartilhamento de informações é tão rápido e a transição de dados de usuários tão frenética que se torna quase impossível observar um mesmo padrão dentro dessas bolhas. Um exemplo disso é a configuração dos *reels*⁹⁰, que dispõe de uma não repetição de conteúdo para o usuário. Logo, seja no Instagram ou TikTok, assistir a um mesmo vídeo duas vezes é improvável, pois a todo momento as plataformas compartilham novos conteúdos.

Porém, quando se trata de comentários e opiniões pela rede, a compreensão torna-se mais perceptível ao analisar os comentários do vídeo da embaixada no Facebook, pois fica explícito que a maioria foi feita no calor do momento, mas é possível observar que outros foram adicionados um ano depois da postagem. A maior parte dos que foram adicionados posteriormente diz respeito à influência da extrema direita, como comenta um perfil: “A Embaixada Alemã sentiu o que é ter um governo bolsominion de extrema direita: o reino da estupidez. Bem que Frau Merkel podia ser primeira ministra aqui também” (Internauta em comentário no vídeo da Embaixada da Alemanha Brasília, 2018). Contudo, apesar das provocações, não há usuários que respondam comentários como esse acima, ou neguem que o nazismo seja de direita e o Holocausto não tenha acontecido. Dessa forma, emerge o questionamento: o que garante que tais negacionistas do Nazismo e do Holocausto ainda atuem no Facebook?

Para responder a esta e a outras questões, é necessário colocar em prática a chamada webetnografia digital, uma metodologia que ajuda a retirar informações da rede, categorizá-

⁹⁰ Em inglês: molinete ou carretel. O *reels* é um recurso pertencente ao Instagram, usado para gravar vídeos curtos. Desde que chegou no aplicativo, aumentou seu leque de divulgação de conteúdo, indo além dos *Stories* e IGTV. O *reels* concorre diretamente com o TikTok.

las e analisá-las de acordo com os mecanismos que se propõe na pesquisa. Para isso, a página do Facebook *História Sem Fronteiras* é utilizada. Com pouco mais de 16 mil curtidas e aproximadamente 17 mil seguidores, a página, fundada em 2019, tem um fluxo considerável de comentadores e reações diárias, além de contar com outros desdobramentos, isto é, com uma página no Instagram e um canal no TikTok. Segundo a *História Sem Fronteiras* (2019), ela é uma “Página desenvolvida para alunos, professores, pesquisadores e apaixonados pelo conhecimento histórico. Constitui um espaço para compartilhar experiências e conhecimentos específicos sobre História”.

A página possui ferramentas de compreensão dos seguidores, ou seja, é possível saber dados dos usuários que interagem com a página através de suas próprias configurações. Isto se faz necessário porque, ao tratar de uma história pública digital, é possível em alguns casos conhecer nosso público, ainda mais quando trata-se de um nicho mais específico, dessa forma podemos antecipar algumas possíveis interações como pessoas comentando sobre o estado de Israel e a guerra da Palestina ou mesmo perceber se os perfis que comentam se repetem em outras postagens. Pode parecer contraditório esperar que, em uma página do Facebook de divulgação de notícias, informações e conhecimentos sobre a história, negacionistas comentem. Contudo, ao longo dos seus três anos de atividade, foi desenvolvida uma série de postagens abordando uma infinidade de assuntos envolvendo conteúdo histórico e historiográfico, e negacionistas aparecem. Poranto, ao falar de negacionismo do Holocausto e Nazismo, negadores reagem às postagens e, através dos comentários, criam um acervo expressivo sobre negacionismo.

Assim, logo que pessoas começaram a comentar, compartilhar e reagir, tais ações foram catalogadas e analisadas. Captando dados sobre como negacionistas do Holocausto lidam com esse assunto hoje. Dessa maneira, as diversas reações sobre as postagens trouxeram resultados valiosos acerca desses negacionistas do Holocausto. Não obstante, alguns tipos de negacionismo, envolvendo socialismo, por exemplo, são mais explícitos, conforme mostra a postagem de 15 de outubro, quando, ao debater sobre as ditaduras e o socialismo na América do Sul, um internauta comenta:

Sim, o Brasil é Socialista quando nas aulas de licenciatura os “professores” militantes da extrema Esquerda não dão abertura para debates de outros pontos de vista que não os deles mesmos, e se você quiser concluir o curso tem que dizer amém para essa tentativa de doutrinação (Internauta na página História sem Fronteira, 2021).

Esse exemplo é um dos casos que mais se repetem nas postagens da página. Inúmeros comentários negacionistas a respeito do país ser socialista; de as ditaduras existirem ou não; o próprio papel do professor, visto como comunista, doutrinador e vadio são exemplos encontrados no decorrer das postagens. Porém, de forma alguma a mediação da página provoca os debates nos comentários, ao contrário: a editoração é responsável apenas pela postagem, e seu público discute o conteúdo e a mensagem.

Era esperado que negadores do Holocausto discorressem a respeito de postagens sobre tal assunto feitas na página. Com isso, analisamos se os argumentos centrais usados por eles são próximos aos do vídeo da Embaixada. Dessa forma, foi possível entender como esses públicos digitais agem ao negar o Holocausto na rede.

3.1 AS PUBLICAÇÕES SOBRE O HOLOCAUSTO

As postagens seguiram algumas métricas para que se enquadram tanto na lógica desta pesquisa quanto da própria página. Isso significa que foi publicada uma série de textos cuja função é fazer os leitores interagirem. Esse processo demorou para ser feito, pois além do conteúdo, deveríamos seguir um padrão webetnográfico, que corresponde à lógica de leitura do público da página. Portanto, não bastava escrever e postar. Foi preciso entender a logística para que, assim, soubéssemos qual o melhor horário, o dia, o tamanho, e fonte, e o conteúdo para publicação. Por isso as métricas da webetnografia foram importantes, para que as publicações envolvendo o Holocausto dessem resultados frutíferos.

Como exemplo, um desses textos foi construído exclusivamente para a publicação, ainda no ano de 2021. A princípio, possuía mais de 300 palavras, discorridas em três parágrafos que dialogavam de forma resumida sobre o que foi o Holocausto, acontecimentos, personagens e até mesmo sobre as Leis de Nuremberg, conforme abaixo:

Você sabia que logo depois que os nazistas chegaram ao poder na Alemanha (1933) e Hitler foi eleito primeiro-ministro vários judeus foram perseguidos? Pois é, diversas lojas foram fechadas e prisões sem motivo ocorriam por toda parte. Muitas pessoas eram levadas para campos de concentração, aonde sofreram em condições desumanas e foram torturadas e mortas (câmaras de gás e fuzilamento). O nome que se dá a esse evento é Holocausto (Shoá para os judeus) que foi, em suma, o assassinato em grande escala de um grupo minoritário considerado “inferior” pelos alemães nazistas. Entre as vítimas estavam principalmente judeus, mas também foram agredidos outros grupos, como homossexuais, ciganos e doentes mentais. Mas, como isso foi sancionado? Pois bem, em 1935, a “Lei de Nuremberg” foi aprovada, marcando o advento das proibições e do antissemitismo, por exemplo: impedia os judeus de se casarem ou fazerem sexo com não judeus (mantendo assim os ideais dos arianos). Além disso, ele condenou o uso das cores do

Império (vermelho, preto e branco) pelos judeus para facilitar sua identificação na rua. Contudo, somente em 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia (início da II Guerra Mundial) que as perseguições “ganharam forças”, pois ao fazer isso, os nazistas se viram obrigados a resolver de uma vez por todas a “questão dos judeus” e por isso sancionaram a “solução final”, já que os campos de concentrações não estavam todos prontos. Os judeus foram agrupados em guetos (o mais famoso em Varsóvia-Polônia) e lá sofreram com a falta de suprimentos básicos (água e comida) neste meio tempo os “grupos de extermínio” promoveram a “limpeza” fuzilando e enterrando diversos judeus em valas coletivas. Somente com o fim da II Guerra (1945) que os judeus foram libertados dos campos de concentração. E aí, você conhecia essa parte da história? O que acha disso? (O que foi o Holocausto? 2021).

Posteriormente, o texto passou por mudanças. A primeira e mais explícita foi seu tamanho: de 303 palavras, resumiu-se para 173. Isto porque, após alguns testes na página, percebeu-se que o público, ao se deparar com uma leitura muito grande na rede social, tende a ignorá-la. Portanto, era necessário diminuir seu tamanho. Outros pontos importantes também foram contornados com as correções, como o fato de o texto dialogar com diversos assuntos, ao invés de apresentar, discorrer e finalizar sobre um único tema. Através das orientações foi possível compreender que falar sobre um assunto apenas faria com que os comentários e interações tivesse melhor foco. Portanto, o segundo texto postado ficou da seguinte forma:

Você sabia que logo depois que os nazistas chegaram ao poder na Alemanha (1933) e Hitler foi eleito primeiro-ministro, vários judeus foram perseguidos? Sim, várias lojas foram fechadas e havia prisões em todos os lugares, sem motivo. Muitos judeus foram levados para campos de concentração, aonde foram submetidos a condições desumanas, torturados e mortos (câmaras de gás e esquadrões de tiro). O nome desse evento é Holocausto (residência dos judeus). Em suma, foi o assassinato em massa de uma pequena minoria considerada “inferior” pelos alemães nazistas. A maioria das vítimas era de judeus, mas outros grupos também foram atacados, como homossexuais e ciganos. A Lei de Nuremberg foi aprovada em 1935, marcando o advento das proibições e do antissemitismo, por exemplo: impedia que os judeus se casassem ou fizessem sexo com não judeus (mantendo, assim, os ideais arianos). Além disso, condenou os judeus ao uso das cores do Império (vermelho, preto e branco) para promover seu reconhecimento na rua. E aí, você conhecia essa parte da História? O que você acha sobre isso? (O que foi o Holocausto? 2021).

Contudo, por menor que fosse o texto, ainda era necessário diminuí-lo e ajustar alguns pontos e deixá-los mais explícitos, para que o usuário tivesse um tempo de reação maior. Percebe-se que há maior interação entre o escritor e o leitor, se houver um questionamento explícito: “Conhecia essa parte da História?” Assim, buscando saber a opinião sobre o texto, ele foi finalizado com frases a indagação: “o que você acha sobre isso?”, seguindo essas características para as postagens, como: criar gatilhos textuais que façam o público interagir

com a publicação para que, assim, seja possível analisar sua opinião sobre o assunto. É claro que, ao fazer tal experimento, fica sugestiva a ideia de que as pessoas possam não comentar, mas ao trazer esse convite, espera-se que o leitor exponha sua opinião sobre o assunto.

Ainda buscando um melhor grau técnico de publicação e publicidade para os textos, o exemplo acima foi submetido a outra revisão, perpassando novamente uma discussão sobre seu tamanho, bem como seu objetivo. Dessa vez ele foi diminuído, mas foram mantidas algumas alegações presentes, como a da perseguição aos judeus e homossexuais no corpo da postagem.

Por outro lado, os questionamentos presentes na última correção foram retirados, pois acreditou-se que, por mais convidativo que seja questionar a opinião acerca do tema, ela aconteceria de toda forma e seria redundante mantê-la. Durante a publicação, por outro lado, através da descrição do texto, seria interessante convidar o leitor a comentar por meio da legenda, mas isso está diretamente relacionado a um exercício de compreensão total da publicação. Dessa forma, a última versão para a publicação ficou com a seguinte forma:

Você sabia que na Alemanha de 1933 vários judeus foram perseguidos e milhares mortos? Sim, várias lojas judaicas foram fechadas e havia prisões em todos os lugares sem motivo. Muitos judeus foram levados para campos de concentração, aonde foram submetidas a condições desumanas, torturados e mortos. Esse período foi chamado de Holocausto (Shoá para os sionistas). A maioria das vítimas era de judeus, mas outros grupos também foram atacados, como homossexuais e ciganos. Além disso, o regime nazista condenou os judeus ao uso das cores do Império para promover seu reconhecimento na rua (O que foi o Holocausto? 2021).

Este é apenas um dos quatro textos que foram postados no decorrer da pesquisa. Todos seguem as métricas da página, e isso significa que, em tamanho, todos são parecidos. Tal tamanho é necessário, pois segundo a webetnografia, o tempo de uso da rede social e o tempo que se leva lendo um pequeno texto não permitem que passe de 90 caracteres. Essa característica não é exclusivamente do Facebook: redes sociais, como o Twitter, até proíbem o uso de mais de 140 caracteres por publicação. Isto faz com que tudo que se poste seja de leitura rápida.

O Facebook tem um limite de caracteres muito maior que o Twitter, mas isso não significa que o usuário leia mais, ao contrário. Segundo pesquisas de 2018⁹¹, o Facebook perdeu usuários, principalmente jovens, não apenas por esse motivo, mas por uma série de

⁹¹ “O Facebook perdeu 2,8 milhões de usuários norte-americanos com menos de 25 anos em 2017, apontou a consultoria eMarketer. Em 2018, à medida que o apelo da rede social entre os mais jovens deve continuar caindo, a previsão da empresa é que 2,1 milhões de pessoas nessa faixa etária devem deixar o site. Os dados fazem parte de uma estimativa liberada pela firma de pesquisa nesta segunda-feira (12) para os Estados Unidos” (G1, p 01, 2018).

outros fatores, como os escândalos sobre vazamento de dados, o fato de essa rede social ter se tornado “um espaço de discussão ideológica acalorada” (o que nos interessa aqui), ou mesmo que a rede não soube se adaptar à reação dos mais jovens (envelheceu). O que importa, para esta pesquisa, é o fato de que, quanto menor for tempo de leitura, maior é o tempo de reação, e por isso é necessário buscar construir textos curtos para que a reação do usuário seja o mais explícita possível.

Contudo, apenas um texto não basta, por isso foram feitas quatro postagens, divididas em “O que é o Holocausto”, sendo possível filtrar comentários relacionados ao evento, e alguns outros que tratavam de assuntos paralelos como a Palestina, o Estado de Israel, e em algum nível até algum antissemitismo. Foi possível observar comentários relacionados ao partido dos trabalhadores, socialismo e comunismo. A segunda postagem tratava do “Por que de os judeus serem perseguidos”, e muito material envolvendo negacionismo foi coletado, seja envolvendo os temas judeus, Holodomor, comunismo, socialismo ou Palestina. Já a terceira postagem tratou de falar sobre “O que aconteceu com os Judeus após o Holocausto?” Nessa publicação, o material mais interessante coletado foi envolvendo as disputas no território da Palestina (que até então já haviam se tornado padrão, visto que em todas as postagens o mesmo perfil tecia comentários a respeito), bem como comentários sobre o partido dos trabalhadores e Hitler. Por fim, tratamos de abordar: “Por que algumas pessoas negam o Holocausto?” Uma enxurrada de comentários envolvendo socialismo, Holodomor e nazismo apareceram. Alguns usaram citações de negacionistas famosos, e outros apenas exibindo seu ponto de vista (implicitamente negacionista) sobre o assunto. Portanto, as publicações foram feitas pensando a seguinte ordem:

- **O que é Holocausto?** O objetivo foi demonstrar o que foi esse evento, explicitando parte do que aconteceu nesse período histórico com os judeus;
- **Por que os Judeus foram perseguidos?** Abordou os motivos de os judeus terem sido perseguidos, quais suas razões e consequências;
- **O que aconteceu com os Judeus após o Holocausto?** Tratou sobre o final da Segunda Guerra Mundial, pensando os acontecimentos das imigrações dos judeus, bem como o clima geral antissemita; e
- **Por que negam o Holocausto?** Discutiu quais os motivos que levam alguém a negar o Holocausto, isto é, foi feita uma provocação sobre o que é o negacionismo e o que leva as pessoas a agirem de tal forma na internet.

Isso foi pensado estrategicamente com base em experiências anteriores e de forma coletiva. Dessa forma, essa quantidade de postagens foi capaz de capturar e registrar algumas reações, curtidas, comentários e compartilhamentos de usuários, e a partir disso foi possível observar, filtrar e analisar a forma como aqueles que interagiram enxergam as temáticas envolvidas. Por mais que pareça contraditório, apenas um dos textos tem foco no negacionismo, pois ao observar um negacionista em rede, não se espera que ele ou ela tenha atitudes declaradamente negacionistas, mas que comente de forma a buscar uma suavização dos acontecimentos.

Para além dessas publicações, também foi realizada uma votação sobre a existência e os processos históricos que envolvem o Holocausto, e buscou-se saber se há ou não negacionistas do holocausto que explicitamente comentariam. Obviamente a votação não apresentou nenhum negacionismo do Holocausto explícito, apenas alguns perfis que escreviam sobre “direita e esquerda”. Contudo, esse resultado já era esperado, visto que o negacionismo não acontece de forma explícita, mas como um “desvio de culpa”. Não se nega o acontecimento em si, mas seu culpado, e nesse processo de culpabilizar alguém, ele é deixado de lado. Ficou perceptível que o negacionismo do Holocausto na internet não está preocupado com o evento em si, mas em quem recai a culpa de tal acontecimento.

3.2 O PÚBLICO DA REDE SOCIAL *HISTÓRIA SEM FRONTEIRAS*

A rede social *História sem Fronteiras* cresce em likes e engajamentos a cada dia, e por isso é necessário fazer um acompanhamento constante, não apenas numérico dos seguidores, mas social. Através das ferramentas proporcionadas pela referida página, é possível determinar características como gênero, país de origem, e até mesmo escolaridade. Essa gama de mecanismos e dados fornecidos para a análise, proporcionada pela plataforma, é usada como forma de lidar com o engajamento do público de maneira geral; ao fazer anúncios, é possível direcioná-los a perfis específicos. Contudo, esse não é nosso caso. O objetivo não foi filtrar o público digital, mas conhecê-lo, e para isso é necessário compreendê-lo em sua totalidade.

Por meio da ferramenta *insights*, foi possível determinar alcances de postagem e, assim, observar seu crescimento. Também foi possível exportar esses dados por meio do *excel.doc*, em que algumas métricas ficam mais detalhadas, como podemos ver na imagem a seguir.

Figura 1 – Dados que podem ser exportados



Fonte: História sem fronteira (2021).

Ao fazer esse tipo de exportação de dados, como data de publicação, total de *likes*, *deslikes*, outras reações, compartilhamento, cliques, até mesmo os engajamentos calculados pelo Facebook, é possível obter um feedback por parte das pessoas que estão acompanhando as publicações. Vejamos o exemplo a seguir, na tabela exportada do Excel.

Tabela 1 – Dados exportados em novembro de 2021

DATA	LIKES	NOVOS LIKES	DESLIKES	ENGAJAMENTO
6/11/21	22613	826	18	49069
7/11/21	22958	365	16	23113
8/11/21	23178	221	3	11283
9/11/21	23255	86	7	6500
10/11/21	23336	85	5	4655
11/11/21	23680	362	14	14691
12/11/21	23882	214	10	11374

Fonte: História sem fronteira (2021).

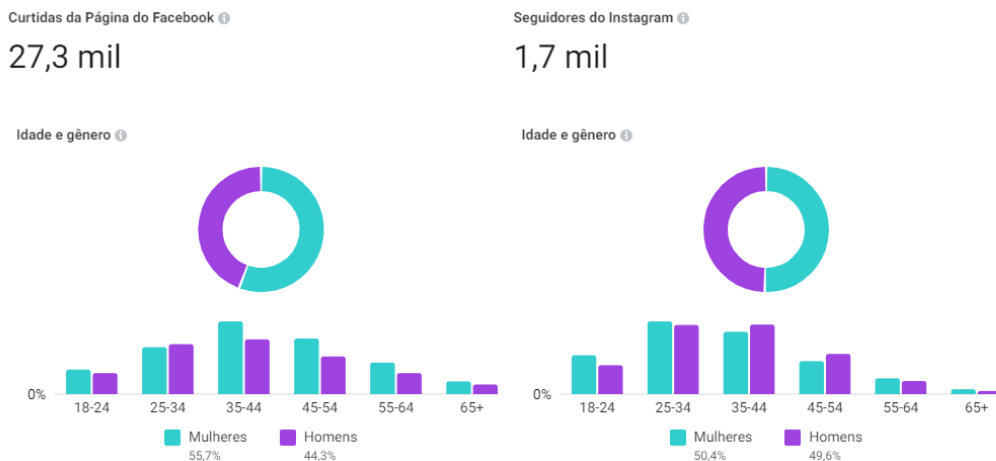
Nas postagens que aconteceram entre os dias 6 e 12 de novembro de 2021, é possível constatar as datas das publicações específicas, a quantidade total de curtidas que tiveram na semana e os novos *likes*, vindos de pessoas que não seguiam a página e curtiram por meio de perfis de terceiros que compartilharam a postagem. É possível saber, também, a quantidade de *deslikes*, bem como o engajamento atingido.

No caso acima, o engajamento é entendido como a quantidade de pessoas que, de alguma forma, interagiram com a postagem, seja porque ficaram apenas alguns segundos com uma publicação aberta ou porque simplesmente entraram no perfil. Avançando mais, é possível retirar dados mais específicos, como a quantidade de segundos retidos em uma

publicação X ou Y, ou mesmo em quais dias houve mais ou menos sucesso com relação à visualização dos públicos.

Porém, por mais que esses dados permitam compreender o tempo e parte das reações de um público, não fornecem a quantidade de informação suficiente sobre quem é esse público. Ainda não existe perfil referente à idade, gênero, país e cidade de origem. Por isso, consideramos a ferramenta *Business Suite*, com a qual é possível buscar informações e metadados mais específicos. A figura 2 ilustra o que esse mecanismo tem a demonstrar sobre idade e gênero. Através dela é possível identificar que a maior faixa etária atuante, na página, está entre os 35 e 44 anos de idade, tanto para homens quanto para mulheres. É perceptível, também, que no Facebook, mais mulheres seguem a página, enquanto no Instagram os gêneros estão empatados. Outro ponto interessante de ser comparado é que o público feminino atuante no Instagram é maior que o do Facebook, e que a faixa etária muda.

Figura 2 - Dados sobre o gênero e idade dos seguidores da H.S.F.



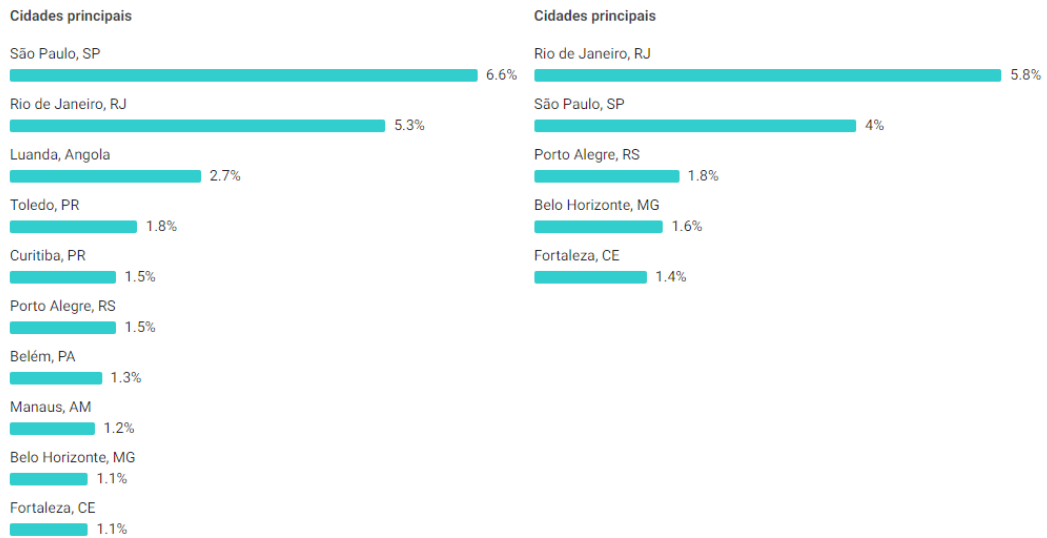
Fonte: História sem fronteira (2021).

No Instagram, aqueles que mais acompanham a página são jovens entre os 25 e 34 anos. Alguns dados, como as principais cidades curtidoras da página também podem ser vistos por meio da ferramenta, além dos principais países. Esses dados são importantes porque permitem determinar demograficamente a origem das reações de uma postagem.

É claro que isso não significa que todas as reações de uma postagem específica, sejam elas negativas ou positivas, venham do mesmo lugar, mas podem apontar para um caminho que indique, que em determinada região, uma quantidade x ou y de pessoas reagiu mais ou menos em relação à semana da postagem. O gráfico da página seguinte possibilita saber quais são as principais Cidades e Estados daqueles que interagem.

Como esperado, as capitais possuem maior número de interação devido ao fato de ter mais habitantes, mas isso não limita a pesquisa, ao contrário: ajuda a criar parâmetros para definir o público. Existem outras ferramentas que ajudam a compreender melhor o público, mas tal aprofundamento levaria mais tempo de publicação, pois quanto mais se publica, melhor se compreende quem interage.

Gráfico 1 – Porcentagem de cidades que interagem com a H.S.F.



Fonte: História sem fronteira (2022).

Não se pretendeu traçar um perfil mercadológico do público-alvo, mas descobrir se esse público-alvo está à espreita, agindo de forma negacionista por entre os comentários, reações e compartilhamentos.

Por isso, muito mais importante que saber a idade e o gênero do público, é preciso observar a postagem como um todo, compreender as reações de *like* e *deslike* para que, assim, seja possível entender a maneira como esses negacionistas do Holocausto agem nessas publicações.

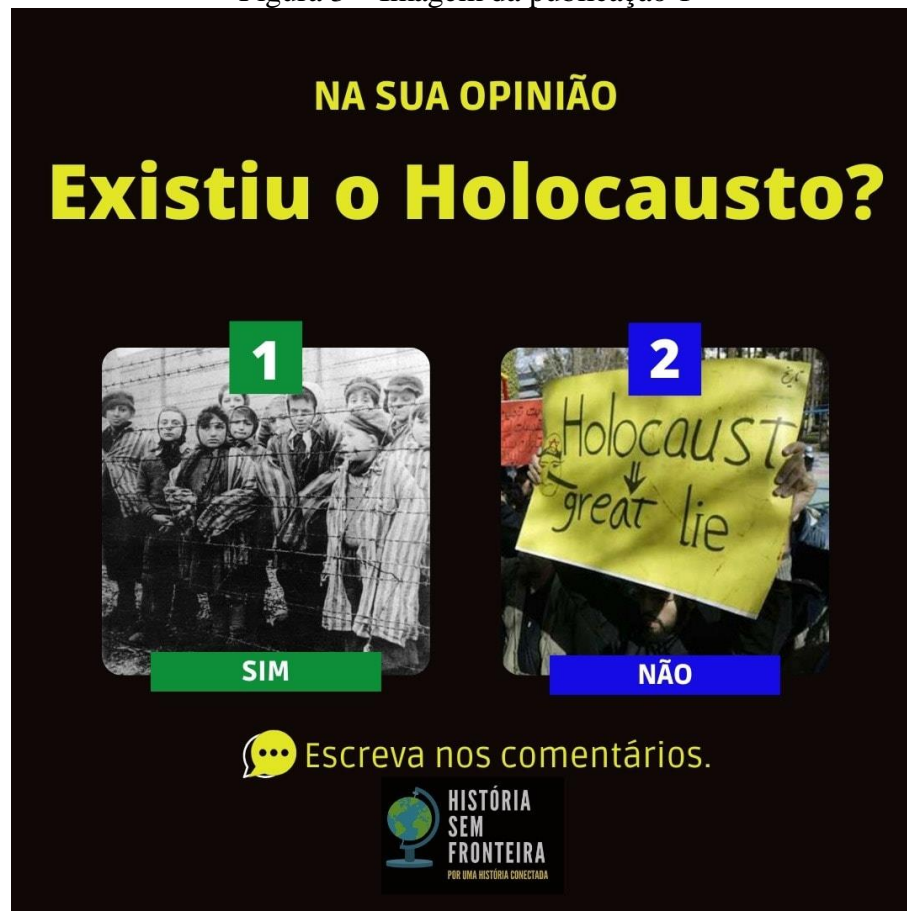
3.3 COMENTÁRIOS E REAÇÕES AS POSTAGENS

Todos os comentários feitos pelo público foram salvos, separados, analisados e arquivados a fim de encontrar manifestações de cunho negacionista, ou que em alguma medida tratasse do negacionismo do Holocausto. É importante salientar que esses comentários analisados devem ser observados junto às reações: *like* ou *deslike*.

A primeira votação foi feita às 16 horas de sexta-feira, primeiro de julho de 2022. Foram utilizadas três *hashtags* que acompanharam a postagem com a seguinte legenda

“Existiu o Holocausto?”. Ao todo foram catalogados 41 comentários e 33 curtidas. Eram esperados mais comentários e engajamentos, de acordo com as métricas da página alcançadas até então. Uma hipótese para compreender porque tão pouca interação é o fato da explicitidade do tema ser sensível. Para um não negacionista do Holocausto não haveria o que comentar, pois tal evento nem de longe pode ter sua existência contestada. Já para um negacionista, comentar que o Holocausto é uma farsa seria se colocar como alvo de outras pessoas, visto que elas obviamente o questionariam. A votação foi acompanhada de uma imagem. De um lado, crianças em um campo de concentração; e no outro, pessoas segurando bandeiras alegando que o “Holocausto é uma mentira”. Além da logo da página, a publicação incitou que as pessoas demonstrassem a “sua opinião” e escrevessem nos comentários para que, assim, o engajamento pudesse ser maior. Na página seguinte consta a imagem que acompanhou a primeira publicação.

Figura 3 – Imagem da publicação 1



Fonte: História sem fronteira (01/07/2022).

Entre argumentos como “não é uma questão de opinião”, “infelizmente existiu”, e até mesmo “qual a intenção dessa enquete”, dois comentários se destacam. O primeiro é uma alegação entre o Holocausto e os confrontos na Palestina, uma associação direta do sofrimento dos palestinos com o “povo de deus”. Na postagem, o internauta destaca: “Holocausto é o que os PALESTINOS estão sofrendo agora em mãos do povo de deus...” (Internauta na página História sem Fronteira, 2022).

O outro comentário destaca alegações feitas por alguns entre Holocausto e Holodomor. A analogia é simples: comparar o Holocausto cometido contra os judeus com Holodomor e o comunismo. Esse é um uso político do passado: na medida em que se compara um acontecimento com outro, o internauta trata o comunismo como uma ameaça à sociedade; em contrapartida, seu argumento rivaliza ambos os acontecimentos. Dessa forma, leva quem observa a imagem a entender que, se você concorda que o Nazismo é ruim, deve concordar que o Comunismo é pior. Utilizando imagens, o comentarista alega: “Sim, existiu. Também existiu o Holodomor”, e em seguida apresenta a seguinte imagem:

Figura 4 – Imagem dos comentários da publicação 1



Fonte: História sem fronteira (01/07/2022).

É perceptível a relação entre Nazismo e Comunismo apresentada na imagem acima. O que temos, aqui, é uma associação direta entre Comunismo, que “continua matando”, e Nazismo, que “matou”. Ao observar outros comentários, fica claro que a relação entre Holodomor e Holocausto não para por aqui. Em outros diálogos, frases que relacionam os dois acontecimentos estão presentes, alguns, questionando: “Pessoal falando do Holodomor, será que é o Holodomor do Stalin ou do Churchill?” (Internauta na página História sem Fronteira, 2022). Outros, afirmando: “Sim, existiu. Também existiu o Holodomor” (Internauta na página História sem Fronteira, 2022). Em suma, metodologicamente, a primeira publicação mostrou que declarar que o Holocausto não existiu em uma votação faz com que o engajamento seja menor (se comparado com as outras publicações e o tempo que elas estão no ar).

Portanto, o negacionismo do Holocausto, nessa primeira postagem, não está presente de forma explícita, mas relativista e comparativa, havendo uma relativização por comparação a outros eventos (Comunismo), da mesma forma que o vídeo da embaixada mostrou. O

negacionismo do Holocausto é sorrateiro, e o que prova isso são as publicações que vemos a seguir.

A segunda postagem foi feita também às 16 horas de sexta-feira, oito de julho de 2022. Dessa vez a postagem contou com outras reações: além dos *likes* e *deslikes*, ao todo foram 112 *likes* e 44 reações de tristeza. O perfil de quase 6 mil pessoas foi alcançado, tendo mais de 60 compartilhamentos. Contudo, poucos comentários apareceram: apenas 10 compõem a publicação até o presente.

A postagem acompanha duas *hashtags* e a legenda “O que foi o Holocausto?”. Na sequência uma pequena definição do processo e do que foi o Holocausto. A publicação segue o padrão das demais, e leva o logotipo da página.

Figura 5 – publicação 2

O QUE FOI O HOLOCAUSTO?

Um processo sistemático de perseguição, tortura e morte de judeus europeus pelo regime nazista e seus aliados. Entre 1933-1945 aproximadamente 6 milhões de judeus foram mortos. Inicialmente os judeus foram concentrados em guetos com a intenção de empobrecê-los, o que resultou em morte por fome e doenças.

Para além dos guetos, os nazistas recorreram para o que chamaram de “Solução Final”, que foi o fuzilamento em massa de judeus e construção de campos de extermínio, como foi o caso de Auschwitz-Birkenau. A perseguição e assassinato não se restringiu aos judeus, mas há inúmeros grupos como homossexuais e ciganos.

HISTÓRIA SEM FRONTEIRA
POR UMA HISTÓRIA CONECTADA

Você sabia disso? O que acha?

Fonte: História sem fronteira (2022).

Entre os comentários que se destacam, podemos citar três. O primeiro diz respeito ao conteúdo da postagem em si. Com um complemento do que a imagem tem a dizer, o internauta comenta:

Além de judeus, ciganos e homossexuais, como foi citado no texto, também seres humanos com deficiência foram exterminados nos campos de

concentração. O escritor e ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 1986, Elie Wiesel (1928 - 2016), judeu sobrevivente dos campos de concentração de Auschwitz e Buchenwald, escreveu vários livros a respeito do Holocausto, inclusive um intitulado “Noite” (La Nuit) - que eu pretendo ler um dia - sobre os horrores que viu lá. “Lembremo-nos, lembremo-nos dos heróis de Varsóvia, dos mártires de Treblinka, das crianças de Auschwitz. Eles lutaram sozinhos, sofreram sozinhos, viveram sozinhos, mas não morreram sozinhos, pois algo em nós morreu com eles.” (Elie Wiesel) (Internauta na página História sem Fronteira, 2022).

O comentário reafirma algumas características importantes presentes na imagem, mas o que importa é que ela diz a respeito ao público da página. Demonstra que esse público possui um bom entendimento dos conteúdos históricos. Em contrapartida, há comentários que dialogam com os da primeira postagem. Após análise, isso se demonstrou como um padrão que, posteriormente, se repetiria em outras publicações, em que comentários sobre a Palestina, Holodomor e comunismo aparecem.

Triste realidade!! Porém em época se deixou de penalizar os verdadeiros culpados do alto escalão. Hoje, eles estão voltando e revoltados. (Comunistas e os socialista burguês) [...] AHHHH O MESMO QUE OS JUDEUS FAZEN⁹² COM OS PALESTINOS HOJE. ENTENDI. [...] (Internauta na página História sem Fronteira, 2022).

Essa segunda postagem mostrou o início de um padrão, no qual vemos ponderações que dialogam com os usos do passado e utilizam as temáticas do Holocausto como um meio para fazer isso. Comentaristas apresentam suas perspectivas políticas na postagem correlacionando seu posicionamento político, tecendo diálogos com os temas Holodomor, Comunismo e Palestina.

A terceira postagem aconteceu no dia 15 de julho, também às 16 horas. Acompanhada das *hashtags* #Holocausto #Judeus #História. A publicação alcançou pouco mais de 3.000 pessoas, tendo por volta de 314 engajamentos; ao todo, teve 22 compartilhamentos e 20 comentários. Interessante notar comentários com *links* para o YouTube e um vídeo, além da mesma imagem já comentada na primeira publicação. Contudo, a imagem dessa postagem desenrolou-se em uma série de debates entre dois comentaristas. Claramente esse não foi o primeiro debate nas postagens, mas os demais não geraram conteúdos o bastante para serem analisados.

Seguindo a mesma lógica, a imagem que acompanha a publicação leva o logotipo da página e pediu para que as pessoas comentassem sobre o que estava sendo postado. A publicação não teve reações além de *like*, que ao todo acumularam 89. O título da postagem

⁹² Os comentários foram mantidos com erros ortográficos, pois assim que estão no texto original.

interrogou: “Por que os judeus foram perseguidos pelos nazistas?”. Abaixo, a figura 6 mostra a postagem.

Figura 6 – publicação 3

POR QUE OS JUDEUS FORAM PERSEGUIDOS PELOS NAZISTAS?

Os nazistas perseguiram os judeus por entender que atrapalhavam seu projeto de nação, de raça superior, de representação mais pura do arianismo. Os judeus, assim como vários outros grupos, eram tidos como raças inferiores.

No entanto, o antissemitismo não foi uma manifestação que surgiu com o Partido Nacional-Socialista na Alemanha, mas apresenta lastros históricos em diferentes períodos e espaços. Na Idade Média, por exemplo, os judeus foram perseguidos, proibidos de exercer determinados ofícios, expulsos de diversos países, como foi o caso da Espanha (1492) e Portugal (1497), tendo por motivo principal a religião.

A partir do século XIX, o antissemitismo esteve principalmente associado a questão política e econômica, com um intenso discurso de ódio contra os judeus alastrado por toda a Europa, culminando com o holocausto, faceta máxima do antissemitismo.

Você sabia disso? O que achou? Comenta aí!

HISTÓRIA SEM FRONTEIRA
POR UMA HISTÓRIA CONECTADA

Fonte: História sem fronteira (15/07/2022).

O mesmo padrão já visto nas postagens 1 e 2 foi visto novamente na postagem 3. A única diferença está nos debates que foram gerados. Como dito anteriormente, a mesma imagem apresentada por um comentarista na primeira postagem foi utilizada novamente. Porém, desta vez houve quem discordou dela e apresentou seus argumentos.

Quem discordou da “figura 4 – Imagem dos comentários da publicação 1”, afirmou que a imagem estava equivocada: “Errado, a diferença é ideológica, cultural, objetivos e política” (Internauta na página História sem Fronteira, 2022). Em contrapartida, o comentarista que postou a imagem assegurou: “não é, você quer que seja, mas não é. São iguais e hoje em dia nem dá para saber quem é quem” (Internauta na página História sem Fronteira, 2022). Percebe-se, portanto, que para esse seguidor da página, Nazismo e Comunismo são iguais. Ele continua seu argumento:

Partido Nacional-Socialita do Trabalhador Alemão, qual é a parte que você não entendeu? Além do mais, o fascismo italiano foi fonte de inspiração para

o partido dos trabalhadores alemães, inclusive Mussolini era um exímio militante de esquerda (Internauta na página História sem Fronteira, 2022).

Na sequência, o seguidor postou um vídeo do canal *Pensa Brasil*⁹³, com duração de 5 minutos e 35 segundos, cujos argumentos centrais giram em torno da participação de Mussolini na esquerda e que Comunismo e Nazismo são regimes autoritários. Além desses comentários, houve outros a respeito do Holocausto, especificamente como este, em que um internauta argumenta que a postagem seria uma publicitação: “Isto é propaganda”, afirma o comentarista, e quando questionado sobre “de que propaganda?”, negou-se a responder e alegou: “perdão, mas minha ignorância não permite me contrapor a vossa sapiência” (Internauta na página História sem Fronteira, 2022). Outro, quando questionado se o nazismo seria de esquerda, afirmou: “Quer insistir que o partido dos trabalhadores alemães e o fascismo são ideologias de direita, fique a vontade. Mas é extrema esquerda reformulada” (Internauta na página História sem Fronteira, 2022).

Repare no uso do termo *Partido dos Trabalhadores alemães*: o internauta evita escrever a palavra *Nazismo*, e assinala a maior parte dos comentários com o referido termo. Ao fazer isso, tenta associar, por meio de analogia, que o Partido dos Trabalhadores (Brasileiro) e o Partido dos Trabalhadores Alemães são frutos de uma mesma ideologia, e por isso afirma que a esquerda é nazista. Seu próprio argumento o convence: cria-se um canal do eco em que a repetição leva a um autoconvencimento, e em contraste ao que discorda de sua lógica, ele utiliza todos os tipos de meios para convencer os demais que observam e interagem na mesma esfera de discussão (comentários da publicação). Por isso é comum o uso de *links* e imagens: esses mecanismos agem como uma ferramenta de extensão argumentativa, como uma prova de que sua opinião está correta.

Na sexta-feira, 22 de julho de 2022, às 16 horas, a quarta postagem foi realizada. Intitulada “Negação do Holocausto?”, foi feita de forma diferente das demais. Até então, a imagem continha todos os textos; nessa postagem, o texto foi escrito na descrição que acompanhou as *hashtags* #Holocausto #História #Negacionismo. O texto postado foi:

⁹³ Ao pesquisar sobre esse grupo no Facebook, é possível ver sua página oficial intitulada como “organização política”. Pouco mais de mil e duzentos seguidores a acompanham, o que faz parecer pequena. Porém, ao pesquisar no Instagram e YouTube, os seguidores da página são respectivamente 21 mil e 137 mil inscritos. No Instagram, a referida página define-se como um criador de conteúdo digital e de cunho “conservador”. Os dizeres “o que a mídia não fala, o pensa te mostra” acompanham as demais descrições. No YouTube, vídeos com mais de 80 mil visualizações estão por toda a parte, tendo como pautas: “fake news da esquerda”, “crianças na mira da esquerda”, e o vídeo apresentado pelo comentarista na postagem: “QUE É O FASCISMO, SUA ORIGEM E COMO ATUA NO BRASIL”, com 39.026 visualizações. Na descrição do vídeo está escrito: “Nunca se ouviu tanto a palavra fascismo no Brasil como nos últimos dias, grandes manifestações de rua em meio a violência, vozes embrutecidas em tons provocativos. O que realmente é o fascismo, sua origem e como atua no Brasil”. Os comentários têm mais de dois anos e nenhum deslike, ao contrário: apenas gratificações por mostrar a “verdade” e saudações em nome de “Deus e da Nação”.

Existem pessoas que dizem que o Holocausto judeu não existiu. Alguns negam sua existência, outros relativizam os fatos e atrocidades cometidas. O ex-presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad (2005-2013), por exemplo, já chamou o Holocausto de “grande fraude”. Nesse caso, a alegação era utilizada como tentativa política de deslegitimar o Estado de Israel, criado em 1948, por entender que havia sido criado como consequência do holocausto. No campo político é possível identificar casos de negação do holocausto tanto em grupos ideológicos à direita, quanto à esquerda, por motivo e propósito diferentes. O que você acha? Conhece algum caso? Comente aí. (História sem Fronteira, 2022).

A imagem que acompanhou a postagem foi uma fotografia tirada em 2006 no Irã, durante um protesto. Porém, em relação às outras postagens, o padrão de comentários que estava se mostrando presente até então foi quebrado. Por outro lado, novos comentários interessantes surgiram.

Figura 7 – Imagem da publicação 4



Fonte: História sem fronteira (22/07/2022).

Ao todo, a quarta postagem teve o alcance de mais de 1.300 pessoas, mas o menor engajamento: somente 73 ao todo. Mostrou-se, assim, 49,8% mais baixo que o padrão da página. Isso leva a crer que a mudança da formatação alterou a forma com que as pessoas perceberam o conteúdo. Antes, a leitura informativa e visual acontecia unicamente no mesmo

objeto (a imagem), e dessa vez foi dividida. Portanto, ao público, é necessário duas vezes mais de atenção.

Entretanto, conforme já mencionado, apesar do baixo engajamento, os comentários foram promissores: ao todo foram 11 comentários, apenas um único falando sobre a Palestina. Nele, o usuário afirma que o Holocausto foi real, mas não o judeu, e sim o palestino. O internauta postou: “Holocausto é real, é na Palestina” (Internauta na página História sem Fronteira, 2022). Na sequência, outro comentário advertiu: “‘também’ na Palestina seria mais adequado” (Internauta na página História sem Fronteira, 2022). Após analisar os comentários e, por se tratar de uma postagem que quebrou o padrão que estava sendo seguido, utilizou-se o *Word Cloud Add On*⁹⁴ para criar uma mapa gráfico das palavras mais utilizadas nos comentários.

Figura 8 – Palavras mais utilizadas nos comentários da quarta postagem da H.S.F.



Fonte: Comentários da página História sem fronteira no *Word Cloud Add On* (2022).

Por se tratar de uma postagem que envolve a temática Holocausto, a discussão mais interessante e que remeteu a muitas das discussões que aconteceram na postagem da embaixada alemã aconteceu também nessa publicação.

⁹⁴ Segundo o próprio aplicativo, ele é usado para gerar nuvens de palavras de páginas da Web, arquivos de texto ou outras entradas de texto. Criar nuvens de palavras permite uma seleção do que mais se fala em um segmento online, sendo útil para um resumo rápido do que a página, postagem ou publicação está falando, ou pelo menos as palavras-chave/palavras mais usadas.

Um internauta comentou que a negação do Holocausto é uma conversa que não deveria ser de interesse dos brasileiros: “Acho que seria um assunto que não deveria interessar aos brasileiros” (Internauta na página História sem Fronteira, 22/07/2022). Em seguida, ao ser confrontado sobre o porquê isso deveria acontecer, por quais motivos não interessa ao brasileiro esse tipo de discussão, o internauta relativizou, afirmando que faz mais de 70 anos que aconteceu e que foi distante do Brasil: “Questão de prioridade. Evento ocorrido há mais de 70 anos na... Europa” (Internauta na página História sem Fronteira, 22/07/2022). Na contrapartida, apareceram diferentes argumentos:

por quê? Não fazemos parte do mundo? Sem falar que, no momento em que temos um crescente nazifascismo no Brasil, é fundamental combater qualquer negação dos crimes nazistas cometidos não só contra judeus, mas também contra quaisquer adversários políticos, deficientes físicos e mentais, não brancos, ciganos, homossexuais, mulheres (valorizadas apenas como procriadoras) etc. etc. etc. Bestialidades que grassam, especialmente hoje, na sociedade brasileira racista, misógina, homofóbica, violenta e impregnada de ódio. Pense nisso (Internauta em História sem Fronteira, 22/07/2022).

Os argumentos usados para contrapor baseiam-se na ideia de que a relativização da tragédia humana não é algo bom, e que independentemente do lugar, essa cultura de esquecimento não pode acontecer.

Se o Holocausto tivesse acontecido na idade média já seria nauseante, imagine há menos de um século! Relativizar essa tragédia humana e adotar posicionamentos pseudo confortáveis tipo, "isso aconteceu numa terra distante e não tem nada a ver conosco" é perdoar, esquecer de todas as atrocidades cometidas e criar um caldo de cultura nutritivo aonde possa novamente, germinar os vermes da intolerância! (História sem Fronteira, 22/07/2022).

Contudo, o que importa é compreender os usos políticos do negacionismo do Holocausto, e para isso é preciso pensar a relação entre Holocausto e nossa sociedade. Como afirmado anteriormente, um padrão estava sendo construído, que relaciona Palestina, Comunismo e Holomodor. Apesar de não aparecer intensamente, houve um comentário sobre Holomodor: “Negar o Holocausto deveria ser crime, assim como negar o Holomodor” (Internauta em História sem Fronteira, 2022). Em seguida, o internauta utilizou emojis para afirmar sua tristeza sobre os eventos.

A quinta publicação seguiu o padrão da quarta postagem, e tal como ela, acabou tendo poucos comentários e pouco engajamento. Ao todo, foram 2476 pessoas alcançadas na postagem, mais de 140 de engajamento, 4 comentários e 52 reações, 12 de tristeza e 40 *likes*.

A imagem utilizada na postagem foi a saída dos prisioneiros do campo de concentração de Auschwitz. As *hashtags* usadas foram #Holocausto #História #judeus, e da mesma forma que a quarta postagem, o texto não estava presente na imagem, mas na descrição.

Figura 9 – Imagem da publicação 5



Fonte: História sem fronteira (29/07/2022).

Na descrição, um pequeno texto de 120 palavras, com o título “O que aconteceu com os judeus após o Holocausto?”, disserta sobre os acontecimentos após 1945 e o que aconteceu com judeus, também sobre o antissemitismo na Europa.

Apesar da derrota da Alemanha e o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, o antissemitismo (aversão aos semitas, especialmente aos judeus) ainda era muito forte na Europa. Os judeus sobreviventes temiam retornar para seus antigos lares. Com poucas opções para emigração, um grande número migrou para o oeste europeu, aonde em geral ficavam acomodados em centros para refugiados. Muitos países mantiveram políticas de imigração restritivas, o que limitava o número de refugiados aceitos. Com a criação do Estado de Israel em 1948, um número representativo de judeus se deslocou até esse país. Além de Israel, entre os destinos estavam Estados Unidos, mas também outras regiões como a América do Sul (História sem Fronteira, 29/07/2022).

Sobre os comentários, o que se destaca é a postagem de um internauta sobre a Palestina: “Trabalharam para eles fazer um verdadeiro holocausto com os PALESTINOS” (Internauta em História sem Fronteira, 29/07/2022). Além de ser uma das pautas que já esteve presente em outras postagens, ela é uma demonstração importante de que os tópicos que envolvem o conflito da Palestina estão ligados à ideia de Holocausto.

Por fim, a sexta e última publicação foi feita no dia 05 de agosto, também às 16 horas. Tal como a primeira, essa publicação foi uma enquete, uma votação que, de longe, foi a mais comentada e teve maior engajamento. Exelentes materiais foram colhidos nos comentários e muitas discussões interessantes foram feitas.

Figura 10 – Imagem da publicação 6



Fonte: História sem fronteira (05/08/2022).

A sexta postagem teve mais de 140 comentários, muitos *links* anexados e imagens compartilhadas, além de diversos tipos posturas políticas sendo defendidas através dos usos do passado. De forma explícita, um dos primeiros comentários que se destacam é o seguinte:

O Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, como o próprio nome diz, era de Esquerda. HTL descobriu q Stl, seu “amigo”, o utilizava para justificar a tomada da Europa e então decidiu enfrentar a Rússia, logo, sifu. Comun e Nazis são duas porcarias, com a diferença de q o primeiro se passava como bom e o outro assumia q era mal. O primeiro ainda conseguiu

matar muito mais gente do q o segundo (Internauta em História sem Fronteira, 05/08/2022).

A primeira coisa que vale observação é a abreviação dos nomes de Hitler e Stalin, que são feitos como uma forma de eufemismo, visando a tornar o comentário mais leve, pois discussões que envolvem essas figuras normalmente acabam se tornando polêmicas. Esse padrão de abreviação e codificação da linguagem na internet tem por objetivo justamente facilitar que o leitor reconheça palavras-chave.

É possível observar o nome do *Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães* sendo escrito por inteiro e com letra maiúscula, assim como *Rússia* e *Esquerda*. Já as palavras *Comunismo* e *Nazismo*, apesar de iniciadas em letras maiúsculas, estão abreviadas. Pode-se pensar que é apenas um erro de digitação, mas as ferramentas de correção ortográfica do Facebook impedem que palavras sejam postadas de forma incompleta, o que, por sua vez, significa que o inetrneuta optou deliberadamente por usar essa grafia.

Em se tratando do cerne do comentário, ele está ancorado na ideia de que um “Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores” tem que ser de esquerda: uma intencional associação com a ideia de “Socialista” e “Trabalhadores”, seguida de uma analogia que imagina Comunismo e Nazismo como duas forças políticas iguais, às quais ele chama de “duas porcarias”. Não o bastante, ainda afirma que o Comunismo matou mais pessoas e, portanto, ele seria o que outros vão chamar de “mal maior”.

O outro comentário que merece uma análise mais detalhada que diz respeito à historiografia. Em uma discussão, um internauta afirmou que Nazismo é de extrema-direita, e uma resposta surgiu:

Já mencionei na primeira mensagem que está dando tanta polêmica: A HISTORIOGRAFIA dominada pela ideologia da esquerda sempre interpretou o Nazismo e fascismo extrema direita. Entretanto, uma nova história tem analisado alguns pontos que aproximam muito mais com a esquerda porque é a esquerda que procura criar um Estado Forte e totalitário, economia controlada pelo Estado, controle dos meios de comunicação e desarmamento da população. Essas características vc vê em Cuba, Coreia do Norte, Venezuela, Laos, Camboja, e outros países de regime totalitários. É preciso estudar mais sobre Hitler e Mussolini e saber de qual água e influência beberam. Dizer que direita é fascista hoje no Brasil tem muito mais a ver com o discurso da mídia esquerdista que tem tentado ligar o Presidente ao fascismo. Nada a ver. É um erro Histórico grotesco e uma manipulação das mídias. O Presidente tem agido a favor da liberdade de expressão e opinião, tem retirado o Estado do controle e lutado para que as mídias não sejam controladas. Sinceramente, hoje está na boca das pessoas o fascismo como se fosse algo simples e corriqueiro. Uma falácia (Internauta em História sem Fronteira, 05/08/2022).

O interessante, aqui, é sua análise sobre a historiografia: a pessoa alerta que ela é dominada pela ideologia da esquerda e, portanto, o Nazismo ser analisado como um fenômeno da direita é culpa diretamente da ideologia que o está analisando. Em seguida, alerta sobre as características do “Estado Forte e totalitário”, concepções que, segundo o comentarista, são da esquerda. Para complementar seu ponto, cita casos de países vistos pela mídia como totalitários, e logo em seguida, assume a postura de que a mídia brasileira é esquerdista. Seu raciocínio é simples e funcional: se a ideologia da esquerda “domina a historiografia” e a mídia brasileira também é “esquerdista”, logo, toda associação feita ao então presidente da república Jair Messias Bolsonaro é um grande complô, uma falácia, feita para cessar a liberdade que ele tanto defende. Cytrynowicz (2000, p. 05) já apresentou essa distinção entre a autodenominação “revisionista”:

Com o negacionismo (que se autodenomina revisionismo apenas para confundir) não existe debate, não há interlocução. Os que pretendem negar a história não pertencem ao campo do debate em história. Não há no negacionismo nenhuma revisão da história, e a relação com este movimento deve ser exclusivamente no campo do combate político e dos tribunais de justiça.

O que nos chama a atenção é a estruturação do argumento, que faz uso de conceitos e apresenta exemplos de organização política que, ao público leigo, parece ter sentido: é um exemplo de negacionismo disfarçado de revisionismo. Entre suas propostas, podemos encontrar frases como: “É preciso estudar mais sobre” ou “uma nova história tem analisado”. Essa nova história a qual se refere é o negacionismo fazendo uso político do passado em prol de suas pautas, disfarçado de argumento mas vazio de provas, apenas contendo provocações.

Esses comentários são exemplos de como o negacionismo consegue se camuflar na forma de um argumento aparentemente lógico, transvestido de Escola revisionista, e em certa medida, aparenta se sustentar. Contudo, há aqueles que são mais diretos, fazem uma associação mais explícita dos seus objetivos ao usar o passado como ferramenta de instigação de ideais. Para Moraes (2011, p. 06, grifos do autor),

Proclamar-se como uma *Escola Revisionista* representa a busca por um mecanismo legitimador, pelo fato de que a ideia de revisão é inseparável do processo de construção de conhecimento científico. Fenômenos e processos descritos, teorias e interpretações que não estão sujeitos à revisão não fazem parte do universo das ciências humanas, mas sim do universo das ortodoxias políticas, do pensamento mágico ou do pensamento teológico. Por outro lado, ao se afirmarem “historiadores” os negacionistas buscam incorporar do tipo particulares de legitimidade: a legitimidade profissional associada à formação do historiado.

Para exemplificar a fala Moraes (2011), é possível citar que um comentarista, em especial, declarou-se abertamente a favor do uso de armas e incorporou seu ideal como um argumento associando a detenção e manutenção da posse e do controle das armas na figura totalitária que o Estado, em teoria, exerce sobre esse direito.

Seu argumento é simples: Nazismo é de esquerda porque a direita é a favor da liberdade do uso de armas. Em suas palavras: “Esquerda! Pois desarmavam os cidadão e gostavam de dar total gerencia de seus ganhos ao líder deles” (Internauta em História sem Fronteira, 2022). Ainda continuou:

Digo que ideias nazistas são SEMELHANTES idéias comunistas. É difícil entender? Nazismo é uma coisa. Comunismo é outra. Mas ambos compartilham a mesma ideia de controle sob as pessoas. Entendeu ou quer que eu desenhe? Controle de armas, controle sob estatais, divisão de grupos, censurar os antagônicos, etc... São coisas do Nazismo e do Comunismo [Ponto] (Internauta em História sem Fronteira, 05/08/2022).

Todos os pontos vistos até agora tratam Nazismo e Comunismo de forma rasa e superficial, apesar de um ou dois argumentos na enquete serem bem estruturados, acabam sendo ocultados pela densidade massiva de debates que equivalem às duas formas de organização política, o que impede que o ambiente seja propício a uma argumentação que, de fato, contribua para o debate.

Além das associações por semelhança apresentadas de forma escrita, algumas imagens foram usadas como forma de associar a figura de Hitler com a esquerda. Muitos *links* de jornais, matérias de canais vinculados à direita (como já analisadas anteriormente) foram anexados nas conversas, cada qual com seu núcleo de comentaristas que defendem seus pontos. Eles utilizam a ideia de que estão apenas emitindo uma opinião, e portanto não poderia fazer mal algum. Quando confrontados, admitem que a perspectiva que associa a figura de Hitler com a esquerda é um “entendimento conveniente”. Como podemos observar:

Cada um leva pro entendimento que lhe for mais conveniente. Por isso que posteí toda essa minha colocação explicando minha humilde opinião... Nem de esquerda, nem de direita. Cada um pense o que quiser, mas sempre respeitando o outro (Internauta em História sem Fronteira, 05/08/2022).

Porém, a “humilde opinião” observada foi a ilustração seguinte:

Figura 11 – Imagem da publicação 6

Adolf Hitler

Partido



Partido Nacional-
Socialista dos
Trabalhadores Alemães



Fonte: História sem fronteira (05/08/2022).

A legenda “Respondido” acompanha a imagem anexada, e como surge é uma resposta a enquete que questiona se Nazismo é de esquerda ou de direita. Por associação direta é entendível que para esse comentarista que apenas “emite uma opinião”. o nazismo é um fenômeno da esquerda. Este é o mesmo argumento usado pelos internautas acima, com a diferença que a imagem é seu argumento ilustrado.

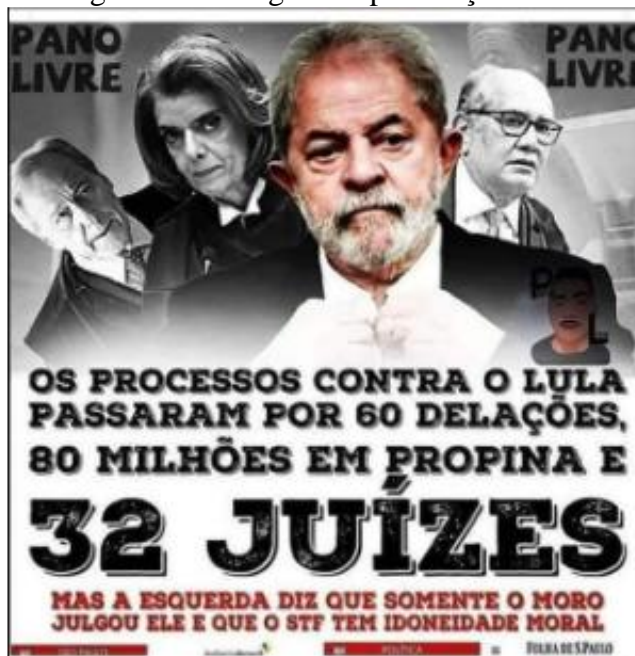
Em outro núcleo de comentaristas, uma discussão sobre o suposto “Decálogo de Lenin” surgiu quando uma internauta comentou:

Os dez mandamentos para implantar o socialismo. DECÁLOGO (Os 10 mandamentos da ideologia socialista) Escrito em 1913 pelo líder revolucionário russo Vladimir Lênin, o pai do comunismo (sistema governamental ateu). Qualquer semelhança com acontecimentos atuais, quase 100 anos depois, não é mera coincidência. 2. 1- Corrompa a juventude e dê-lhe liberdade sexual. 3. 2- Infiltra e depois controle todos os meios de comunicação. 4. 3- Divida a população em grupos antagônicos, incitando-os a discussões sobre assuntos sociais. 5. 4- Destrua a confiança do povo em seus líderes. 6. 5- Fale sempre em democracia e em estado de direito, mas, tão logo haja oportunidade, assumo o poder sem qualquer escrúpulo. 7. 6- Colabore para o esbanjamento do dinheiro público, coloque em descrédito a imagem do país, especialmente no exterior, e provoque o pânico e o desassossego na população por meio da inflação. 8. 7- Promova greves, mesmo ilegais, nas indústrias vitais do país. 9. 8- Promova distúrbios e contribua para que as autoridades constituídas não as coíbam. 10. 9- Colabore para a derrocada dos valores morais, da honestidade e da crença nas promessas dos governantes. (Internauta em História sem Fronteira, 05/08/2022).

Logo em seguida uma grande discussão se iniciou, além de imagens e links uma reportagem chamou atenção. Um seguidor da página anexou uma matéria da Revista Boatos, no qual desmentiria esse decálogo, afirmando que o mesmo nunca existiu e se tratava de *fake*

news que estava sendo vinculada online há poucos dias. Em resposta, o comentarista do decálogo ofendeu algumas pessoas e postou a seguinte imagem:

Figura 12 – Imagem da publicação 6



Fonte: História sem fronteira (05/08/2022).

Por fim, o último ponto e o que mais pareceu interessante foi ocasionado por uma provocação de um comentarista:

Todo bom historiador sabe que o Nazismo é esquerda, pois defende o Estado Forte e controlador, controle da economia, Partido Único e totalitarismo. A direita defende o liberalismo econômico, a democracia, e o Estado Mínimo. É uma falácia da HISTORIOGRAFIA ESQUERDISTA difundir o Nazismo como Extrema Direita (Internauta em História sem Fronteira, 05/08/2022).

Então, uma série de provocações comeraçam a acontecer, até que um nome surgiu e repetidamente foi citado: “A. James Gregor”. Trata-se de um professor de Ciência Política de Berkeley – Califórnia, famoso por livros como “Marxismo, Fascismo e Totalitarismo” e “Jovem Mussolini”. Gregor (2009), logo no prefácio de seu livro “Marxismo, Fascimo e Totalitarismo”, assume a postura de que as principais ideologias totalitárias do século XX são evoluções do pensamento de Karl Marx e Engels:

O presente trabalho constitui um esforço para melhor compreender as origens das principais ideologias revolucionárias do século XX. Ele tenta reconstruir a evolução dessas ideologias desde sua fonte inicial na herança deixada por Karl Marx e Friedrich Engels - até a lógica do totalitarismo em

que se tornariam. Basicamente, procura rastrear essa evolução no leninismo e no fascismo italiano⁹⁵ (GREGOR, 2009, p. 12).

Pela primeira vez, um teórico adotado pelos defensores do Nazismo de esquerda é apresentado, mas o comentarista não utiliza nenhum dos argumentos de Gregor, apenas usa seu nome como uma autoridade cujo viés vai contra a “Historiografia Esquerdista”. Repetidamente, o internauta comenta: “já leu todos os livros de A. James Gregor?”, e quando confrontado com a ideia de que os livros em si são apenas um conjunto de suposições de ideias e que o cerne principal do argumento é não defender fascismo, ele responde: “Ler não é o problema. O problema é ler e engolir. Parei na defesa do fascismo. Dispensando defesas do fascismo e da eugenia nazista, que desprezo com todas as minhas forças! Se você é adepto, ADEUS” (Internauta em História sem Fronteira, 05/08/2022).

O defensor de A. James Gregor afirmou: “Já viu Lula elogiando Hitler e Getúlio que se dava muito bem com os nazistas e fascistas?” (Internauta em História sem Fronteira, 2022). Novamente, o uso da comparação como uma forma de argumentação foi feito. Esse padrão comum se tornou repetitivo: em todas as discussões os argumentos usados eram similares. Incitavam outros, provocando; em seguida, emitiam uma opinião a respeito do Nazismo e as ideologias que nele se baseiam, e traziam à tona algum comentário sobre a atualidade, alguma pontualidade envolvendo os partidos políticos brasileiros, figuras públicas ou eventos. Quando confrontados, usavam autores e *links* para matérias jornalísticas cuja veracidade é duvidosa. Ao fim, A. James Gregor é um “exterminista”, cuja exemplo mostrado aqui, Melo (2016) já dissertou ao tratar de Nolte.

Voltando ao cerne da argumentação nolteana, sua comparação entre o que Nolte chamou de “exterminismo”, cujo propósito evidente é do responsabilizar o marxismo pelo nazismo (ainda que não tenha incorrido na estupidez de afirmar que “o nazismo era de esquerda”) torna-se embaraçosa quando se constata que o movimento abolicionista do século XIX almejava, nestes termos nolteanos, “exterminar” duas classes: a dos trabalhadores escravizados e a de seus senhores. Seria razoável supor que o “exterminismo de classe” dos abolicionistas possa ser considerado um antecedente das câmaras de gás em Auschwitz? É claro que não. Em suma, não é muito difícil entender por que Nolte tenha sido lembrado por agências de notícias como o autor de raciocínios que justificaram historicamente o nazismo, lembrando passagens desse teor: “como o nazismo era a mais poderosa de todas as forças que se opunham ao bolchevismo, um movimento com grande apoio dos judeus, Hitler deve ter tido motivos racionais para atacá-los (MELO, 2016, p. 02, grifos do autor).

⁹⁵ Do original: *The present work constitutes an effort to better understand the origins of the major revolutionary ideologies of the twentieth century. It attempts to reconstruct the evolution of those ideologies from their initial source in the heritage left by Karl Marx and Friedrich Engels—to the rationale for totalitarianism they were to become. Basically, it seeks to track that evolution into Leninism and Italian Fascism* (GREGOR, 2009, p. 12).

Após observar, arquivar, catalogar e analisar diversos comentários, ficou perceptível que alguns pontos em comum são mantidos na publicação, mas não houve nenhuma citação explícita que negasse o Holocausto, ao contrário: sua memória sempre está sendo lembrada e associada a outros eventos, como Holodomor ou a guerra da Palestina. Nenhum comentarista assumiu a postura como se tal evento não tivesse existido. Portanto, ficam as dúvidas: Aonde o negacionismo do Holocausto se encontra nessas falas? Será que elas, em si, escondem algo nas entrelinhas que passe despercebido?

Pois bem, essas falas são negacionistas, apesar de serem emitidas como forma de uma opinião e estarem falando da sociedade brasileira contemporânea, em algum nível elas dizem respeito ao negacionismo do Holocausto. Até este ponto ficou claro que o objetivo desses comentaristas não é, de forma alguma, tratar do assunto como um debate simples, mas pela defesa dos ideais e interesses que estão sendo “ameaçados”. A associação ao Nazismo leva ao Holocausto, e esses dois eventos estão intrinsecamente ligados pelos processos históricos. Portanto, ao ver que sua ideologia está sendo vinculada ao Nazismo e consequentemente ao Holocausto, o comentador tece diversas críticas aos argumentos que ali estão vinculados. Assim como declara Napolitano (2021, p. 96, grifos do autor):

O que não é legítimo é inocentar a cúpula nazista da responsabilidade final pelos crimes de massa ou negar a existência de “câmaras de gás” ou de uma política de extermínio de massa não apenas de judeus, mas de ciganos e eslavos, entre outros grupos sociais. Os debates em torno do Holocausto judeu consagraram o termo *negacionismo*, mas sua amplitude acabou extrapolando este campo de estudos históricos. Assim, é preciso ampliar o próprio conceito de negacionismo e seu corolário, o *revisão ideológico*, para compreender seu uso em outros contextos.

Aqui que está o negacionismo do Holocausto, não como forma explícita e antissemita nessa camada visível da internet, mas como uma deturpação do debate que, por fazer uso político do passado em detrimento ao presente, age como a “nova história”, mas em seu cerne é negacionista.

O negacionismo do Holocausto e os usos políticos do passado caminham juntos, cada qual como consequência do outro. Compreende-se que o Negacionismo do Holocausto surge primeiramente nas mãos dos próprios nazistas: ele é, antes de conceito, prática. Tardamente, o conceito é vinculado e devidamente analisado, mas independente de quando tenha surgido na forma de definição histórica, o negacionismo está intrinsecamente vinculado ao Holocausto.

Com o advento da era digital e a fluidez de informações presentes na rede, o conceito de negacionismo se afasta da ideia de Holocausto e Nazismo: os internautas negam não sua

existência, mas as consequências. Nenhum movimento ideológico quer ser lembrado por seus ideais terem resultado nas milhões de vidas ceifadas no Holocausto. Da mesma maneira, o conceito de negacionismo toma uma forma mais ampla, capaz de se adaptar às demandas do mundo moderno. Contudo, seu cerne ainda está vinculado ao Holocausto. Esses pequenos negacionismos disfarçados de opiniões não apenas nos dizem a respeito da sociedade contemporânea, mas também do passado. Bertona (2000) já satirizou essa relação do negacionismo com os “nazistas autênticos”.

Uma das maiores ironias do negacionismo é que os nazistas autênticos, seriam os primeiros a se orgulharem do que fizeram e ficariam, muito provavelmente irritados com aqueles que negassem a eles a glória de ter erradicado da Terra os impuros e inferiores. O fato dos seus herdeiros terem que se desdobrar para provar o contrário e, assim, tentar uma ressurreição política, pode indicar que a sensibilidade da humanidade melhorou no tocante a essas questões. Apenas uma esperança, mas que só será confirmada no futuro (BERTONA, 2000, p. 161).

Não é de acreditar, porém, que a humanidade tenha melhorado. Observa-se, nessa forma de negação digital do Holocausto, algo muito perigoso: não se trata de um esquecimento esporádico ou seletivo, mas de uma distorção dos fatos e acontecimentos históricos em detrimento de uma pauta política.

Nas redes sociais, existem diversos níveis de debates que acontecem ao mesmo tempo. Por se tratar de espaços públicos online, muitas pessoas tendem a comentar o que bem entendem sem se preocupar com quaisquer filtros sociais. Nesta pesquisa, pode ser observado que o negacionismo do Holocausto acontece de forma implícita. Não se nega esse evento de forma descarada, mas com grandes comentários cheios de referências e *links* suspeitos, muitas imagens e diversas alegorias. Isso porque, por mais que os internautas se sintam à vontade para falar seus pensamentos mais intimistas (negacionistas), por se tratar de uma esfera de discussão ampla, dissertar negacionismos históricos é considerado errado em uma página de interação sobre conteúdos históricos. Como afirma Recuero (2005, p. 07): “Observando as redes sociais como interdependentes umas das outras, é palusível perceber que todas as pessoas estariam interligadas umas às outras em algum nível”.

Dessa forma, é perceptível que os negadores do Holocausto não estão localizados nessa camada de debates mais ampla. O que se observa são comentaristas que, ao defender uma pauta específica, causam negacionismos pelo caminho, inclusive o do Holocausto. Justamente por se tratar de um evento que, como foi mencionado anteriormente por alguns internautas, “está longe da nossa realidade”, que devemos ser cuidadosos com ele. Não

podemos cair na armadilha de acreditar que uma *Fake News*⁹⁶ carrega apenas a objetificação de um desejo de certa classe social. Essas discussões negacionistas, sejam sobre assuntos da direita, esquerda, e principalmente sobre o Nazismo, acontecem em um espaço amplo. Cada comentário ressignifica e propaga um mesmo discurso, fortalecendo os canais de eco que um perfil segue. Como Recuero (2019, p. 45) observa:

As *fake news*, em nosso caso, não conseguem propagar-se além dos *clusters* ideológicos aos quais estão filiadas, influenciando, deste modo, apenas aqueles atores já presentes nessas câmaras de eco. Além disso, observamos que os casos específicos não se constituem em notícias largamente espalhadas, mas em cascatas relativamente pequenas.

Portanto, a propagação do negacionismo aumenta na mesma medida em que o sujeito repetidamente se depara com informações de cunho negacionista. Na forma de um ciclo sem fim, o negacionismo do Holocausto cresce, não apenas em número de negadores, como aponta a grande mídia: “Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos” (FANTÁSTICO, 2022), mas também na intensidade da negação. Na mesma medida em que afirmam que “negar o Holocausto é errado”, diminuem suas mazelas e se defendem alegando que tudo o que dizem é opinião e estão assegurados pela liberdade de expressão. Como afirmou a juíza federal, Cláudia Dadico, em entrevista ao Fantástico:

Os casos que tenho acompanhado da Polícia Federal tem tido realmente um esforço grande no sentido de investigar e punir. O que ocorre é que muitas vezes alguns operadores do direito têm uma compreensão da liberdade de expressão que acaba, de certa forma, obstaculizando a punição desses crimes, que claramente não se situam dentro do campo da liberdade de expressão (DADICO, 2022).

O negacionismo do Holocausto deve ser debatido por todos, mas debater não significa liberdade para agir como nazista. É necessário que se dialogue com tal temática para evitar conversas como a que a policial interceptou no dia 24 de outubro de 2022 em um grupo do Facebook chamado “Aniversário do Fuher”. Nele, pessoas alegavam: “vamos matar ‘mendigo’ amanhã”, “Todos os mendigos, negros [e] nordestinos deveriam ser fuzilados”. Castro (2014, p. 10) afirma:

⁹⁶ “O espalhamento de desinformação ou de informação falsa também pode ser influenciado pelos diferentes tipos de atores na rede. Sha & Kumar (2018) apontam para a influência de robôs (bots) e atores muito engajados que podem criar falsas percepções de consenso, para que determinada informação circule” (RECUERO, 2019. p. 34).

O Negacionismo do Holocausto não é uma perspectiva historiográfica legítima a se dedicar a revisar os postulados históricos do holocausto, mas sim um instrumento de ação ideológica a serviço de grupos políticos radicais em sua grande maioria de extrema-direita.

Ficou claro que o negacionismo do Holocausto não é um fenômeno moderno, mas os horizontes políticos que estão nele vinculados dizem respeito a pautas da contemporaneidade. Sua propagação, silenciosa e verossímil, também ganha novos espaços de desdobramento: na medida em que cresce como uma *fake news*, desabrocha como uma nova célula nazista, repleta de ódio.

Contudo, se há espaço para difusão do negacionismo do Holocausto, também há espaço para o seu combate, ao menos de medidas informativas que busquem competir nessas esferas discursivas online. A história pública digital tem seu papel traçado, aqui, como uma forma de dilatação dos conteúdos históricos e historiográficos em rede. É papel da História Pública Digital e dos Historiadores, que por meio dela pesquisam, divulgar, debater, e principalmente negar esses negacionismos. Como Norman G. Finkelstein afirmou, em sua palestra “Israel e Palestina: raízes do conflito, perspectivas para o palestrante da paz”: “Não me importo com lágrimas de crocodilo⁹⁷”. A história pública deve ser combativa. É preciso enfrentar esses negacionistas de igual para igual, não devemos comprar o discurso de que a internet é um teatro cheio de liberdade de expressão: há uma diferença muito grande entre observar a história por outros olhares e ser negacionista: devemos negar os negacionistas.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da busca pela compreensão do que poderia ser e o que acarretaria o negacionismo do holocausto na internet deparei-me com uma série de problemáticas envolvendo diversos conceitos que são amplamente discutidos em rede, bem como o próprio conceito de internet e negacionismo, amplamente discutido nos capítulos anteriores. Dessa forma lidar com esses conceitos é complexo e sensível, pois a internet ou melhor dizendo as redes sociais são um palco transdisciplinar e multifacetário que, por sua vez, agem como espaços para relativização de diversos eventos históricos, muitas narrativas são escritas de modo que se encaixem com as vontades de um público específico e quando analisadas, devem ser vistas como uma narrativa sobre e da história na web. Porém, e quando o negacionismo do holocausto passa a ser parte direta ou indiretamente? Qual o papel do historiador público frente a essas discussões?

⁹⁷ “I don't care about crocodile tears. If you have heart, you should cry for Palestenians” (FINKELSTEIN, 2001).

Pois bem, como essa pesquisa demonstrou o negacionismo do holocausto não está explicitamente demonstrado por públicos online sua negação está entre as linhas de debates, nos comentários existentes e nas muitas camadas das redes sociais. Que em sua complexidade não detêm tais aforismas negacionistas. A apologia direcionada a um determinado partido político, o link do vídeo com mensagens confusas, as inúmeras referências narrativas que passam em branco pela maior parte das pessoas que rapidamente visualizam as mensagens nas postagens fazem com que o negacionismo do holocausto seja implícito. Observando de maneira leiga, acreditamos que ali existe apenas um espaço de discussão cujas narrativas não interferem na nossa visão sobre a realidade, porém, essas mensagens implicam diretamente no fato de que a distorção desconhecimento histórico se torna aceitável ao público online, e o virtual é o novo real. Conforme Levy (2011, p. 17) afirma:

A virtualização pode ser definida como um movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização, mas uma mutação da identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico.

Contudo, isto é apenas uma pequena parte do que realmente conseguimos enxergar na web devido ao grande número de discussões presentes nos mais diversos tipos de redes sociais fica impossibilitada a compreensão total dos comentários que existem nos mais diversos tipos de públicos. Não podemos tratar a internet como um espaço de discussão homogêneo em que a linguagem ocorre de uma única forma, assim como não podemos pensar o negacionismo digital do holocausto como um fenômeno consono.

A pesquisa demonstrou que as alegorias envolvendo projetos políticos e ideológicos se manifestam de forma distinta dos meios tradicionais. Visto que os meios pelos quais eles são propagados são diferentes das esferas mais habituais, como a televisão e rádio. Nos meios convencionais de notificação midiática o indivíduo é apenas um ser passivo, não tem possibilidade de resposta, já na internet o mesmo não só é capaz de criar, difundir e objetificar interesses sociais, como tem acesso instantâneo a aqueles que atacam sua pauta político ideológica. Isso significa que o conhecimento socialmente construído por diferentes públicos em rede pode tanto criar uma história pública digital combativa quanto negacionismos do holocausto.

Enquanto historiadores públicos é necessário pensar os espaços de discussão online como uma rede que não segue uma organização humanizada de discussões. Lidasse com algoritmos e computação no geral que cotidianamente propulsionam informações ao público

que melhor pagar. Os negacionistas, estão interessados em negar, é preciso explicitar o óbvio em meio a esse mar de informações. Quando se trata do público digital o debate é complexo, pois, não existe uma fórmula específica para compreender a maneira com a qual esses negadores espalham suas crenças pela internet e nenhuma fórmula ideal de lidar com a compreensão do público geral diante de comentários negacionistas. Cada objeto de estudo online deve ser visto pela sua própria visão web antropológica, isto é, apesar dos esforços de alguns mecanismos digitais e humanos para impedir que negacionismo se espalhe pela internet o mesmo tende a crescer na medida em que a própria web cresce.

Este trabalho demonstrou que o negacionismo explícito do holocausto não acontece nas camadas mais visíveis da internet, porém não há como se afastar da ideia de que elementos e reverberações do mesmo existem dentro das redes sociais. Algo muito mais nocivo espreita esse tipo de negação, sua normalização e aceitação. Tornou-se repudiável afirmar que o holocausto não existe, porém é socialmente aceito distorce-lo em prol de seus objetivos. Ao observarmos as pautas político ideológicas adotadas por alguns grupos sociais, muitas discussões caminham lado a lado com negacionismos, inclusive do Holocausto. Idolatrar ou onerar figuras históricas é uma das formas mais usadas para assegurar a legitimidade do discurso histórico, e, não seria diferente na internet. Figuras relacionadas ao período nazista em especial são constantes alvos de repúdio ou veneração por parte dos negacionismos, e estes por afinidade político ideológico e partidária levam as distorções do holocausto.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação após Auschwitz**. [S. l.: s. n.], 1967. 09 p. Disponível em: <https://rizomas.net/arquivos/Adorno-Educacao-apos-Auschwitz.pdf>. Acesso em: 6 set. 2021.
- BERTONHA, João. Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político. **Anos 90 Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, ano 2001, v. 9, n. 15, 6 set. 2021. Resenha, p. 157-162. DOI <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6618>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6618/3941>. Acesso em: 6 set. 2021.
- BERTONHA, João. Os estudos sobre o Nazismo no Brasil e sua Necessária Internacionalização. *In*: EXPRESSÕES do Nazismo no Brasil: Partido, Ideias, Práticas e Reflexos. 1º. ed. Salvador: Sagga, 2018. Prefácio, p. 10-15. ISBN 978-85-93123-16-0.
- BRASIL CONSERVADOR (ed.). Hitler era de Direita? Olavo explica porque só besta quadrada acredita nisso. Recorte de postagem de: CARVALHO, Olavo. **Hitler era de Direita?** Olavo explica porque só besta quadrada acredita nisso. Versão para o Youtube. Youtube: Brasil Conservador, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcnzpMQ7JCE>. Acesso em: 6 set. 2021.
- BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo: Política e Democracia no Mundo Digital**. São Paulo: Contexto, 2021. 128 p. v. único. ISBN 978-65-5541-063-1.
- CALDEIRA NETO, Odilon Caldeira. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. **Antíteses**, Londrina - PR, ano dez 2009, v. 2, n. 4, p. 1097-1123, 2009. DOI <http://dx.doi.org/10.5433/1984-3356.2009v2n4p1097>. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/2507/4026>. Acesso em: 6 set. 2021.
- CARVALHO, Bruno; LUCAS, Taís (org.). **Expressões do Nazismo no Brasil: Partido, Ideias, Práticas e Reflexos**. Salvador: Sagga, 2018. 220 p. v. único. ISBN 978-85-93123-16-0.
- CESARINO, Leticia. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia USP**, São Paulo, v. 62, n. 3, p. 530-557, 12 dez. 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.157036>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165232/158421>. Acesso em: 6 set. 2021.
- CONSULADO DA ALEMANHA BRASÍLIA (Brasil). Embaixada da Alemanha Brasília. Como se ensina história na Alemanha: Os alemães não escondem o seu passado. Saiba como se ensina história na Alemanha: *In*: EMBAIXADA DA ALEMANHA EM BRASÍLIA (Brasília). Embaixada da Alemanha. **Como se ensina história na Alemanha**: Os alemães não escondem o seu passado. Saiba como se ensina história na Alemanha: Facebook da Embaixada da Alemanha em Brasília: Daniel F. Warkentin, 5 set. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/EmbaixadaAlemanha/videos/1658739200897794/>. Acesso em: 6 set. 2021.
- CYTRYNOWICZ, Roney. As formas de lembrar e a história do Holocausto. *In*: MILMAN, Luís; VIZENTINI, Paulo Fagundes (coord.). **Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político**. Versão Online. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 9 ago. 2001. Disponível

em: <http://www.derechos.org/nizkor/brazil/libros/neonazis/cap12.html>. Acesso em: 6 set. 2021.

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil**. Tese (Doutorado/ Programa de Pós-Graduação em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. DOI 10.11606/T.8.2007.tde-10072007-113709. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10072007-113709/pt-br.php>. Acesso em: 6 set. 2021.

EHL, David. Entenda a onda de protestos de extrema direita na Alemanha: Ambiente xenófobo, um morto numa briga e várias "fake news" em redes sociais criaram as condições para uma onda de violência de extrema direita na cidade de Chemnitz. Veja a sequência dos acontecimentos. **Deutsche Welle (DW)**, Alemanha, 28 ago. 2018. Notícias, p. 01-05. Disponível em: <https://p.dw.com/p/33ubm>. Acesso em: 6 set. 2021.

EPOCH TIMES. Pacto Hitler-Stalin: uma obscura aliança na Segunda Guerra Mundial. online, p. 01 - 13, 10 jul. 2017. Disponível em: <https://m.epochtimes.com.br/pacto-hitler-stalin-uma-obscura-alianca-na-segunda-guerra-mundial/?fbclid=IwAR2XRx0yV3OUXmnbyNe88sw-C2fqFlku8BgCtz0rdRaCV8Ucl90rGETz--4>. Acesso em: 6 set. 2021.

FINGUERMAN, Ariel. **A teologia judaica do holocausto**: como os pensadores ortodoxos modernos enfrentam o desafio de explicar a Shoá. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Doi: 10.11606/T.8.2008.tde-12012009-172012. Acesso em: 06 set. 2021.

FINKELSTEIN, Norman G. **A Indústria Do Holocausto**: Reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus. São Paulo: Record, 2001.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (ed.). A esfera pública digital: como a digitalização afeta o funcionamento da democracia? In: PORTO, Antônio; GRACE, Amaro; GRACE, Amaro; VAISHER, Marcio; BURGDAN, Mark (coord.). **A esfera pública digital**. Versão para o Youtube. Youtube, 7 ago. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qaLVMTaV148>. Acesso em: 6 set. 2021.

GHERMAN, Michel; CHACRA, Gustavo. O Nazismo é de extrema direita – Texto de Michel Gherman. **Jornal Estadão**, Estadão, 15 ago. 2017. Opinião, p. 01-02. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/o-nazismo-e-de-extrema-direita-texto-de-michel-gherman/>. Acesso em: 6 set. 2021.

GUILLAUME, Marc. A Revolução Comutativa. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da Rede**: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. 1º. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013. v. único.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: Perspectivas do digital. 3º. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. 134 p.

HERMOSO, Borja. Pierre Lévy: “Muitos não acreditam, mas já éramos muito maus antes da internet”: Escritor, professor e filósofo analisa o impacto das novas tecnologias e a

hiperdigitalização em nossas sociedades. “Desde o momento em que há linguagem, há mentira e manipulação”. **El País Semanal**, Madri, 1 jul. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/eps/2021-07-01/pierre-levy-muitos-nao-acreditam-mas-ja-eramos-muito-maus-antes-da-internet.html>. Acesso em: 6 set. 2021.

INFOBASE. **Inteligência Artificial e a perpetuação do racismo**. Folheto online. [s. d]. Disponível em: <https://infobase.com.br/inteligencia-artificial-e-a-perpetuacao-do-racismo/>. Acesso em: 6 set. 2021.

LINARD, Daniel. O fenômeno negacionista e suas representações na narrativa cinematográfica “Negação” (Denial – 2016). **Saeculum – Revista de História**, [S. l.], v. 26, n. 45, p. 247–264, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2021v26n45.60197. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/60197>. Acesso em: 6 dez. 2022.

MALERBA, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História? Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre *Public History*. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 7, n. 15, p. 27–50, 2014. DOI: 10.15848/hh.v0i15.692. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/692>. Acesso em: 6 set. 2021.

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de. A ideologia nacional-socialista: O revisionismo e o nazismo de esquerda. **ID on line. Revista de psicologia**, online, v. 14, ed. 49, p. 17-37, 2021. DOI: 10.14295/idonline.v14i49.2307. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2307/3636>. Acesso em: 6 set. 2021.

MELO, Demian. **Ernst Nolte e a historiografia revisionista**. Junho Blog. 20 ago. 2016. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/ernst-nolte-e-a-historiografia-revisionista/>. Acesso em: 6 set. 2021.

MELO, Demian. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Marx e o Marxismo - Revista do NIEP-Marx**, online, ano 2013, p. 50 -74, 6 out. 2013. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/11>. Acesso em: 6 set. 2021.

MENESES, Sônia. Qual a Função da História Pública em um país caracterizado por uma forte concentração midiática? In: MAUD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane T. (org.). **Que História Pública queremos?**. 1º. ed. São Paulo: Letra & Voz, 2018. v. único.

MILMAN, Luís. Negacionismo: Gênese e desenvolvimento do extermínio conceitual. **Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político**, online, p. 01-21, 2000. Disponível em: <http://www.derechos.org/nizkor/brazil/libros/neonazis/cap9.html>. Acesso em: 6 set. 2021.

MORAES, Luís Edmundo de Souza. O Negacionismo e as Disputas de Memória: Reflexões sobre intelectuais de extrema-direita e a negação do holocausto. **XIII Encontro de História Anpuh-Rio Identidades**, Rio de Janeiro - RJ, 4 ago. 2008. Anais do Evento XIII Encontro ANPUH-Rio, p. 01-09. Disponível em:

http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212957377_ARQUIVO_Artigo-ANPUH-2008.pdf. Acesso em: 6 set. 2021.

MORAES, Luís Edmundo de Souza. XXVI simpósio Nacional de História da ANPUH - Associação Nacional de História. **XXVI Simpósio Nacional de História**, São Paulo, ano 2011, ed. 1º, p. 01-16, 2011. ISBN: 978-85-98711-08-9. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312810501_ARQUIVO_ANPUH-2011-ARTIGO-Luis_Edmundo-Moraes.pdf. Acesso em: 6 set. 2021.

MÜLLER, Enrique. A ultradireita toma as ruas de uma cidade alemã: Pelo segundo dia, centenas de neonazistas se manifestam em Chemnitz contra a morte de um jovem. **El País**, Internet, 28 ago. 2018. Internacional, p. 01-06. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/27/internacional/1535396568_722916.html. Acesso em: 6 set. 2021.

MUSEU DO HOLOCAUSTO (Curitiba). **Objetivos do Museu do Holocausto**. Documento online: Arquivista ARossi, 22 nov. 2011. Internet Archive. Wayback Machine. Objetivos do Museu do Holocausto. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20150318175332/http://www.museudoholocausto.org.br/o-museu/objetivos>. Acesso em: 6 set. 2021.

MUSSO, Pierre. A filosofia da Rede. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da Rede: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. 1º ed. Porto Alegre: Sulina, 2013. v. único, cap. 1º, p. 17-38. ISBN 9788520503737.

NAPOLITANO, Marcos; JUNQUEIRA, Mary A. Como Historiadores e Professores devem lidar com Negacionismos e Revisionismos. **Negacionismos e Revisionismos: o conhecimento histórico sob ameaça**. São Paulo. Síntese dos debates e posicionamentos surgidos no evento promovido pelo Departamento de História da FFLCH / USP – Universidade de São Paulo, p. 01-04, 2019. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5207773/mod_folder/content/0/NAPOLITANO%2C%20Marcos%20JUNQUEIRA%2C%20Mary%20Anne.%20Como%20historiadores%20e%20professores%20devem%20lidar%20com%20negacionismos%20e%20revisionismos..pdf?forcedownload=1#:~:text=8\)%20Esse%20revisionismo%2C%20como%20se,como%20part%20do%20conhecimento%20historiogr%C3%A1fico](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5207773/mod_folder/content/0/NAPOLITANO%2C%20Marcos%20JUNQUEIRA%2C%20Mary%20Anne.%20Como%20historiadores%20e%20professores%20devem%20lidar%20com%20negacionismos%20e%20revisionismos..pdf?forcedownload=1#:~:text=8)%20Esse%20revisionismo%2C%20como%20se,como%20part%20do%20conhecimento%20historiogr%C3%A1fico). Acesso em: 6 set. 2021.

NEPAT. Núcleo Brasileiro de Estudos de Nazismo e Holocausto. UFMG (Minas Gerais).. Online, 2019. Disponível em: <https://www.nepat.com.br/>. Acesso em: 6 set. 2021.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. 1ª edição. ed. Rio de Janeiro - RJ: Zahar, 2020. v. único.

NICOLAZZI, Fernando. Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história: A Independência entre memórias públicas e usos do passado. **Apresentação no Seminário 3x22: 1822 – Independência: Memória e Historiografia**, 2021. Organizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc/SP, em parceria com a USP e a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. p. 01-21. Disponível em: https://www.academia.edu/49455769/NICOLAZZI_Fernando_Brasil_Paralelo_restaurando_a_pa_tria_resgatando_a_histo_ria_A_Independ%C3%A2ncia_entre_mem%C3%B3rias_p%C3%BAblicas_e_usos_do_passado. Acesso em: 6 set. 2021.

NICOLAZZI, Fernando; BAUER, Caroline Silveira. O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. **Varia História**, Belo Horizonte - MG, ano 2016, v. 32, ed. 60, p. 807-835, 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/0104-87752016000300009>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/vh/a/kscZqWVSjDPGVLC7zh8WTfR/?lang=pt>. Acesso em: 6 set. 2021.

PARS TODAY. Extrema-direita alemã na rua contra Merkel. **Pars Today**, online, 30 ago. 2018. Radiodifusão e Televisão (IRIB) (Irã). Notícias Internacionais, p. 01-02. Disponível em:

https://parstoday.com/pt/news/world-i30255-extrema_direita_alem%C3%A3_na_rua_contra_merkel. Acesso em: 6 set. 2021.

POUYDESSEAU, Mathieu. Alemanha, passado e presente – Em que situação se encontra a Alemanha depois dos acontecimentos de Chemnitz? Respostas com M. Pouydesseau. **A Viagem dos Argonautas**, online, p. 01-14, 5 out. 2018. Disponível em: <https://aviagemdosargonatas.net/2018/12/05/alemanha-passado-e-presente-em-que-situacao-se-encontra-a-alemanha-depois-dos-acontecimentos-de-chemnitz-respostas-com-m-pouydesseau/>. Acesso em: 6 set. 2021.

REGERT, Vera Silveira. **Em defesa da herança de Auschwitz**: releitura da história do Holocausto por meio da escritura autobiográfica das vítimas. Dissertação (Mestrado na Área de Concentração em Leitura e Cognição) - Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul - RS, 2007. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=61970. Acesso em: 6 set. 2021.

REISMAN, George. Porque o nazismo era socialismo e porque o socialismo é totalitário. **Mises Brasil**, online, p. 01-05, 24 fev. 2014. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=98&fbclid=IwAR1dI9TAdP9VwGIKU9B20xxXYVh790tvH1ot5gZpuIO-C4TOuJc2ymE317I>. Acesso em: 6 set. 2021.

SILVA, Carlos L. A. da. O problema da câmara de distorção da realidade das redes sociais. *In: Código Fonte: Tecnologia de [a-Z]*. Online, 26 jun. 2016. Disponível em: <https://www.codigofonte.com.br/artigos/o-problema-da-camara-de-distorcao-da-realidade-das-redes-sociais>. Acesso em: 6 set. 2021.

STEFFENS, Marcelo Hornos. O Nazismo foi um regime de esquerda? *In: ROVAI, Marta G. O. (org.). Revisionismos: a universidade esclarece*. 1º. ed. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.

LABORATÓRIO DE USOS POLÍTICOS DO PASSADO - LUPPA. Website. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/luppa/>. Acesso em: 6 set. 2021.

WIKIPÉDIA. **Negacionismo**. Online: [s. p.], 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Negacionismo>. Acesso em: 6 set. 2021.